



- Pescando Pescadores -

*Uma experiência de Educação
Ambiental em Valores Humanos
junto com os Pescadores
da Vila Anselmi em busca do
Conhecimento Ecológico*



RODRIGO MOREIRA DA SILVA

Rio Grande, 2005



- Pescando Pescadores -

*Uma experiência de Educação
Ambiental em Valores Humanos
junto com os Pescadores
da Vila Anselmi em busca do
Conhecimento Ecológico*

Trabalho apresentado como exigência do Programa
de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA )
Mestrado em Educação Ambiental (MEA) da Fundação
Universidade Federal do Rio Grande (FURG )
Orientação: Prof. Doutor Victor Hugo Rodrigues Guimarães

S586p Silva, Rodrigo Moreira da
Pescando pescadores – uma experiência de Educação Ambiental em Valores Humanos junto com os pescadores da Vila Anselmi em busca do conhecimento ecológico / Rodrigo Moreira da Silva – Rio Grande : FURG, 2005.
105 p.

Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2005.

1. Educação ambiental 2. Pesca artesanal I. Título

CDU 504:37:639.2

Catálogo na fonte: Roseli Senna Prestes CRB-10/1601

Agradeço,

...a todos.

RESUMO

Que a leitura do texto faça ‘parar’; para pensar e sentir o que pensamos e fazemos. Este é um trabalho pleno de vida, de realismo e ao mesmo tempo eivado por um profundo sentimento humanitário. O estilo que adoto narra, com um certo “toque” poético, a minha trajetória rumo à autodescoberta enquanto sujeito, enquanto *ser-para-si*. Por vezes, minhas vivências denotam severas decepções e amarguras diante dos desafios enfrentados; ante as contradições e mesmo desencantos e desamparos. O texto deixa transparecer a luta permanente entre viver ao largo do instituído, não se corromper com a norma e, ao mesmo tempo, a implacável condição sociocultural do *ser* em seu *para-si*. Deixei-me perceber em minha totalidade. Intenso. Verdadeiro. Profundo amante da vida. Vigoroso e determinado, ainda que numa leitura microscópica poderíamos adivinhar a delicadeza do espírito aberto à consagração cósmica, à harmonia do inefável, à busca da paz e do amor perenes, tal como se pode notar na cumplicidade entre a borboleta e a flor. Esse arrebatamento íntimo diante das facticidades do real, das surpresas, dos agrados e desagradados parecem, antes de mais nada, fortalecer o espírito para a caminhada rumo àquilo que denomino de “a louca descoberta”. Levo para a linguagem a minha experiência, sempre tensionadamente, com a coragem de deixar-me influenciar por experiências e conceituações de outras pessoas. O mundo da pesquisa em que estou envolto é o mundo da possibilidade, quando reconheço a importância da consciência no processo de conhecer, de intervir no mundo. Compartilho um texto de minha trajetória de vida, dela extraíndo o tema de pesquisa e centrais categorias de análise dos achados da pesquisa. Por isso, logo de pronto, vou me apresentando. Lembro as razões que me trouxeram ao mestrado e explicito a dor da perda como grande momento da produção de rupturas, de encontros comigo mesmo. Razões que conecto com as grandes tarefas da Educação Ambiental, sintetizadas pela conscientização. A história é tarefa humana, desafio permanente. Não podemos contentar com a compreensão banalizada da participação, do ato de dizer a palavra, dos referenciais ocidentalizados. Poderia dizer que a filosofia que acompanho não é a fatalista, e nem a que superestima a vontade do sujeito histórico, individual ou coletivo, ou que nega o papel dos sentimentos, o valor dos Valores Humanos. Creio em toda ciência que tenha sido derivada de uma totalidade imanente, pura, incólume, ou seja, com o concurso da intuição. Aliás, intuição, essa qualidade indescritível da capacidade humana de perceber o fenômeno em seu pertencimento singular a uma totalidade imanente foi, é e será o Avatar da nossa condição humana frente à busca da sabedoria, da ciência, dos saberes, da compreensão, das propostas de novos horizontes, novos mundos, novas e inéditas realidades.

Palavras chave: Educação ambiental. Valores humanos. Organização não governamental.
Pesca artesanal. Economia solidária. Emanipação.

ABSTRACT

Let the reading of this text make you ‘stop’, to think and feel what we think and do. This work is full of life and realism, and is rooted on a deep humanitarian feeling. The style I adopt tells, with a certain poetical feel, my trajectory to self-discovery as a subject, as a *being-for-itself*. At times, my experiences denote disappointment and bitterness before challenges faced; before contradictions and even disenchantment and helplessness. The text lets out the permanent struggle between living outside the instituted, not being corrupted by the norm, and, at the same time, the implacable social-cultural condition of the *being* in its *for-itself*. I was allowed to perceive myself in my wholeness. Intense. Truthful. A profound lover of life. Vigorous and determined, though in a microscopic reading we might sense the softness of the spirit open to cosmic consecration, to the harmony of the ineffable, to the search for everlasting peace and love, as can be noted in the complicity between the butterfly and the flower. This inner rapture before the facticity of reality, the surprises, likes and dislikes, appears, before anything else, to strengthen the spirit for the journey towards what I call the “crazy discovery”. I take to the language my own experience, always excitedly, with the courage to let me be influenced by other people’s experiences and conceptualizations. The world of research that surrounds me is the world of possibility, as I recognize the importance of perceiving the knowing process, of intervening in the world. I share a text on my own life’s trajectory, extracting from it the research theme and central categories of analysis of my research’s findings. Therefore, I promptly present myself. I recall the reasons that have brought me to the Master’s program and make explicit the pain of loss as the great moment for generating breakthroughs, encounters with myself. Reasons which I connect to the great tasks of Environmental Education, summed up by awareness building. History is a human endeavor, a permanent challenge. We cannot be contented with the trivialized understanding of participation, in the act of saying the word, the Occidentalized referentials. I would say that the philosophy I follow is not a fatalistic one, nor the one that overestimates the will of the historical subject – individual or collective – or that dismisses the role of feelings, the value of Human Values. I believe in all science derived from an immanent, pure, unharmed wholeness, that is, with the help of intuition. Intuition in fact, that indescribable quality of the human ability to perceive the phenomenon in its unique belonging to an immanent wholeness has been and is the Avatar of our human condition before the search for wisdom, science, knowledges, comprehension, proposals for new horizons, new worlds, new and inedited realities.

Keywords: Environmental education. Values humans. No government organization. Artesian fishery. Solidary economy. Emancipation.

SUMÁRIO

1996	8
1 CONFETOS E ENCANTAMENTOS	28
1.1 Sri Sathya Sai Baba: O Além do Homem	28
1.2 O Fóssil de Amonite: A Comunidade da Vida	42
2 PESCANDO COM OS SUJEITOS	52
2.1 Onde estamos?	54
2.1.2 O Município de Santa Vitória do Palmar	55
2.1.3 Vila Anselmi	57
2.2 O paradigma da pesca: um paradigma em substituição?	59
2.2.1 Os pescadores artesanais	62
2.2.2 Associação de Pescadores da Vila Anselmi – APEVA	63
3 EM BUSCA DO CONHECIMENTO ECOLÓGICO – CE	70
3.1 Pisando em ovos: o caminho metodológico	71
3.2 Com que método?	75
3.3 O fazer metodológico: caos auto-organizado	79
3.4 Pesca Além da Crise	82
4 ‘SUCCÈS FOU’: LOUCA DESCOBERTA	92
5 ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES	97
REFERÊNCIAS	98

1996

Fé em si, Fé em Deus: “A autoconfiança é a base para a fé em Deus. Quem não se conhece, quem não tem confiança em sua própria força e poder, afirma que Deus não existe. Mas como podem eles dizer que O Deus em quem você acredita, e é real para você, não existe?”

SSS 8

Por que fiz o mestrado em Educação Ambiental? Por que quero ser um educador ambiental? Tantas vezes fui questionado com essas perguntas e encontrei tantas respostas nesses dois anos e meio que venho fazendo o mestrado, que decidi compartilhar com vocês todo o percurso desta minha caminhada até aqui. Penso que assim posso, ‘definitivamente’ (talvez uma grande pretensão) estruturar uma possibilidade plausível para essa trajetória e me reencontrar como pessoa, como ser humano e finalmente como educador ambiental. Quero deixar claro que, quando escrevo e, de certa maneira, materializo minhas experiências e minhas vivências nessas palavras, estou fadado a deixá-las sem vida, sem as emoções e os sentimentos a que elas estão vinculadas. Peço desculpas antecipadas pela minha dificuldade de escrever algo que é para ser vivenciado e experimentado e não pode ser expresso na sua grandiosidade. São apenas momentos vividos intensamente. Cada um sabe as alegrias e as tristezas que trazem no coração. De qualquer maneira me atrevo a tocar seus corações com minha história.

Como em qualquer história da humanidade que conhecemos, temos aquele momento de ruptura, aquele instante em que dizemos ser o ponto de ruptura, que referimos a ele como sendo o marco histórico do antes e do depois. Minha história não é diferente, ela também tem esse momento. O instante de ruptura, que me refiro como sendo o antes e o depois, é o ano de 1996. Os acontecimentos ocorridos nesse ano produziram uma reação em cadeia de circunstâncias, que as escolhas feitas ali, mudaram completamente minha vida. A Educação Ambiental, dentro dos muitos conceitos que fundamentam sua ideologia de existência, tem um em particular, que é o da conscientização. Conscientização de uma porção de coisas, como por exemplo, a consciência individual e suas plenitudes físicas, mentais e emocionais; sua política, holística, metafísica e atitude ambiental. A consciência social com o direito individual, o coletivo, o democrático; a economia ecológica e a organização não governamental; o movimento de gênero e a liberdade global. A consciência Cósmica que inova e revitaliza a humanidade com a plenitude individual, propõe a responsabilidade social

e a transcendência espiritual. Hoje, com segurança, posso afirmar que foi exatamente ali, no ano de 1996, que se estabeleceu meu processo de conscientização. Estabeleceu-se, pois acredito que por mais que agrada a idéia de infinitude na troca de papéis entre instituído e instituinte, a consciência não é um processo, é sim um estar, um ser. Sou consciente ou não sou. Tenho caráter ou não tenho caráter. Não existe ‘meio’ caráter. Sei que minha crença vai na contramão do que se tem de mais atual sobre o assunto. É difícil explicar o absoluto em um mundo, dito moderno ou pós-moderno, pautado pelo relativismo, pelo contínuo processo de aparentes mudanças. A aparente mudança, o processo de conscientização são apenas aspectos materiais do inefável, para que possamos desvelar e reconhecer o que É o Absoluto. A consciência não é um processo, o desvelar dessa consciência é que é o processo. Em um mundo tão relativo, o ser que É parece destoar da paisagem monótona que impomos. ‘Relativizamos’ o mundo, o outro e a nós mesmos na melhor das intenções, deixando que o processo de conscientização de cada um descubra as absolutas maneiras de conviver em harmonia. O desvelar da consciência não é um processo de conscientização das mudanças aparentemente externas, é sim termos coragem de abrir o peito e mergulhar no infinito e pleno oceano interior e descobrir que o que é perene está mais próximo do que o toque de nossas mãos.

Mas não foi em 1996 que estava cursando o Mestrado em Educação Ambiental e tinha essas “pré-ocupações”: neste ano eu sofri uma perda. Meu irmão Douglas, de vinte anos se suicida na sacada de minha casa no dia vinte de setembro, enforcado. Minha mãe e outros dois irmãos eram os únicos que estavam em casa com ele no dia do acontecimento. Meu pai viajava a trabalho e eu estava em Rio Grande, fazendo a faculdade de Oceanologia. Tinha estado lá em agosto, durante as férias da faculdade. Minha mãe tinha alertado a todos que meu irmão não estava bem, mas ninguém deu atenção suficiente as suas palavras. Depois de muito tempo, ela conseguiu me descrever os momentos daquela tragédia. Até hoje nunca consegui conversar com meus outros dois irmãos sobre aqueles momentos que presenciaram e foram decisivos na minha vida.

Na época meus irmãos estavam um com dezesseis e o caçula com doze anos. Era uma noite calma de sábado numa cidade do Triângulo Mineiro. Dona Maria José, minha mãe, disse que estava tranqüila em sua vigília incessante às ações do Doga, que era como o chamávamos, pois ele tinha apresentado uma alegria especial naquele final de semana. Mesmo assim não tirava os olhos do encaço dele. Assistiam à televisão e riam de algo que passava na programação de uma e outra emissora. Diz ela que o cansaço de sua vigília a venceu por um momento e ela acabou por cochilar e pegar no sono, lá por volta das nove e meia da noite.

Sabe aquela intuição feminina de mãe? Então, por volta das onze e meia essa intuição provoca uma sensação desconfortável no sono de minha mãe e ela acorda com o pensamento fixo no meu irmão. “Cadê o Doga?”, foi a primeira coisa que Dona Zezé pensou ao acordar. Sua intuição, a respiração artificial que o Dani fez, o de dezesseis anos, e a presença de espírito do Dioguinho, o caçula, deram esperança de vida à vida do Doga.

Ficou no hospital em coma por uma semana e não resistiu. Faleceu no dia vinte e sete de setembro. Foi uma corrida para a vida, a dele e a nossa. O dia vinte de setembro de 1996 foi um dia que estava estranhamente solitário para mim. Estava em casa, vivendo um daqueles dias de caverna, “encarando” meus mais lindos sonhos e meus mais horripilantes pesadelos. Cursava o terceiro ano de Oceanologia e tinha todo o tempo do mundo pela frente. Sabe aquelas histórias cabeludas que contam sobre os ‘alunos de Oceanologia’? Pensava que estava à altura, que fazia jus de protagonista, de ser um sujeito histórico das futuras histórias que seriam contadas. Vocês sabem, oceanólogo faz de tudo: desde pilotar avião, passando por biogenética até modelagem global de sistemas ecológicos. Não tem nada que ele não possa fazer. São os profissionais mais versáteis que já conheci. E em minha idealização, sonhava em realizar algo que nenhum outro oceanólogo tivesse feito, acreditando sempre na possibilidade de trilhar o caminho que conduz a uma vida digna de ser vivida e passível de ser realizada.

Fico sabendo do que acontecera com o Doga no domingo bem cedo. Tento entender o que estava acontecendo e, dois dias depois, estou em Uberaba, Minas Gerais. Decidido fazer alguma coisa que trouxesse meu irmão de volta do coma; pela primeira vez em toda a minha vida pude entender o amor incondicional que as pessoas podem ter umas pelas outras. Cada tempo que passava era uma jornada do tudo ao nada. E o tempo ia passando e as notícias médicas não nos davam perspectivas nada reconfortantes. Em um desses momentos entre o tudo e o nada, a possibilidade de qualquer alternativa não ortodoxa serviria como uma possível esperança de vida. Lembrei de uma pessoa com quem o Doga tinha feito amizade e que eu não conhecera, mas que os meus pais conheciam. Seu nome é Naga Kesaranda Giri e atribuíam a ele poderes místicos, pelos quais me interessava mais de perto pelo poder da cura. Era mais uma tentativa desesperada de vencer a morte. Quando nascemos, temos apenas uma certeza inevitável: a de que vamos morrer um dia. Porém como estamos despreparados para este momento de transição. Como esse tabu nos traz incertezas e impotências.

Foi meu primeiro contato próximo com a morte. Foi assustador. Uma sensação de perda que não pode ser descrita. Como somos apegados ao que chamamos de materialismo. Acredito que estava sendo preparado para esse momento, pois uns dois meses antes de tais acontecimentos, ‘caiu’ em minha mão um livro intitulado *O Homem: donde e como veio, e*

para onde vai?, de Annie Besant e C. W. Leadbeater (1995). Nunca tinha me importado muito com a leitura fora da minha obrigação, lia obras para a faculdade e nada mais. Mas esse livro em particular me atraiu pela curiosidade e novidade do assunto. Não fez muito sentido na época em que o li, mas depois o quebra-cabeça começou a se tornar mais claro, mais nítido.

Meu pai e eu fomos procurar esse senhor, o Naga, mesmo sentindo uma descrença na possibilidade remota de ele poder fazer algo em relação ao caso desanimador de meu irmão. Agradeço todos os dias por ter ido ao encontro deste que considero meu mestre. Queríamos o milagre da ressurreição e ele nos deu o reconforto da realidade da vida. Queríamos a infinitude da matéria e ele nos deu a eternidade da existência. Queríamos o impossível e ele nos deu a possibilidade de continuar de maneira digna e valorosa. Tudo isso sem o dogmatismo religioso, sem a formatação acadêmica científica, sem nenhuma valoração econômica de sua amizade e muito menos sem a superioridade do autoritarismo hierárquico. Apenas o serviço desapegado de seus resultados e a imanência do amor pela vida.

Descobri a dimensão da fraternidade cósmica, mas não de estalo. Precisava de um tempo para curar minhas feridas, reavaliar meus objetivos e compreender o sentido da vida. Tranquei a faculdade de Oceanologia, deixei minhas amizades e meus romances para traz, sem muita explicação, e fui me refugiar em meu torrão natal. Não foi nada fácil. No princípio me “fechei em copas”, como dizia meu pai. Vivia encerrado em mim mesmo tentando avaliar o objetivo daquilo tudo. Foi uma noite longa, muito longa. A noite mais longa e escura que já vivi. Poderia ter nunca mais saído da densa noite. Seria o mais fácil a fazer, mas em vez disso escolhi a luz do dia. Não admitia que aquela perda se transformasse em uma lamentação eterna do que poderia ter sido feito. Imaginem a impotência dos meus pais em um momento como esse. Eu tinha que fazer alguma coisa, por eles e por mim. E fiz.

Comecei por dedicar meu tempo a estudos solitários de escritores que considero, em sua grande maioria, marginalizados pela academia, como Annie Besant (1990, 1992, 1995 a, b, c, 1997), Helena P. Blavatsky (1990, 1991, 1992, 1993), Patrick Drouot (1995, 1996 a, b), Marian Green (1993), Eugen Herrigel (1995), Rudolf Lanz (1990), C. W. Leadbeater (1992; 1993; 1995 a, b, c, d, e, f, g; 1997; 1998), Rollo May (1995), Robert A. Monroe (1995), P. D. Ouspensky (1995), Carlos Bernardo G. Pecotche (1995), Arthur E. Powell (1995), Huberto Rohden (1980), Jean Saunier (1979), Barry Stevens (1978), Ruth White e Mary Swainson (1978), Therese A. Tellegem (1984), Pierre Weil (1987, 1995), que, longe de serem apelações à auto-ajuda, descortinavam uma nova dimensão da realidade, pelo menos da realidade tosca que eu vivia. Foi como um renascimento. Comecei a compreender a multiplicidade do ser e o

quanto estava distante desse estar. Como eu disse, era um estudo solitário, mas surgiu uma ansiedade de poder compartilhar com outros minha descoberta, poder conversar sobre esse ser, pois em determinados momentos eu achava que estava ficando louco, que aquilo que estava descobrindo era um achado espetacular. Que todos os sofrimentos da humanidade poderiam ser curados e que viveríamos em plena bem-aventurança para todo o sempre. Não, agora percebo que estava apenas encontrando a mim mesmo pela primeira vez. Estava apenas no início de uma longa jornada. Estava apenas respondendo algumas perguntas simples que nunca tinham sido imaginadas por mim: Quem sou eu? De onde vim? Para onde vou? Percebi que as questões mais simples são as mais complexas de serem respondidas.

Minhas primeiras intervenções e indagações foram no meu meio ambiente mais próximo: minha família, que logo apresentou suas limitações de argumentação. Precisava alçar vôos mais altos. Foi quando iniciei uma exploração fora do entorno do meu meio ambiente. Fiz contato com o Naga, que semanalmente tinha reuniões em seu *Ashram*¹ para estar em *Sathsang*² e, para minha surpresa, convidou-me a participar do grupo que freqüentava essas reuniões. Fiquei muito honrado com o convite. O meu sentimento pode ser comparado ao de um neófito³ que encontra seu mestre e é por ele aceito. Já havia lido essa emoção no livro *Autobiografia de um iogue*, de Paramahansa Yogananda (1981), mas poder vivê-la é indescritível. É o momento mais sublime na vida de um ser. Permaneci como neófito, efetivamente no grupo, durante um ano e meio. De reuniões uma vez por semana, logo passaram à freqüência de três vezes na semana, mais todos os domingos do mês.

No início me sentia como um estranho. Tudo era novidade. Aquelas histórias do Naga ser um místico e fazer ‘mágicas’ se dissolveram e se tornaram histórias de um ser humano erudito, humilde, amoroso, disciplinado, educador e protagonista de uma das mais belas histórias de vida que já ouvi. Ser harmonizado com o passado, presente e futuro; vivenciando de maneira digna toda uma proposta de vida, mostrando a nós a integridade, a coerência e o caráter entre os pensamentos, as palavras e as ações. Quando somos criança, projetamos em nossos pais a imagem dos super-heróis incorruptíveis que, pelo menos, queremos ser; e em determinado momento de nossa existência, na adolescência, por exemplo, transferimos para nossos ídolos, fabricados ou não pelo mundo em que vivemos, e assim estamos tentando dar um sentido e um motivo às ações em nossas vidas. E era exatamente isso que estava

¹ Comunidades espirituais, moradas dos santos ou dos ascéticos. (SECCA, 2001).

² *Sath*, a verdade, Deus...; *sang* (junção, associação, comunidade, grupo de pessoas...). Os grandes Mestres da humanidade sugerem como procedimento importante, para a realização de Deus, a companhia de ou associação com pessoas santas, puras, avançadas no caminho, e que amem *Sath*. Se o leitor é aspirante à realização, cultive amizade e a companhia de pessoas mais espiritualizadas. (SATHYA, 1996).

³ O *Seva*, o novato; o iniciado na prática disciplinar, no treinamento espiritual. (SATHYA, 1996).

acontecendo: eu estava reformulando o sentido da minha vida e meu foco de atenção era a figura do mestre espelhada no mestre Naga.

Minha grande inquietação e ansiedade no processo de aprendizagem diziam respeito a questões como: Em qual fonte viva emana tanta sabedoria? Onde é que ele se alimentava e se renovava? De onde vinha tanta vitalidade? Qual seria a sua fonte de luz? Em qual oceano de liberdade ele se banhava? De onde vinha tanta energia para os seus sonhos? Em qual espelho ele se refletia? Foi assim que conheci Bhagavan Sri Sathya Sai Baba, o homem santo da Índia, o Avatar⁴ entre os seres humanos, o além-homem de Friedrich Nietzsche (2004). A empatia foi imediata. Não tive dúvidas de que aquele era um ser especial e estava à altura de desempenhar seu propósito a toda a humanidade. Foi em pequenas porções, bem dosadas, que tomei conhecimento de quem era Sathya Sai Baba, de suas histórias, de seus objetivos e de seu trabalho em prol de uma educação da comunidade humana nos caminhos da paz.

Minha fascinação e curiosidade por Sai Baba tornou-me um assíduo freqüentador de uma livraria em Uberaba, a Alternativa. Ali minhas economias foram moedas de troca para inúmeras viagens à cultura milenar e mágica do Oriente, em especial à magia do continente Indiano. Nós, ocidentais, estamos sempre referindo nossa origem cultural ao momento histórico grego. Que nossa filosofia, matemática, democracia, ciência, história, arte, política, economia se fundamentam na ruptura histórica do antes e depois dos gregos. Menosprezamos sabedorias do além tempo, que provavelmente foram à fonte de vida dos nossos antepassados culturais gregos. Castramos nossa capacidade de abertura criativa a novas propostas de conhecimento da realidade, por causa de vaidades individuais enraizadas em um tradicionalismo cultural. No início, quando entrava na livraria, meu interesse principal, meu foco catalisador em adquirir um livro fixava-se em autores que explanavam somente a respeito de Sai Baba, embora sempre tivessem outros autores com assuntos indiretamente ligados a esse tema que também despertavam minha atenção. Além do mais, era a maneira como conseguia me atualizar para os encontros no *Ashram*.

Achava incrível a diversidade de autores que encontrava e que tratavam deste tema: J. S. Hislop (1996), Howard Murphet (1995, 1997), Hermann Hesse (1994), Phyllis Krystal (1986, 1998), Maurice Percheron (1968), Mark L. Prophet & Elizabeth Clare Prophet (1997), Hazrat Inayat Khan (1994), Swami Abhedananda (1967), Vimala Thakar (1998), Chögyam Trungpa (1995), François Chenique (1993), Swami Premananda (1994), Michel Coquet (1998), Robert

⁴ Literalmente significa 'descida'. Cada vez que Deus *desce* à forma humana para reconduzir a humanidade à Lei Eterna, temos um Avatar: Rama, Krishna, Buddha, Cristo, Sai Baba. Sathya (1996).

Hollings (1983), Walter de Sousa & Maria Raquel S. Villares (1998), Júlio César F. Machado (1996), José Hermógenes (1996 a, b; 1997), Eugenia Puebla (1997), M. N. Rao (1995), Regina Migliori (1993), Antonio & Sylvie Craxi (1995), que conheceram Sai Baba em algum momento de suas vidas ou que possibilitaram uma reflexão sobre as contradições existenciais, me levando à busca de novas formas de superá-las. Este continua sendo o meu vínculo no *Ashram*.

O grupo que se reunia no *Ashram* sempre foi heterogêneo em suas classes sociais, em suas diferenças de gênero, em suas convicções religiosas, em suas representações políticas, em suas escolhas sexuais, em suas ideologias profissionais e sempre esteve aberto para outro ser qualquer que aparecesse. Nunca entrei em um lugar como o *Ashram*, onde as pessoas sentem a liberdade de serem elas mesmas e mantêm um respeito umas pelas outras sem a sombra opressora de serem reprimidas por uma regra imposta por outrem. Respeitam umas às outras porque querem ser respeitadas. Não é uma chamada exterior, mas sim um compromisso interno consigo mesmas. Estava tudo perfeito, a alegria estava de volta e o dia de sol estava em seu zênite.

As intervenções e indagações feitas no *Ashram* incentivaram-me a alçar vôos mais altos. Como seria a aplicabilidade educacional do que aprendera naqueles dezoito meses em uma proposta acadêmica? Os últimos meses do ano de 1997 foram dedicados a estruturar uma estratégia de, digamos, curto prazo: os próximos três anos. Retornaria aos meus estudos de Oceanologia em Rio Grande e me formaria no começo de 2001. Não havia esquecido do meu ideal de inovação e originalidade que tanto queria para meu trabalho como profissional de Oceanologia. Por sua versatilidade, sempre acreditei que um oceanólogo também poderia ser um educador de Valores Humanos. Mais tarde entendi que qualquer ser humano que está na busca da auto-realização tem que viver em Valores Humanos. A Fundação Peirópolis tem um *campus* chamado ‘Estudos para o futuro’, sediado em Peirópolis, no distrito de Uberaba, e realizava uma proposta metodológica educacional idealizada por Sathya Sai Baba, em parceria com a Secretaria de Educação de Uberaba. O projeto intitulado “Formar formadores” atendia a professores da rede pública, estadual e particular, de ensino fundamental e médio do município de Uberaba.

Com a proposta em mãos, sabendo que de alguma forma a usaria em meu projeto de graduação em Oceanologia, retornei a Rio Grande em março de 1998 para dar continuidade aos meus estudos, digamos, acadêmicos. Sentia-me capaz de mudar o mundo, tinha meus objetivos bem traçados e a idéia fixa em fazer das minhas vivências algo passível de transformação da realidade pela força dos meus novos sonhos, tanto no âmbito pessoal como

no profissional. Trazia junto a minha bagagem um novo discurso, o discurso da possibilidade ambiental, social, cultural, política, econômica, enfim, de viver fraternamente balizado pelos fundamentos em Valores Humanos difundidos pelo educador Sathya Sai Baba. Mas nem tudo acontece como queremos. Podemos programar todos os detalhes de nossa vida e vivermos como robôs que mesmo assim vamos ser surpreendidos por acontecimentos que nem sequer imaginamos. Se não estamos abertos a novas possibilidades, estamos fadados a frustrações e a eternas lamentações. Em apenas seis meses de retorno a Rio Grande, eu estava praticamente casado com a Ana Carolina, minha eterna companheira. Ela já esperava em seu ventre nossa filha, Maria Vitória Easwaramma, a estrelinha mais brilhante do nosso céu. Isso eu não tinha programado em minha estratégia. Mas foi a bênção de uma nova vida. Certamente foi um recomeçar com mais beleza, com mais companheirismo, com mais amor e a alegria de poder viver a proposta de Sathya Sai Baba não individualmente, ‘sozinho’, mas em família.

O tempo não pára e, em seu contínuo fluir, chega o momento de procurar uma orientação que direcionasse minha defesa acadêmica no projeto de conclusão do curso de Oceanologia. Sabia que não era uma tarefa fácil, pois nenhum dos docentes que conhecia no curso, tinha o perfil para entender e apoiar as idéias de união da técnica oceanográfica com a filosofia de vida fundamentada em Valores Humanos. Conversando com algumas pessoas sobre esse dilema, fui encorajado a conversar com a professora Judite Cortesão. Disseram que era a pessoa perfeita para esse papel, que entenderia minhas propostas e daria a luz para o meu caminho. Como era uma pessoa popular, consegui facilmente marcar um encontro com ela em sua casa. No dia e hora marcada, estava eu lá, ansioso por conhecê-la pessoalmente. Bati em sua porta e fui convidado a entrar. Enquanto expunha minhas idéias, foi servido um bom chá, e depois de falar sobre meu objetivo ela olhou bem para mim e disse mais ou menos assim: “[...] o que você quer fazer não tem nada a ver com Oceanologia; o que você quer fazer é, no máximo, um curso para pessoas da comunidade que gostam de coisas alternativas. Sabia que você pode até ganhar um bom dinheiro com isso? Mas se você desistir dessa idéia, eu posso lhe oferecer uma oportunidade. Você pode dar continuidade a algo com que estou trabalhando, tenho tanta coisa para fazer que você poderia me ser útil[...]”. Saí dali muito desapontado. Tinha ouvido falar tão bem dela. Talvez não tenha sido capaz de me fazer entender.

Mas não desisti de minhas convicções e comecei a elaborar o projeto sozinho mesmo, porém as formalidades institucionais da academia cobravam uma orientação. Sabendo claramente de minhas dificuldades em encontrar um orientador, a Ana me dizia para procurar um ex-professor dela. Sempre quando comentava a respeito dele, percebia um entusiasmo em

sua fala, expressiva do como ele era diferente. Esse professor se chama Tabajara Lucas de Almeida. Só vim a conhecê-lo no começo do ano de 1999. Cansado de ser persuadido a desistir da idéia de unir Valores Humanos e Oceanologia, e pressionado pelo regramento da Comissão de Curso de Oceanologia, finalmente marquei um encontro com o Taba e nos conhecemos pessoalmente. Fui ao encontro cheio de esperanças, apesar de no fundo do meu peito se escutar um grito de medo.

Foi mágico: ele deu força as minhas esperanças de poder trabalhar no projeto, sem a censura ditatorial que havia encontrado no passado. Foi tudo ao contrário, ficou muito empolgado com minhas idéias e queria compreendê-las melhor. Teve a sensibilidade de me dar atenção e não colocar obstáculos intransponíveis em nossa aproximação. Enfim encontrei alguém que parou para escutar o que eu tinha a dizer. O Taba é uma pessoa muito ativa e prestativa, sempre atuante em vários setores da sociedade. Não era o melhor momento de acolher mais um orientando a seus afazeres. Com sua maneira elegante e serena de tratar qualquer assunto, me disse que poderia, no máximo, ser o co-orientador do meu projeto e que já tinha o orientador ideal para mim. Fiquei tentando imaginar quem seria. Me disse que seria um professor pelo qual tem profunda amizade e que estaria disposto a auxiliar nas minhas propostas. Um professor que fazia parte do quadro docente do curso de Oceanologia, que facilitaria muito as coisas, se não fosse por um detalhe: seus pares o criticavam e o marginalizavam por suas idéias diferentes e inovadoras. Será que nada é perfeito? Mas já estava ótimo, o resto seriam meros detalhes.

Esse professor se chama Robert Betito. Depois de alguns encontros e muito diálogo, Betito me disse uma frase: “Não serei seu orientador, mas sim seu desorientador”. Naquele momento achei engraçado o que havia escutado e só fui compreender o real significado da frase nos dois anos seguintes. A relação de ‘desorientador e desorientado’ se transformou de mera formalidade em infinita amizade, sempre pautada pelo respeito e ajuda mútua. A relação profissional transmutou-se em relação pessoal e, ao contrário do que muitos acreditam, não nos matamos e conseguimos fazer nosso trabalho com o profissionalismo que qualquer instituição preconiza. Ganhei mais do que um título de oceanólogo, ganhei um amigo. Não existe dinheiro que pague isso. O que motiva a vida pessoal e profissional do professor Betito pode ser sintetizado por sua preocupação com o fato de que atualmente a humanidade atravessa uma crise, talvez a mais grave de nossa história, visto que ela abrange o conjunto do planeta. Essa crise se manifesta através da degradação moral e ética da civilização e o conseqüente desaparecimento de espécies animais e vegetais até a destruição de ecossistemas inteiros. E para reverter essa crise, será necessário propiciar a formação de cidadãos

conscientes e críticos da realidade e dos problemas que nos afligem no cotidiano, promovendo, através da Educação, a ampliação plena de conhecimentos em prol do aumento da Qualidade de Vida tanto na coletividade quanto no desenvolvimento íntegro e digno de nossas vidas pessoais, sociais e profissionais (BETITO, 1999). Nessa filosofia de vida encontrei terreno fértil para disseminar minhas sementes sobre os Valores Humanos. Mas sempre tem um porém. Eu não poderia falar diretamente sobre Sathya Sai Baba em meus textos. Teria que achar uma maneira de deixá-lo como pano de fundo e apenas aplicar suas metodologias no curso de extensão que criaríamos. Achei justo esse pedido, era algo de que eu poderia abrir mão.

Nossa intenção era estruturar um projeto que abarcasse três níveis de ações: pesquisa, ensino e extensão. No nível da pesquisa, nossas ações foram direcionadas para a revisão bibliográfica. Pela primeira vez entrei em contato com a Educação Ambiental e sua multiplicidade de seres. Era o que Betito me dizia quando falava em interdisciplinaridade, em visão cósmica, em atitudes holísticas, em mundo Gaia, em sistemas não lineares de estratégias evolutivas estáveis e muito mais. Achava aquilo tudo mágico, porque conforme desvelava essas novas possibilidades, mais conseguia encontrar reverberação na filosofia de vida em Valores Humanos. Estava acontecendo algo que até então eu não tinha percebido: estava no mundo e o mundo estava em mim de uma maneira diferente de antes, e estava dando certo. Um tipo de sinergia perfeita, sei lá. Fiquei fascinado com a tal de Educação Ambiental e o quanto ela complementa e viabiliza o agir da filosofia que tanto defendia. Queria mais e comecei a procurar uma porção de autores que poderiam me contar a respeito de Educação Ambiental, como Celso Antunes (1998), Edgar Morin & Jean-Louis Le Moigne (2000), Félix Guattari (1990), Joseph O'Connor & John Seymour (1995), Daniel Quinn (1998, 1999, 2000, 2001), Peter Russel (1995), Murilo N. Azevedo (1999), James Lovelock (1991 a, b), Desmond Morris (1990, 2001), Richard Dawkins (1979), Clemente Nóbrega (1998), Moacir Gadotti (2000), Fritjof Capra (1995, 1999 a,b; 2000 a,b), Genebaldo Freire Dias (1998), Lester R. Brow (1994) e descobri que tanta afinidade, que tanta complementaridade de conceitos possibilitaria a harmonização entre o que eu acreditava ser a Educação Ambiental e os Valores Humanos. Fiquei surpreso.

Nos níveis de ensino e extensão formulamos um curso, primeiramente pensado para os professores do ensino fundamental, para ser ministrado nas dependências da FURG, com a duração de quarenta horas aula para os professores receberem um certificado que legitimasse a ausência de seus afazeres na escola. Divulgamos e convidamos todas as escolas municipais, estaduais e particulares do Município do Rio Grande. O dia de início do curso estava

chegando e ainda se registrava um número muito baixo de inscrições. Decidimos ampliar nosso público-alvo, divulgando o curso à comunidade acadêmica e à sociedade civil. Mesmo assim tivemos poucos inscritos. Muito amadorismo de *marketing* da nossa parte. Agradeço, até hoje, pelo apoio institucional formal do antigo Núcleo de Estudos Canadenses – NEC, por corroborar e emitir os certificados aos participantes do curso. Foi a vivência de um sonho a defesa de meu trabalho de conclusão de curso: “Educação Ambiental e Valores Humanos: uma abordagem do ‘Eu’ ao ‘Nós’”. Acreditei na minha proposta e nunca perdi a autoconfiança. A persistência e a perseverança na prática vivencial em Valores Humanos estava doando seus primeiros frutos. Estava muito contente por isso. As fotos que tenho da época de nossa formatura podem confirmar essa felicidade. Mais uma vez quis alçar vãos mais altos, e desta vez não estava mais sozinho, estava em família. Nós dois, recém-formados em Oceanologia, lançamos rumo ao não tão desconhecido, de volta, rumo a um trabalho de mercado distante da vida que construímos em Rio Grande.

Deixamos Rio Grande em busca de horizontes novos, procurando o nosso caminho para a Índia como nas Antigas Navegações, mas a cada vez que olhávamos para frente, mais saudades sentíamos do que estávamos deixando para trás. Estabelecemos laços tão estreitos e apertados com a vida no Cassino, que estava difícil qualquer tipo de adaptação. Tudo que fazíamos era motivo de comparação com o estilo de vida que levávamos no pequeno balneário da cidade do Rio Grande. O ano de 2001 foi marcado pelo nosso nomadismo e nossa, mais minha, melancolia. Cansados de perambular de um lado para o outro, resolvemos deixar de lado o mercado de trabalho e optamos por fazer uma pós-graduação. Dizia à Ana que deveríamos fazer o que mais sabíamos: estudar. O próximo passo natural seria fazer um mestrado. Mas mestrado em quê? Somos oceanólogos e o leque de opções era enorme. Quanto mais pensávamos, mais estreitávamos nossas opções em direção à Educação Ambiental, que era uma área nova e próspera, aberta a pessoas com ideais como os nossos, um espaço que preconizava a liberdade e a justiça, que cultuava a prática qualitativa e a preocupação com a emancipação de todos os seres. Só que nós não sabíamos que o único Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental no Brasil é o da FURG, pelo menos até o início do ano de 2002. Pensávamos que existissem mais mestrados em Educação Ambiental espalhados pelo Brasil. Na Bahia, por exemplo. Que nada! Estabelecemos nossas estratégias para retornar a Rio Grande e dependíamos do ingresso no mestrado de, pelo menos, um de nós. Tentei inovar na prova escrita, fazer algo diferente e nem passei para a segunda fase. Felizmente a Ana passou e foi aceita no mestrado. Estávamos de volta e decidimos que para sair de novo do Cassino só com algo muito, muito bom. O certo é que para onde quer que a

gente vá, o Cassino nunca mais vai ficar para trás. Não haveria mais decisões precipitadas, fundearíamos nossa base no extremo sul de onde poderemos alçar os vãos mais altos, inimagináveis, que sempre teremos para onde retornar.

Mesmo não compondo o quadro de discentes do programa de Educação Ambiental da FURG do ano de 2002, estava sempre na volta, participando de todos os eventos do mestrado que estavam sendo abertos à comunidade marginalizada. Sem falar do acompanhamento que fazia em casa, junto com a mestrande Ana, e das leituras de autores como Izabel Petraglia (2001); Fernando Oliveira Noal (1998, 2003); Dinizar Fermiano Becker (1997); Maurício Andrés Ribeiro (2000); Edgar Morin (2002 a, b); Paulo Freire (1987); Geraldo Mario Rohde (1996) e Leonardo Boff (2003). O trabalho remunerado, que estava momentaneamente de lado, logo se tornou um objetivo primário. No meio do ano, depois de várias tentativas de emprego, conseguimos trabalho no Núcleo de Educação e Monitoramento Ambiental – NEMA, uma organização não governamental de utilidade pública, na qual trabalhamos até hoje. Agradeço primeira e publicamente à Rita Patta Rache, por acreditar em nossas idéias e nos dar a oportunidade de desenvolver nosso trabalho e, claro, a toda equipe de profissionais que passaram e que estão no NEMA. Eles são a alma, o *anima* da organização. Gosto de pensar que somos uma grande família. Foi justamente trabalhando no NEMA que tive a possibilidade de encontrar a comunidade de pescadores da Vila Anselmi, os grandes protagonistas deste trabalho. Não só de encontrar, mas de fazer parte de suas vidas através da vivência que tivemos no ano de 2004/2005. Vivência que culminou no presente estudo e a qual será compartilhada no decorrer de minhas divagações.

Não deixei de pensar no mestrado, pelo contrário: me sentia ainda mais fortalecido para o processo seletivo de 2003. E foi em vinte e um de fevereiro desse mesmo ano, uma sexta-feira, o dia em que recebi a notícia de ter sido aceito no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental na FURG. Fiquei tão contente com a notícia, que só sabia dizer: “[...] eu entrego, eu confio, eu aceito, eu agradeço [...]”. Estávamos viajando de férias e pensei no quanto a viagem ia ser tranqüila depois dessa notícia.

Voltamos para Rio Grande no começo do mês de março, para ter tempo de fazer a entrevista para as bolsas⁵ do mestrado. Aliás, bolsas que o mestrado não tinha há muito tempo. Nem eu nem a Ana conseguimos nos qualificar para receber tal ajuda de custo. Mas estava muito ansioso para me preocupar com isso. Tinha um trabalho e agora tinha dado o primeiro passo na direção de ser um Educador Ambiental. “Melhor que isso, só dois disso”.

⁵ Uma ajuda de custo distribuída a estudantes pelo CNPq.

As propostas para o projeto do mestrado, digamos que, não foram idealizadas “de estalo” tinham como título “Metodologias, vivências, práticas e ensino em Valores Humanos e Educação Ambiental – religar e realizar”, que propunha o pensar, o refletir, o viver e o agir sobre o trabalho cotidiano do educador a partir de experiências vividas no âmbito informal de ensino, para o desenvolvimento de ações educacionais que tenham como fundamentos a integração da Educação Ambiental e da filosofia em Valores Humanos Como se trata de um processo dinâmico, as transformações são inevitáveis. É a ordem se tornando caos e o caos se tornando ordem. Digo isso porque aconteceram transformações durante o tempo em que as propostas foram discurso e o momento em que o discurso se materializou em escrita. Foram tantos os obstáculos para chegar até onde estou que, tenham uma certeza, nunca desisti e nunca desistirei de sonhar. Um sonho que se sonha sozinho é apenas um sonho que se sonha sozinho, um sonho que se sonha junto é um sonho que extrapola a dimensão do real... e, quando o sonho extrapola a dimensão do real, não é mais seu sonho, mas de todo o mundo, e todo o mundo é seu também.

Os desencontros no mestrado começaram logo cedo. No processo de seleção, você já opta pela sua orientação. Minha opção foi a professora Maria do Carmo Galiuzzi, que entendi ter o perfil ideal para me ajudar a fazer as inferências necessárias na proposta de projeto. O programa do mestrado, em seus meandros organizacionais, em seus rearranjos internos de vaga disponível entre os professores doutores orientadores, colocou-me como orientando do professor doutor orientador Sírio Lopes Velasco. Achei estranho, mas estava feito. Curioso e pensando no que poderia acontecer, fui ao coordenador do mestrado e interroguei sobre o motivo dessa troca interna, pois achava que não tinha sido boa para mim. Fui *orientado* a ter paciência e ver como as coisas iriam se encaminhar. História breve. Tive duas conversas com meu ‘orientador’, se posso chamá-lo assim, sendo que na segunda ele me disse que não me orientaria mais. Pelo que sei, foi a primeira vez que tal situação aconteceu em toda a história do mestrado: um orientador não aceitar um orientando. No processo seletivo de 2004, as escolhas dos orientadores já foram pautadas por outras diretrizes, coincidência ou não, depois desse acontecimento. Fiquei no limbo durante um ano e alguns meses, até que a comissão do mestrado percebesse a insustentabilidade da situação. Devem ter pressionado o coordenador a assumir sua responsabilidade de indicar um orientador. Nesse meio tempo abri o peito e libertei todos os meus sonhos, os meus fantasmas, as minhas tristezas e aventuras, as minhas realizações e decepções, minhas histórias e crenças e acabei por me tolher. Soube que sondaram o Betito para tal função, mas não deu muito certo. Problemas institucionais burocráticos. Aconteceu então, como um desafio, a indicação do Victor Hugo como

orientador. Teria que sondá-lo para saber se ele aceitaria “pegar”, nessa altura do campeonato, “a bomba” de me orientar. Já conhecia o Victor há um tempão, desde 1992, quando fiz a disciplina de Filosofia no curso de Geografia. No primeiro dia de aula, ele entra com um mapa debaixo do braço. Com aquele jeito que somente ele tem, se apresentou, abriu o mapa e o colocou pendurado no quadro negro. Era um mapa geopolítico do Rio Grande do Sul. Então ele nos perguntou: “Porque representamos o estado do Rio Grande do Sul distribuído assim no espaço?” Ora, quem respondeu disse que sempre foi assim e ficamos sem entender aonde queria chegar com tal indagação. Então, depois de algum momento, ele pôs o mapa de cabeça para baixo e disse: “Mas porque ele não pode ser assim?”. Pensei comigo: “Está aí um cara diferente”. Hoje, sei que não é *diferente* a palavra que deveria ter pensado, mas em *especial*. São pessoas especiais assim que nos mostram como vale a pena continuar forte na caminhada da vida. Nossa aproximação no mestrado teve um começo meio tenso, mas estamos alcançando o gostinho inigualável das vitórias. Vitórias pessoais e profissionais. Vitórias de vida. Tivemos três encontros antes de firmamos em harmonia a formalidade de orientador e orientando. No primeiro encontro falamos sobre linhas gerais da proposta e da confusão em que eu me encontrava. No segundo encontro fiquei muito chateado com o Victor. Acreditam que ele tentou me persuadir a mudar de rumo, a tirar essa idéia de Sathya Sai Baba da cabeça? Ficava sem orientação, mas não abria mão de minhas convicções. Não saberia como fazê-lo. Parecia que estava tendo um *flashback*. O terceiro encontro foi o mais legal: apareceu no NEMA me procurando. Muito estranho. O que ele queria comigo? “Vou te orientar” foi a primeira coisa que ele disse, com um enorme sorriso no rosto. Mas como tem sempre um porém, logo disse: “[...]vamos fazer um trato, eu ajudo você a ‘*escrever*’ seu projeto e você me ajuda a ‘*conhecer*’ Sathya Sai Baba, o que acha?”. Novamente achei justo o pedido, e era algo que teria muito orgulho em fazer. Ganhei o final de semana. Lembro do primeiro dia de orientação. No Dia Mundial do Meio Ambiente falamos sobre objetivos de vida, coragem, companheirismo, presente e futuro. Chegamos a um ponto em que minhas escolhas poderiam levar a um novo nível de sabedoria. Com toda a minha ingenuidade, nada me fazia pensar que estava me afogando no mar da lamentação. O irônico é que somente eu posso me puxar para fora. Agora não tem mais volta. Aqui fora consigo respirar, encher meus pulmões e gritar aos quatro ventos que nada vai impedir a minha progressão. Por que estou fazendo um mestrado em Educação Ambiental? Será que tenho coragem de procurar tal resposta? Será que quero ouvir e questionar esse posicionamento? Pensando nos sentimentos que tive em nossa conversa, sinto-me mais confortado, mais centrado. A oportunidade que me foi dada, há muito que já a esperava. Só que agora eu estou na obrigação de escrever, escrever e escrever. Não

que seja difícil ou fácil, o problema é a disciplina do tempo, não seu, mas sim dos outros, de ter um produto, um resultado, analisar a observação da observação. Ordem do dia: ‘Fazer um diário de bordo’. Como é que se faz essa... esse diário? Observar e escrever o quê??? Todo o resto é história. E a história é contada de infinitas maneiras, mas nessa multiplicidade de versões, tenham uma certeza: o Victor Hugo é uma pessoa especial, muito especial.

Quando entrei no mestrado diziam, os mais experientes, que o neófito tem sonhos de mudar o mundo e que esses sonhos são normais, mas que a realidade crua e nua é pequena demais para tanta transformação. O novato que se preze tem que ficar no devido lugar e ir o mais profundo quanto seu fôlego permitir. É exatamente isso que o iniciado pode conseguir. Em determinado momento, que não me lembro mais, meu fôlego acabou. Retorno à superfície e trago tesouros que posso compartilhar somente comigo mesmo. Mergulhei tão profundo que o escuro e a solidão foram meus únicos companheiros. Queremos saber o que aconteceu, tenho certeza de que queremos abrir o baú e ver o que tem dentro. Queremos o resultado, o prêmio, o diamante e a alma do tesouro. É em cima do baú que vamos debruçar e ver o que foi concebido no mergulho mais profundo que pudemos fazer. Inquieta-me. Causa-me incômodo. Não pensem que passo indiferente a tal expectativa, pois não é o que ocorre. Passo meu tempo, minha vida falando em harmonia, em valores humanos, em viver conforme falo, mas no mestrado foi tão diferente do que pensei, imaginei e sonhei. Será que nutri expectativas demais? Será culpa minha? Não sei a resposta; não tenho a resposta.

Gostaria de não ter causado os problemas que penso ter gerado, de não ser tão crítico com as coisas, com as idéias, com as pessoas e comigo mesmo. Gostaria de pertencer ao grupo dos normáticos, de não causar inquietações, de simplesmente passar pela vida sem ter atritos, mas a cada dia que passa só consigo me distanciar cada vez mais desse estado ‘normático’. Naturalmente não é o meu normal. Essa maneira de viver a realidade frustra a mim e, talvez, aos que estão no convívio dos múltiplos ambientes em que transito. Se isso é pensar, ser e agir na vida, como é que esses mesmos ambientes não estão preparados para entender a vida, para perdoar os erros e dialogar sensatamente como pessoas civilizadas que são?

Imagino como as minorias não normáticas se sentem desqualificadas, desassociadas, discriminadas e marginalizadas no modelo normático e padronizante em que vivemos hoje. Protegemo-nos atrás de conceitos, avassaladores como um rolo compressor. Tenho certeza de que essas tristezas profundas, que às vezes apertam meu peito, não são novas. Existiram antes de mim e existem mesmo agora, muitos seres que dizem, que fazem poesias, que compõem músicas e que vivem e continuam gritando bem mais alto do que eu as mesmas tristezas e,

talvez, com muito mais propriedade. Mas será que estamos todos ensurdecidos, com os olhos turvos, o paladar inerte, o olfato ausente, com o verbo rouco e as emoções pervertidas? Sou eterno sonhador, sonho com a nova aurora dos seres humanos todos os dias. Sonho com a realidade diferente da que marca minha retina, que faz vibrar meus tímpanos, que incita meus odores, que provoca meus sabores, que estimula meus toques e que arrebatava meu coração. E isso já faz algum tempo, desde que descobri o eu, o outro e o mundo.

Ao caminhar, deixamos marcados, nas pegadas de nossas escolhas, os nossos movimentos, os nossos sonhos e as direções que trilhamos. Recordo da primeira aula no mestrado, uma “conversa informal sobre nossos deveres e direitos como neófitos no mestrado”; uma conversa que direcionava propositadamente ao assunto do trabalho de dissertação do mestrado e a importância deste. Falamos das diretrizes de como não fazê-lo, do que fazer, do quando fazer, do porquê fazer, do para quem fazer, do como fazer, estabelecendo assim nossa primeira ‘visão’ do processo metodológico instituído. Meus pensamentos foram de perda: perda de direitos que acreditava ter, perda de ilusões que acreditava não ter e uma sensação de que, conforme o tempo fosse passando, mais e mais ilusões ficariam pelo caminho.

O sentimento que experimentei ainda é um tanto desafiador. Uma sensação de resistência, de enfrentamento, de coragem e de muito medo, misturada com uma atitude de respeito. Percebi que comecei a rever, analisar e a criticar meus fundamentos, minhas convicções de valores, minhas experiências de vida, minhas reflexões teóricas por medo. Medo de ter problemas. Ao mesmo tempo, queria voltar minha atenção para vislumbrar as idéias que estavam sendo propostas. Foi fácil arranjar uma desculpa e se manter neutro, mesmo tendo aquela sensação desafiadora no fundo do peito. Estava no começo do curso e tinha algum tempo para ver o que aconteceria. Procurava uma maneira de facilitar meu caminhar por entre os meandros dos meus sonhos. Quem quer chegar ao lugar mais alto da montanha, tem que subir em linha reta, e podem ter certeza, não é o caminho mais fácil, mas é o mais recompensador. Qualquer tipo de encantamento não pode tomar muito o tempo no mestrado, as perguntas a serem respondidas parecem ser outras, mas não deixei de ser eu mesmo. Levantava o braço e fazia colocações e perguntas que me incomodavam. Algumas vezes conseguia diálogos, algumas vezes monólogos; outras vezes convencia, outras ainda tomava de surpresa. Ficava em dúvida e tinha esclarecimentos, mas sempre senti, no íntimo do meu ser, uma segurança inabalável em minhas convicções.

Acredito que com o tempo, ao sabor do vento, poderemos mostrar o quanto de amor incondicional reside em nossas ações. Em todo momento queria vivenciar o agora, poder

crescer e evoluir capacidades físicas, mentais e espirituais, poder ouvir e dialogar com a realidade junto aos colegas amigos. Evoluir. Descobri o quanto uma ‘atividade prática’ é necessária para entendermos a importância de dar atenção ao outro com o qual estamos interagindo, para que as ações tornem o processo metodológico mais complexo e menos abstrato. Naquele momento da construção metodológica, não me adiantava utilizar um caminho já trilhado, pois queria construir minha própria trajetória. Não havia espaço para inflexibilidades. Com certeza o mestrado proporcionou vivenciar esse processo cognitivo. Mesmo todo atrapalhado, tentava me enquadrar e entrar em harmonia com os regramentos do curso.

A Educação Ambiental e os Valores Humanos são os baluartes de minhas ações. É por causa desse tema que estou no mestrado, já que o mesmo irradia ao mesmo tempo em que sustenta as minhas vivências. Sempre ouvia: ‘você tem que fazer recortes, no mestrado não vai ter espaço para abraçar o mundo’, e mesmo assim não conseguia fazê-los. Queria mergulhar na imensidão de possibilidades, o que se tornou um obstáculo para deslanchar no mestrado. Em 2003 utilizava o meu tempo para trabalhar vinte horas semanais no projeto “Ondas que te quero mar” no NEMA, que tem como parceria a Secretaria de Educação do Rio Grande – SMEC, e as outras vinte horas para completar os créditos do mestrado. Com os créditos completos em 2004, comecei a trabalhar quarenta horas semanais em um projeto chamado “Ações prioritárias à sustentabilidade das comunidades do entorno da ESEC Taim”, também empreendido pelo NEMA, que tinha como objetivo o desenvolvimento de ações prioritárias à implementação do Plano de Desenvolvimento Sustentável para as comunidades na área do entorno da Estação Ecológica do Taim (ESEC/Taim) – Rio Grande – RS. Pretendíamos possibilitar a utilização sustentável dos recursos naturais do entorno da Estação, em prol da preservação da biodiversidade. Trabalhei como técnico executor em uma das comunidades do entorno da Estação Ecológica com o objetivo específico de viabilizar a participação dessa comunidade na gestão da pesca artesanal da região. Era minha oportunidade de integrar as práticas profissionais à minha vida e à minha pesquisa.

Estava feito o meu ‘recorte’: meus sujeitos de pesquisa, minha exploração, meu outro mergulho, minha oportunidade de vivenciar mais um sonho. Na grande maioria das vezes o que falta é oportunidade para que os nossos sonhos alcancem outra dimensão da realidade. Acreditei em minhas convicções e o universo conspirou e oportunizou uma situação de harmonia entre meu projeto de vida e meu projeto profissional. É nesse panorama da sociedade que minha pesquisa terá ressonância. Vou compartilhar minhas visões de mundo, minhas experiências de vida, minhas reflexões e meus fundamentos com as visões de mundo dessa comunidade singular, de maneira informal.

Consegui estabelecer meu tema gerador: Educação Ambiental em Valores Humanos, e dentro de tal campo de possibilidades consegui harmonizar projeto de vida com projeto profissional; possibilitando um novo campo de conhecimento. Posso dizer que esse novo campo do conhecimento é a fusão da Educação Ambiental e dos Valores Humanos em busca dos conhecimentos ecológicos dos pescadores da Vila Anselmi, que são pouquíssimos conhecidos ou nada valorizados.

Está tudo escuro. Vejo-me sozinho. No escuro tudo parece estar escondido. Mas com o passar do tempo, os olhos se acostumam com a escuridão. Posso ver vultos, ver que não estou sozinho como pensava. Realmente, posso ver que existem coisas e pessoas de todos os jeitos e formas. Com o olhar ainda mais acostumado à escuridão, percebo um cordão prateado saindo de meu umbigo. Sua trajetória termina em uma luz. Olho para a minha volta e posso ver que todos têm o mesmo cordão. Todos os cordões estão finalizando sua trajetória em luz. Indo ao encontro do fim da escuridão, percebo que outros seguem as trajetórias de seus cordões. Uns mais depressa, outros nem tanto. Quanto mais perto da luz, mais incomodado fico. Uma sensação de dor, de não poder ver na luz. Mas logo penso: ‘consegui olhar na escuridão, então posso aprender a ver na luz’. No limiar dessa sensação percebo uma mão amiga estendida, como se dissesse: ‘pode vir, pode segurar em minha mão, estou aqui para lhe ajudar’. Não tenho tempo nem para pensar e, quando estou sendo puxado para a luz, vejo que a mão amiga era a minha própria. E o engraçado da imagem é que ela não me desequilibra, não me desarmoniza com o processo. Pelo contrário, me transmite vigor. Acredito que tal imagem não é um final, é sim, uma nova continuidade.

Deixar se surpreender, esse pode ser o meu lema; estar atento e aberto à surpresa, ao outro. Pode parecer falta de controle ou de estratégia, mas agir assim invariavelmente se torna uma estratégia. Funciona? Não sei ainda, estou tentando. Esse é o meu desafio no mestrado. Não me roubem isso. Demorou tanto tempo. Quero unir forças. Essas são minhas visões práticas da interdisciplinaridade, do ser holístico, da coragem de sonhar e da existência na realidade. Eu renasci, morri e tornei a renascer. O agora parece tão longe daquele tempo. Entrei de vez no jogo. Tornei-me um instituinte. O eterno dilema entre a batalha utópica e a multiplicidade da realidade. Início, eterno início. Com certeza minha história não termina aqui. Ela permanece em aberto. Tive tristezas, tive alegrias, vivi situações que poderiam acabar comigo, mas aprendi que um sorriso sincero, muito amor no coração e a fé em uma proposta de Vida transformam as pessoas e as relações entre elas. Se foi possível a minha mudança, a minha transformação, com certeza podemos ter esperança na mudança de outros. Eu acredito nisso e por esse motivo quero ser um Educador Ambiental.

Para tanto existem formalidades institucionais, visto que apenas viver a filosofia dos Valores Humanos como Educador Ambiental não basta. Navegar é preciso, viver não. Esse trabalho é precisamente a tentativa de viver a vida e mostrar não somente as vivências que experimentei, realizando-o nos anos de 2004/2005 junto ao NEMA e à comunidade de pescadores da Vila Anselmi. Também mostro as reflexões a que cheguei com tais vivências e a dinâmica que um trabalho assim pode gerar. E não foram poucas. O olhar sobre o olhar de quem olha. Tomo como objetivo geral propor o pensar, o refletir, o viver e o agir sobre as vivências no cotidiano do educador a partir de experiências vividas no âmbito informal de ensino: uma comunidade de pescadores artesanais. As ações educacionais desenvolvidas têm como fundamentos a integração da Educação Ambiental e da filosofia em Valores Humanos.

Herrigel (1995) nos mostra em seu livro *A arte cavalheiresca do arqueiro Zen*, que a prática do tiro com o arco não tem como objetivo nem resultados práticos, nem o aprimoramento do prazer estético, mas o exercitar a consciência, com a finalidade de fazê-la atingir a realidade última⁶. A meta não é apenas atingir o alvo; antes de tudo, é harmonizar o consciente com o inconsciente. O domínio técnico é insuficiente, é necessário transcendê-lo de tal maneira que ele se converta em uma *arte sem arte*, emanada do inconsciente. O arqueiro e o alvo deixam de ser entidades opostas, para se transformar em uma única e mesma realidade. Assim deve ser o educador ambiental frente a seus objetivos. No fundo, o educador ‘aponta’ para si mesmo e talvez em si mesmo consiga acertar. Qual será o caminho que minha ‘arte’ percorreu?

Proponho divisões didáticas que são compostas por minhas motivações. No Capítulo I: ‘Confetos e encantamentos’, apresento a importância das conexões feitas entre a Educação Ambiental e a filosofia em Valores Humanos. Conexões que me conduziram a acreditar na esperança de sonhar que as transformações individuais, sociais e culturais são passíveis de serem feitas no agora, e que a Educação Ambiental não é somente mais uma protagonista de tais transformações, mas sim o próprio resultado das mesmas. No Capítulo II, ‘Pescando com os sujeitos’, traço minha localização no tempo e no espaço. Mostro o caminho percorrido por minhas intenções metodológicas. Tento me organizar de maneira gradativa, deixando pistas a respeito do que irá acontecer no momento seguinte. Nele fica clara minha dificuldade de expressar, ou melhor, de escrever minhas vivências. Peço, portanto, paciência e compreensão. E por fim, o Capítulo III: ‘Em busca dos conhecimentos ecológicos – CE’, encerra minha trajetória e acerta o alvo. Espero que o pesquisador e os sujeitos tenham se transformado em

⁶ Ou seja, o Espírito Santo para os católicos, o Nirvana para os zen-budistas, o Satchitananda para os hinduístas e assim por diante. (N. do A.)

uma única e mesma realidade. Minha pretensão é ser mais um beija-flor a contribuir para o desvelar das transformações que podemos fazer, mesmo sendo beija-flores.

1 CONFETOS E ENCANTAMENTOS

Nas montanhas, o caminho mais curto é o que medeia de cimo a cimo;
mas para isso é preciso ter pernas altas.
Os aforismos devem ser cumeeiras, e aqueles a quem se fala devem
ser homens (e mulheres) altos e robustos.
Zaratustra

Quando pensamos a Educação Ambiental, automaticamente nos referimos a uma série de conceitos que legitimam sua própria existência. Nada mais justo, mas apenas conceitos são insuficientes. Michèle Sato nos disse, em uma de suas vindas a Rio Grande, que os educadores ambientais precisam sim de conceitos. E vai além: precisamos de conceitos e ações afetivas, precisamos de ‘confetos’ – conceitos impregnados de afetos – que nunca percam seu alcance de encantamento, porque se perdermos o encantamento, estaremos fadados a perder mais do que só a surpresa, estaremos perdendo a nós mesmos.

1.1 Sri Sathya Sai Baba: O Além do Homem

Com certeza foi Sathya Sai Baba que me aproximou da Educação Ambiental. Não tenho condições de falar, ou melhor, de escrever sobre minhas vivências e estabelecer conexões entre Seus ensinamentos e a Educação Ambiental sem antes apresentá-Lo, contando um pouco de Sua história. Acredito que, na medida em que conto Sua história, também aparecem as pistas das conexões que tanto me encantam. Só peço que estejam com o corpo relaxado, a mente aberta e com o espírito em paz. *Om Sai Ram*⁷.

Para incontáveis milhões de devotos que O seguem, Sai Baba é o Avatar desta era. Ele é reverenciado como a encarnação do poder pleno da divindade. Um advento tão auspicioso não ocorre desde tempos remotos; quando a divindade veio em forma humana, há 5000 anos, numa outra era importante para a humanidade. Ele veio, então, como Krishna para encenar o papel do avatar daquela era em particular. Agora, a divindade veio novamente no papel de mestre do mundo para guiar e elevar os seres humanos neste atual tempo crítico da história da humanidade (COQUET, 1998; RAO, 1995).

⁷ ‘O Deus em mim reverencia o Deus em você’. (N. do A.)

Assim como a doçura não pode ser compreendida apenas por meio de palavras, mas deve ser experimentada diretamente através do paladar; do mesmo modo, o fenômeno Sai não pode ser compreendido meramente lendo sobre Ele ou estudando Suas palavras, nem mesmo experimentando-O diretamente. Sua verdade pode ser conhecida somente vivendo inteiramente Seus ensinamentos e praticando-os em cada pensamento, palavra e ação da vida diária. Transformando nossas vidas dessa maneira, descobrimos nossa própria verdade. Eis a mais rara de todas as jóias com que este avatar veio nos agraciar. Trata-se da mensagem mais profunda da missão para a qual Ele encarnou, a saber: que a divindade aparece entre nós a fim nos lembrar de nossa divindade. Eu sei quem sou, Ele diz, Vim ajudá-los a perceberem quem vocês são (HISLOP, 1996). Essencialmente, nós somos nada menos do que Ele mesmo. Nós somos Deus encarnado. Esse é o principal ensinamento de Sua *Gita*⁸. Ele veio como guia para nos ajudar a perceber nossa verdade e fazer a humanidade retornar a sua origem divina (SATHYA, 1999).

Como Allah dos muçulmanos, ou Jeová dos judeus, ou o Pai Divino dos cristãos, ou a Natureza Búdica dos budistas, ou Ahura Mazda dos parses, ou o Ser Supremo dos vedantins, ou ainda o Grande Espírito dos índios americanos, Sai Baba é um nome para a realidade onipresente, suprema, que a maioria das religiões conhece como Deus. A única divindade assume incontáveis nomes e se manifesta sob incontáveis formas. Essa divindade escolheu um período de 250 anos, começando no início do século XIX, para se manifestar sucessivamente em três formas humanas, como o avatar desta era de Kali. O objetivo é restaurar a retidão à atrapalhada raça humana. Todas as três encarnações são chamadas de Sai Baba, que significa "mãe e pai divinos" (MASON, 1999).

O Sai Baba atual, nascido em 1926, é o segundo de uma sucessão de três encarnações do avatar Sai. Ele é conhecido como Sathya Sai Baba. A primeira encarnação foi Sri Shirdi Sai Baba, que deixou o corpo físico oito anos antes, em 1918. Shirdi Sai Baba viveu Sua vida exemplificando a unidade de Deus e a fraternidade entre os homens através do serviço às comunidades hindus e muçulmanas da Índia central, cada uma das quais O reivindicava como sendo de sua própria religião. Por muitos anos, Ele passou dias alternados vivendo num templo hindu e numa mesquita muçulmana. O avatar Sai permanecerá na atual forma de Sathya Sai até Seus 95 anos, século XXI adentro. Então, logo após ter deixado Seu corpo físico, Ele nascerá novamente no sul da Índia, surgindo como a terceira e última encarnação. Nessa época, Ele será conhecido como Prema Sai Baba e terminará a missão do avatar Sai de

⁸ Literalmente significa 'Canção', a canção do Senhor.

fechar esta era de Kali e inaugurar a era de ouro para a humanidade (COQUET, 1998; RAO, 1995).

Sathya Sai Baba nasceu na pequena aldeia de Puttaparthi, no sul da Índia, perto de Bangalore. Atualmente, lá existe uma moderna comunidade chamada *Prashanti Nilayam*⁹, a morada da paz suprema, que é o Seu principal *Ashram*.

Esse *Ashram* acomoda milhares de peregrinos, de todas as partes da Índia e de todo o planeta, que vêm experimentar os diários contatos públicos de Sai Baba com os devotos e das entrevistas particulares, para aqueles que são afortunados de serem escolhidos. O *Ashram* abriga um amplo complexo educacional. Os estudantes vêm de todas as partes da Índia e também do exterior, para viverem e estudarem juntos. As crianças pequenas podem entrar no programa residencial a partir dos cinco anos, na escola primária; a seguir, elas prosseguem aos níveis de segundo grau e ensino superior; e, finalmente, chegando à pós-graduação até o nível de doutorado, terminando o périplo educacional vinte anos mais tarde (RAO, 1995). O Sistema Educacional Sai, com escolas em vários estados da Índia, é completamente livre de sectarismo e totalmente gratuito. Todo o custo educacional de milhares de estudantes é suportado diretamente pelo *Sathya Sai Baba Trust*, com sede na Índia. *Prashanti Nilayam* também é a sede central de uma rede mundial de Organizações de Serviço Sai, engajadas em uma ampla gama de projetos de serviço comunitário e incumbidas de levar a Educação em Valores Humanos a sistemas educacionais públicos e privados por todo o mundo. Recentemente, o maior hospital de especialidades da Ásia foi inaugurado no *Ashram*. Os pacientes, não importando quão pobres possam ser, podem vir de todas as partes do globo para uma cirurgia cardíaca. Os pacientes permanecem no hospital sem quaisquer despesas com médicos, remédios, serviços hospitalares, alimentação ou quarto (ORGANIZAÇÃO SRI SATHYA SAI BABA DO BRASIL, <http://www.sathyasai.org.br>).

O foco de toda essa atividade é Sai Baba, que desde muito jovem atraiu um grande número de pessoas com Sua presença pessoal única. Vários escritores que estiveram em sua presença dizem que Ele só pode ser descrito como a personificação do amor puro e abnegado, a manifestação da perfeita paz e beatitude, a essência de toda a bondade. Ele manifesta todas as qualidades humanas nobres que a humanidade admira e encarna todas as qualidades divinas, fato característico do avatar. Ele possui em Sua mão total poder sobre a Natureza e qualquer conhecimento à sua disposição. Ele conhece o passado, o presente e o futuro de todos que vão ou não a Ele. Manifesta-se em várias partes do mundo para o bem de Seus

⁹ Nome do principal *Ashram* de Baba, significa Morada (nilayam) da Paz Transcendente (prashanti). Sathya (1996).

devotos. Essas características – a saber: onipotência, onisciência e onipresença – são as marcas de uma encarnação plena da divindade. Em Seus ensinamentos, Ele demonstra simpatia por todos os credos e enfatiza a unidade de todas as religiões na única divindade. Com Seu jeito todo especial, Sai Baba demonstra uma graça majestosa e, ao mesmo tempo, uma rara alegria. Em meio a um templo e a um *ashram* esplendorosos, Ele vive num pequeno quarto, simples, e mantém sob um estilo de vida austero, comprometendo a totalidade de Seu tempo, desde as primeiras horas da manhã até tarde da noite, com o atendimento das necessidades daqueles que vão a Ele. Não sendo limitado pelo plano físico, Sai Baba trabalha em todas as dimensões – densas e sutis –, aparecendo em visões, sonhos e experiências internas, bem como em Sua forma física. Como o mestre divino que guia o desenvolvimento espiritual de Seus devotos, Ele inspira de dentro e dirige de fora. Ele ilumina o coração, transforma a mente e revela o maior de todos os tesouros – o *atma* imortal, o ser universal que reside em cada coração.

Os dois séculos e meio que abrangem o advento Sai é uma época única, com grande significado espiritual para a história do mundo. Nesse período, muitos santos e sábios também estão aparecendo na Terra a fim de promover a divina missão de revitalizar os valores espirituais e inverter a atual tendência decadente, que é a degeneração moral em que o mundo mergulhou. No milênio que está por vir, as gerações olharão para trás com grande admiração por aqueles de nós que viveram essa época sagrada; da mesma forma como podemos olhar para trás e ver aqueles afortunados de outras épocas contemporâneos de Rama ou de Krishna, ou de Moisés, de Jesus, de Buddha, de Maomé ou de Zoroastro, e tiveram a possibilidade única de experimentar diretamente a sagrada presença desses mestres (COQUET, 1998; RAO, 1995). Muito raramente, no longo período da existência humana, a divindade assumiu uma forma humana na Terra e se permitiu ser amplamente reconhecida por muitos. E ainda mais raro é a divindade vir em toda Sua plenitude e glória como um avatar de era, como é o caso, verídico, hoje, da forma de Sai Baba. Atualmente, o poder pleno de Deus pode ser diretamente abordado e experimentado por todos. E Seus ensinamentos, que possuem a autoridade da fonte de toda a sabedoria, podem ser compreendidos por todos, pois Ele nos fala na língua e no idioma de nosso tempo atual.

Suponha que lhe perguntem: "Quem criou toda esta multiplicidade no mundo? Quem é responsável por toda esta diversidade?" O que você vai responder? A resposta correta é: "Não há multiplicidade alguma!" O único ser divino permanece sendo o único ser sempre e o tomamos como sendo vários. A falha está em nossa visão. Corrijamos nossa visão e removeremos a ilusão. A divindade não se transformou no mundo assim como a corda não se

transformou em uma serpente. Na escuridão, tomamos a corda como sendo uma serpente; no entanto, a corda permanece sendo uma corda. Do mesmo modo, o ser divino permanece o ser divino, embora nossa ignorância acerca desse fato o faça vê-lo como o mundo. O mundo da diversidade se sustenta sobre um suporte chamado ilusão (SATHYA, 1996). Corte tal suporte e o mundo cai. Sai Baba diz para não identificarem nem mesmo a Ele com seu corpo em particular. Me chamam somente por um nome e acreditam que tenho somente uma forma, mas não há nome que não seja Meu e não há forma que não seja Minha (SANDWEISS, 2002).

Nós, como corpo, mente ou alma, somos um sonho. Contudo, existência pura, conhecimento e bem-aventurança é o que realmente somos. Estamos criando todo este universo e o contraindo para dentro de nós. Para obter o infinito, a pequena e miserável prisão da individualidade deve desaparecer. Siga o coração. Um coração puro busca além do intelecto. O coração obtém inspiração. Dentro de nós, está a verdadeira felicidade. Dentro de nós, está o imenso oceano do néctar divino. Busque-o dentro de si. Sinta-o. Sinta-o. Ele está aqui, o ser. Não se trata do corpo, da mente, do intelecto. Tudo são simples manifestações. Além de tudo isso, você é. Aparecemos como a flor sorridente, como as estrelas cintilantes. “O que há no mundo que possa fazê-lo desejar alguma coisa?”

As palavras citadas são destinadas às pessoas que acreditam na condição humana e no amor essencial que habita seus corações. Permita-me falar de uma questão antiga, mas provocativa. Qual é nossa Natureza verdadeira? O tempo passa, nosso corpo se modifica, envelhecemos, adoecemos, mas nossa consciência permanece constante: nós sempre somos nós mesmos. Quem é esse eu que não muda? Quem sou eu, para além dos nomes e das imposições que recebemos da família, da sociedade, da cultura? Quem sou eu? Qual é o significado de nossa vida? A primeira coisa que Sri Sathya Sai Baba provocou em mim, foi uma impressão indelével. Foi perceber que ele não colocava Deus em algum outro lugar, separado, distante e inacessível. Estava acostumado com uma visão de que Deus não habitava o mundo, de modo que ele estava “lá”, em algum outro lugar. Sai Baba não diz apenas que Deus está conosco, que Ele está em nosso coração. Baba diz que o próprio Senhor é nossa Natureza.

O que nos distingue dos animais e das bestas; das plantas e dos fungos; dos insetos e das aves? Quase tudo o que fazemos os animais também fazem com primor, desde cuidar dos filhos a criar uma habitação, de cuidar da alimentação a reproduzir-se com eficiência. Então é isso que somos, nada mais que animais? Filósofos, sábios e mestres de todos os tempos disseram que o homem tem a capacidade de perguntar – e encontrar a resposta – sobre sua própria Natureza. Somos capazes de buscar em nosso interior, com intensidade e

profundidade, e encontrar a fonte divina, a essência de nossas vidas. Essa meta, dizem todos os mestres, está em nosso coração espiritual, nossa voz interior, nossa consciência, nossa alma: nomes diferentes para nossa verdadeira identidade. Apesar de tudo o que se modifica em nossa vida, nossa consciência é constante. É isso o que realmente somos. A natureza dessa consciência, que habita nosso coração, é capaz de manifestar-se como amor puro e dedicado, desinteressado. Sua natureza é a própria Divindade.

A tentação de responder que somos apenas um nome, uma forma temporária, pecadores, indignos, essa é uma ilusão que nos persegue desde o começo dos tempos. Muitas vezes somos tentados a pensar sermos menos do que expressão do próprio Deus. “Vós sois deuses”, dizia o Apóstolo Paulo, completando, “O reino de Deus está dentro de vós”. É um equívoco pensarmos que somos nada mais do que um aglomerado de carne e de ossos, de instintos e sensações, de pensamentos e emoções. É uma ilusão pensarmos que estamos limitados à nossa pequena identidade individual, a esses frágeis corpos humanos e a essas mentes caprichosas e defeituosas. Não! Somos muito mais do que isso! De fato, tudo o que existe em todo o vasto cosmo não é senão uma manifestação do mesmo princípio que criou o mundo. Ainda que a divindade não esteja restrita a algo particular, a noção de onipresença indica que todas as coisas são permeadas por tal princípio. Essa é a boa notícia: a vida humana está imbuída de Divindade.

Ao longo das eras, homens e mulheres, vivendo em épocas, lugares e culturas diferentes, cuja sabedoria e nobreza têm sido reconhecidas universalmente, lançaram luz sobre os problemas da humanidade e trouxeram a mesma mensagem: a divindade é onipresente. Todos os santos e sábios nos têm transmitido essa mensagem. Sri Sathya Sai Baba, a fonte de Luz Espiritual que agora caminha entre nós, tem repetido ao longo de toda a Sua vida: nossa verdadeira natureza não é diferente daqu’Ele que a criou. A maioria de nós, no entanto, permanece ignorante do nosso glorioso papel na Criação. Esquecemos de nossa natureza. Nos ocupamos tanto com as coisas externas, que nos desligamos de nossa natureza mais íntima e verdadeira. Assim, olhamos para fora e nos identificamos com a roupagem temporária. E agimos de acordo. Pensamos e atuamos como se essas mentes e corpos fossem durar para sempre. Colocamos nossa fé no que é transitório e evasivo. E às vezes fazemos de conta que o transitório é eterno. Deixamo-nos envolver e seduzir por aquilo que é familiar e cômodo, pelo fácil ou pelo que concede um prazer rápido, seguido de mais uma frustração. Que teremos ao final de nossa vida? Ao agir assim, nossas vidas se tornam mecânicas e

reativas. Impedimos a expressão da consciência interior, de nosso verdadeiro Ser. Fracassamos em discernir o propósito divino desta vida humana.

Para muitos, a divindade parece distante e incompreensível. Não podemos perceber a Divindade com os sentidos, nem defini-la com palavras, equações ou fórmulas. É necessário um outro meio de alcançar aquilo que é o mais sutil. A fé é o sentimento de que, por baixo de todo o fluxo de mudanças, existe essa base que é Deus; de que a origem de tudo está n'Ele e que Ele é o destino final. A fé é íntima e, portanto, ninguém pode ser convencido. Se for convencido intelectualmente, não será autêntico. A fé é um sentimento pessoal e intransferível. É inútil argumentar logicamente pela fé. É melhor falar ao coração. Apenas o comovedor exemplo das ações nobres, apenas a inspiração conferida pelo amor desinteressado pode despertar a fé. A fé é indispensável. Qual é nosso sentimento em relação a essa Base, a esse Princípio? De modo geral, pensa-se em Deus como ocupado com coisas “importantes” ou de fato desinteressado das coisas cotidianas de seus filhos. Baba diz que isso não é fato. Deus é a base de nossos sentimentos, o ar que envolve cada um, o alento de cada ser, a raiz da Vida, que jamais abandona ou se afasta de qualquer de Seus filhos. Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida, disse Jesus. Toda a Vida é Ele. De fato, Deus está sempre à espera que Seus filhos simplesmente olhem, e se entreguem.

O argumento lógico pela fé é inútil. Apenas a verificação pode inspirar. Por essa razão, Sri Sathya Sai Baba, com Seus atos e palavras, com Sua vida, com Sua obra, está restaurando a fé e a consciência espiritual em todas as pessoas e em todos os lugares. A fé é visível apenas se está em movimento. Ela inspira apenas se ela se reflete na prática. O amor e a sabedoria não são coisas estáticas. São forças em movimento, que se manifestam como ação desinteressada. O que impede que esse potencial, que a essência interior de cada ser se expresse como amor permanente, como ações sem interesses secundários ou pessoais no mundo? A noção de que somos separados de Deus, separados de todas as outras formas e expressões d'Ele; a noção de que seria possível ser “melhor” ou “maior” que os demais, é responsável por frear o amor que é inato em nosso coração. O ego, o sentimento de ser algo separado, é a fonte do equívoco, com todas as suas ações conseqüentes: o egoísmo. Com fé na Divindade, com o reconhecimento de nossa conexão com a base, nossa vida adquire significado e um propósito nobre. Tornamo-nos desinteressados: se formos unos com o próprio Senhor, se, para lá de nosso corpo finito e limitado, a natureza de nossa consciência é o próprio espírito imortal, de que realmente precisamos? “Espiritualidade é viver desinteressadamente”. O que é expresso através de amor, amor puro, amor desinteressado, amor universal.

Esses princípios são eternos, imutáveis e inerentes a todas as Religiões e tradições. Quando o Divino se manifesta, Ele se expressa como Verdade, como Retidão, como Paz Interior, como Amor e como Não-violência. “O Amor no pensamento é Verdade”, diz Baba. “O Amor como ação é Retidão. O Amor como sentimento é Paz Interior. O Amor como compreensão é Não-violência” (SECCA, 2001; MARTINELLI, 1999; INOUE et al., 1999; GUEVARA et al., 1998). O amor é desinteressado quando está livre de desejo, quando não necessita da posse, da reciprocidade ou do reconhecimento, do pagamento. “O Amor é sua própria recompensa”, diz Baba (FUNDAÇÃO SRI SATHYA SAI BABA DO BRASIL, 1997; PATEL, 2001), o serviço é realmente desinteressado quando não há separação entre quem faz e quem recebe. Somos realmente desinteressados quando não há separação entre nós e Deus. Quando se serve aos necessitados de forma desinteressada, alcança-se a empatia perfeita com aqueles a quem servimos. O amor desinteressado é a natureza da consciência, que é Deus. Sri Sathya Sai Baba argumenta que o amor é desinteressado. O ego é carente de amor. O amor vive de dar e perdoar. O ego vive de tomar e esquecer (MARTINELLI, 1996).

Por que uma idéia tão simples e aparentemente tão clara não muda automaticamente o mundo e as pessoas; a nós mesmos? A resposta parece ser que, após anos e anos de preenchimento de nossa mente com conteúdos e com paradigmas de mundo, esses conceitos impregnam nossa mente e condicionam nossa prática. Nossa visão de mundo literalmente condiciona nossas ações. É necessária nossa intervenção clara para rever nossos conceitos, procedimentos, sentimentos, reações automáticas. As práticas espirituais, como meditação, oração, cantar canções devocionais, ler as escrituras, ajudam o processo, mas não são suficientes. As práticas espirituais não são o resultado final. São ferramentas, importantes, mas apenas ferramentas; não os objetivos. É necessário agir no mundo para que a Divindade se manifeste nele. Devemos praticar a Espiritualidade e não simplesmente realizar práticas espirituais. Prática da Espiritualidade é viver de acordo com os princípios Divinos, é a expressão da natureza divina em nossa vida. Baba aconselha as mãos que ajudam são mais sagradas do que os lábios que oram (MIGLIORI et al., 1998). Que valia pode ter nossa espiritualidade, se guardo amor por Deus, Onipresente; e guardo apenas rancor e impaciência, indiferença e agressão, por Suas formas e por Seus filhos e filhas?

Nossa falta de compreensão da natureza de Deus, de compreensão de nossa própria natureza e da natureza da vida nos afasta daquilo que temos de melhor: o Amor incondicional e os demais atributos do divino, manifestos em nosso coração espiritual. Essa incompreensão de nossa natureza gera uma visão de Deus como intolerante, desinteressado, vingativo, punitivo... Se esse é Deus, qual seria a vontade de Deus?! De fato, essa imagem equivocada

de Deus é um reflexo de nosso próprio ego e de nossa incompreensão. Se virmos Deus assim, agimos assim. Se virmos Deus como amor puro, o que é dito pelo ensinamento original de todas as religiões, se a vontade d'Ele é puro amor, nossas ações, para realizar a vontade d'Ele, deveriam ser de puro amor. As práticas espirituais nos preparam para fazer a Vontade de Deus, mas a Espiritualidade é verdadeiramente viver e fazer a Vontade de Deus. As práticas espirituais podem dar à pessoa um vislumbre do Céu. Mas praticar a Espiritualidade permite experimentar o Céu na Terra.

Ego é sobrevivência. Nossa natureza instintiva pede irracionalmente que cuidemos de nossa sobrevivência, mesmo quando não há nada em risco, mesmo quando não é necessário nada em particular. Assim, se não houver uma ação efetiva de controle do ego, dele seremos escravos. Espiritualidade significa superar a animalidade dentro de nós. Significa nossa capacidade de colocar nosso discernimento em prática e percebermos que precisamos de muito pouco para que nossa sobrevivência esteja garantida. Então, a humanidade se transforma em divindade. Isso não significa que devemos nos converter em ascetas e abandonarmos nossa ligação com o mundo. Significa que devemos ser fiéis a nós mesmos e seguir nossa consciência, que reflete a luz da Divindade, a qual faz morada em nosso coração espiritual. Sathya Sai Baba diz verdades eternas espontaneamente, mas Ele não fala nada de novo. Todo aquele que está uno com o Absoluto é veículo do Absoluto. A base de todas as religiões é a mesma, pois só há uma mesma Base para todo esse universo, que é o mesmo e uno Deus.

Não faltaram teóricos da espiritualidade nos últimos muitos milênios, mas em que estado se encontra a sociedade humana hoje? Quanta dor sentimos ao ver os jornais de cada dia? Quanta dor? Estamos confortáveis diante desse quadro? Ele atende nossos sonhos? Ainda que muitos mestres iluminados tenham testemunhado a Verdade do divino onipresente, temos a limitação severa de tomarmos seus ensinamentos como um conhecimento intelectual, como verdade relativa; de maneira que nossa vida continua regida pelo nosso ego e pelo nosso egoísmo, pelas nossas mentes agitadas, pelos nossos desejos incansáveis, pelas nossas mágoas e decepções, pelas nossas tristezas e falta de fé profunda o suficiente. É necessário dar um passo adiante e experienciar Deus. Buscá-Lo, encontrá-Lo e expressá-Lo em cada pensamento, em cada palavra e em cada ação, sem esforço, mas como manifestação natural e constante de nosso amor.

A que distância estamos de Deus? Essa é uma pergunta difícil e apenas nós mesmos podemos encontrar a resposta verdadeira. Deus nos concedeu o livre-arbítrio, que não exclui a possibilidade da liberdade. O Senhor acatará nossa decisão de ficarmos onde decidirmos ficar.

Se nossa consciência estiver envolvida e interessada no mundo, Ele permitirá que aí fiquemos. Se preferirmos nos envolver com a criação, aí ficaremos. Se buscarmos o Criador, aqui Ele que criou e permeia Suas criaturas, com Ele ficaremos. Onde queremos ficar?

Podemos fortalecer nossa fé, nosso amor e nosso anseio por Deus. Como resultado, podemos passar de pensadores a conhecedores da Espiritualidade. O 'Céu' se encontra à distância de um simples estado mental. Todos os dias, se observarmos nosso próprio coração com intensidade e reverência, saberemos que o 'Céu' está muito próximo, apenas a um estado mental de distância. As criaturas têm formas temporárias, ainda que essas formas sejam causadas pela natureza do Criador, que está dentro de cada um. Desliguemo-nos gradualmente das aparências externas e temporárias. Busquemos visualizar e nos ligar com aqui Ele que é a causa da forma. O 'Céu' se encontra em nosso coração, mas também no coração de cada outro. É o mesmo 'Céu', é o mesmo Deus, é outra forma de nós mesmos. Apenas esse sentimento de identidade com a fonte de todo o Amor; apenas o reconhecimento de que essa fonte não é externa, mas de que Deus é a base de nossa vida e a essência de nosso coração, apenas essa identidade permite que o Amor se manifeste de maneira irrestrita. Amem intensamente: eis o ensinamento de Jesus. Esse é o ensinamento de Sathya Sai Baba. Esse é o ensinamento de todos aqueles que buscaram e alcançaram o conhecimento direto de Deus. Descartemos o limite que impusemos a nós mesmos, com a ligação com aquilo que é temporário. Deixemos que nossa mente se preencha não com aquilo que é ilusório e temporário; deixemos que todo o nosso interior se preencha com o que está além dos limites da identidade terrena, da individualidade física e do contexto de suas relações e lembranças. O 'Céu' está à distância de um simples estado mental. Sai Baba disse e eu cito: "O Céu não é uma região sobrenatural onde reina uma perpétua primavera. É uma experiência interior, um estado de suprema bem-aventurança".

Diz Baba, para explicar Seu propósito entre nós.

Vim para acender a lâmpada de Amor em seus corações, para ver que ela brilhe dia- a- dia com mais esplendor. Não vim em benefício de nenhuma religião particular. Não vim em uma missão de publicidade para qualquer seita ou credo ou causa; nem vim reunir seguidores para qualquer doutrina. Não tenho planos para atrair discípulos ou devotos para meu rebanho ou para algum outro rebanho. Vim falar-lhes sobre esta fé unitária, este princípio espiritual, este caminho de Amor, esta virtude de Amor, este dever de Amor, esta obrigação de Amar (PUEBLA, 1997, p. 81).

Muitos seres humanos bons e encarnações Divinas nasceram na Terra em distintos momentos no curso da História. As religiões do mundo nasceram com seus adventos. As

diferenças aparentes entre suas mensagens são apenas superficiais. As diferenças entre as religiões do mundo são uma questão de ênfase, não de essência. A Divindade enfatizou os ensinamentos necessários à salvação do homem no contexto de cada cultura e dos problemas das diversas épocas. Esta é a razão das aparências de diferenças entre religiões. De forma perversa e tola, utilizamos essas diferenças como argumento intelectual para nos dividirmos. Se abraçássemos seriamente o conceito de um Deus Onipresente em tempo e lugar, entenderíamos a Universalidade de todas as religiões e de todos os povos. A percepção de que somos todos irmãos e irmãs está ao nosso alcance. De fato, mais próximos do que irmãos e irmãs, porque somos manifestações, expressões de um só e mesmo Deus. Nós não somos o corpo ou o esqueleto, os tecidos, os órgãos, nem os fluidos que os compõem e que em breve deixarão de formar uma entidade coesa. Não somos esta mente, as percepções, as sensações, os pensamentos, nem as emoções que a caracterizam. Então, quem somos? Quem sou eu? Essa é a pergunta fundamental do Sócrates grego, dos sábios da Índia Antiga, dos que buscaram e buscam em cada tradição. Quem sou eu, verdadeiramente?

Se Deus é Onipresente, somos a Divindade envolta em uma forma temporária humana. Somos o Infinito envolto em uma mortalha ilusória, porque temporária. Se nos identificamos com o temporário, expressamos essa nossa noção pessoal de quem pensamos ser. Se me sinto ameaçado, defendo-me. Se nos identificamos com a natureza verdadeira e amorosa de nosso Cristo Interno ou Atma ou espírito, brilharemos de acordo com essa nossa natureza verdadeira e amorosa. Agora, neste mesmo instante, através da fé, cada um de nós tem o poder de observar dentro de si, profundamente e experimentar a auto-realização! A dimensão dessa possibilidade às vezes nos assusta, mas o Amor Divino é calmo e profundo, intenso e expansivo. Aos poucos, ante a tormenta de um mundo externo em eterna transformação e carente de significado, a doçura do divino desfaz nosso medo. Agora, nesse instante preciso, cada um de nós tem a capacidade de tornar-se uno com a fonte, convertendo-se em um canal, inspirador, para o fluxo do amor Divino! Essa é a força da fé.

Há uma enfermidade pandêmica nos corações e nas mentes dos seres humanos. O mundo todo está tomado pela identificação equivocada sobre sua natureza. Identificando-se com o temporário, o ser humano tenta desesperadamente agarrar-se a tudo o que pode, tentando conter o fluxo inevitável do tempo e da transformação. Identifique-se com a fonte inesgotável e estará livre do medo e do sofrimento. A conturbação do mundo que vemos hoje não é surpreendente, mas apenas o resultado natural de uma época que valoriza desesperadamente o ego, o sentimento de ser separado, tendo como resultado a tentativa de ser mais, de ser melhor, de ser diferente. Se o divino é nossa natureza, qual é o propósito da

vida humana? Se nossa natureza é tão elevada, o significado da vida humana não pode ser menos elevado. Sathya Sai Baba diz que o dever mais fundamental da condição humana é descobrir quem nós realmente somos. Conhecendo nossa natureza divina, nossa ação no mundo torna-se uma fonte inesgotável de amor puro e desinteressado. Mais do que explicações – como a que estou fazendo – nossa ação no mundo inspira e transforma. Agir com esse amor divino é a maior, senão a única transformação do mundo possível. O que nos cabe é gradualmente diminuir e dissolver nosso ego, nossa visão de sermos separados do Criador. Não podemos fazer isso pelos outros. O fluxo do Amor desinteressado inspira; mostra que esse amor existe e que ele vale a pena. Nossas obras e nossa ação são transformadoras, não nossas palavras. “Ame todos; sirva todos”.

Sri Sathya Sai Baba, de fato, nos devolve um ensinamento que foi perdido. A espiritualidade não é separada da sociedade. Essa é a ligação entre o interno espiritual e o externo. Espiritualidade verdadeira se vê no amor em nossa relação com a sociedade, com nossas irmãs e irmãos, com cada ser vivo, com o ambiente. Uma árvore se conhece por seus frutos. Que frutos estão nascendo de nossas árvores? Sathya Sai Baba tem demonstrado que a vida tem certos direitos, certas responsabilidades e certas recompensas. Quais são os direitos? Através do Seu exemplo, Sathya Sai Baba tem mostrado que os homens e as mulheres têm direitos a um teto, ao alimento, ao cuidado com sua saúde e a qualquer tipo de proteção que a sociedade possa oferecer contra os perigos e abusos do mundo. Como podemos ter uma visão espiritual da vida ao mesmo tempo em que mantemos uma visão e uma postura indiferente às outras expressões de Deus à nossa volta? Cabeça na floresta e mãos na sociedade (MIGLIORI et al., 1998).

Quais são as responsabilidades? Nossa responsabilidade é experimentar nossa natureza divina. Uma vez que tenhamos estabelecido a consciência de quem realmente somos, faremos o esforço de elevar, apenas doando nosso amor, aos nossos irmãos e irmãs em situação de necessidade, para que eles, por sua vez, também possam realizar sua herança divina. Quais são as recompensas? O prêmio que cabe a cada ser humano que se entrega à sua divindade interior é a bem-aventurança eterna. Nada mais que isso. A entrega espiritual não é uma concessão. Se cada pessoa que morresse levasse um punhado de pó, haveria carência de poeira neste mundo. Não se renuncia a algo que jamais tivemos. Nada do que achamos que temos é realmente nosso. De fato, no caminho de desenvolvimento interior, adquirimos a única coisa que pode ser verdadeiramente adquirida: aquilo que realmente somos.

Sri Sathya Sai Baba tem atendido as necessidades básicas do homem por meio de suas grandes obras humanitárias, que são astronômicas em sua magnitude e alcance. Elas são

profundamente impressionantes. Baba estabeleceu um sistema educativo que vai desde a escola primária até uma Universidade oficial, o Instituto de Ensino Superior Sri Sathya Sai Baba. Ela tem qualificação A+, a mais alta no sistema de avaliação universitária da Índia (ORGANIZAÇÃO SRI SATHYA SAI BABA DO BRASIL, <http://www.sathyasai.org.br>). Se a natureza da vida é essa, como deve se organizar a Educação? A educação deve ser como as aves, que têm duas asas, uma acadêmica e outra espiritual. Sem ter ambas, a ave não voa. Sem uma formação acadêmica de excelência, não cumprimos nossa missão no mundo, seja qual for. Sem formação interior, sem o desenvolvimento do caráter, sem o desenvolvimento do sentimento de unidade da sociedade, que uso fazemos de nosso conhecimento acadêmico? A Educação é para a vida, não para um meio de vida. A Educação que Baba preconiza deve ter o equilíbrio entre o desenvolvimento intelectual e o cultivo da consciência de nossa natureza interior. Isso dizia Sócrates há 2400 anos. O sistema educacional que Baba criou - gratuito em todos os níveis, das séries primárias ao mestrado e ao doutorado. Os resultados dos exames de seus alunos se encontram entre os mais elevados da Índia. Desse modo, a instituição educacional se enobrece.

Sathya Sai Baba estabeleceu um sistema de saúde que inclui vários hospitais gerais e hospitais de alta complexidade. No Instituto Superior de Ciências Médicas Sri Sathya Sai Baba, a taxa de mortalidade, o tempo de permanência e a taxa estatística de infecção se encontram entre as melhores dos hospitais da Ásia. Esses hospitais atendem gratuitamente milhares de pessoas da região, que estariam apenas condenados por falta de qualquer alternativa; até pessoas de outros rincões do país que se deslocam para serem atendidos lá. Todo o serviço de saúde é oferecido sem custo algum, inclusive internação, cirurgia, serviços médicos e remédios. Sri Sathya Sai Baba tornou acessíveis serviços de alta complexidade, como cirurgias de coração aberto, à população local, que não tem os recursos econômicos nem instrução necessária para ter acesso a esse tipo de serviço sofisticado, de nenhum outro modo. Todos os serviços de saúde são prestados por profissionais como enfermeiros, médicos e outros; com compaixão e amor, além de conhecimento e competência (ORGANIZAÇÃO SRI SATHYA SAI BABA DO BRASIL, op. Cit.). Isso é o que conduz ao bem-estar do paciente em sua totalidade. Dessa maneira, a instituição médica se enobrece.

Sathya Sai Baba tem deixado claro a políticos em todos os países que o propósito deles é servir, humilde, amorosa e dedicadamente a seus cidadãos. Suas decisões, seu poder e seus recursos existem exclusivamente para servir ao povo. Essa é a conjugação entre a natureza divina do ser humano e a ação política na sociedade. No Estado de Andhra Pradesh, na Índia, há regiões castigadas pela seca, onde a água é muito escassa e, muitas vezes, contaminada

com flúor e arsênico natural do solo. Sathya Sai Baba desenvolveu um projeto que consiste em uma extensa rede de poços, tanques, canos, bombas e reservatórios que levam água pura em grande quantidade a mais de um milhão de pessoas sedentas. Esse projeto hídrico agora foi ampliado, a pedido do governo da Índia. Sathya Sai Baba está demonstrando que o governo deve servir às necessidades do povo (ORGANIZAÇÃO SRI SATHYA SAI BABA DO BRASIL, <http://www.sathyasai.org.br>). Qual é a necessidade primordial para a preservação da vida? A água. Ela é o componente principal do corpo humano e precisa ser constantemente reposta. O governo de um Estado vizinho solicitou que Sathya Sai Baba estenda essa grande obra filantrópica a milhares de outros residentes. Esse modelo de projeto hídrico está sendo reproduzido em outras regiões da Índia. Dessa maneira, o governo, como instituição, se enobrece.

Sathya Sai Baba cedeu Seu Nome a uma Organização de boa vontade, que é um movimento espiritual composto de homens e mulheres de todo o mundo, em muitos países de todos os continentes da Terra, que foram inspirados e motivados a estabelecer unidades da Organização Sathya Sai em seus países. Seu propósito é a realização de serviço amoroso e voluntário. Muitas das pessoas de grande fé e boa vontade nunca tiveram a oportunidade de ir à Índia e estar diante da augusta presença de Sathya Sai Baba. Apesar disso, têm sido inspirados a buscar em seu interior sua natureza mais pura e expressa-lá em sua ação junto a seus irmãos e irmãs, próximos e distantes, no contexto de suas próprias sociedades. Apesar de os programas serem muito simples, tornam-se poderosos em virtude de sua dedicação e sinceridade. Reconhecer o divino no outro e amá-lo sem motivo ou interesse ou por recompensa particular permite que nossa natureza divina se expresse. E, em se expressando, inspira. Nos Centros e Grupos Sai, oram, meditam, cantam canções devocionais ligadas a todas as religiões. Estudam as Escrituras de Sathya Sai Baba e de todas as Religiões; participam de programas de serviço aos esquecidos e necessitados em suas respectivas sociedades. Divulgam e praticam o Programa de Educação em Valores em suas próprias organizações, comunidades e escolas.

A Organização Sai é um movimento espiritual e não um negócio. Não há tarifas, cotas nem venda compulsória de material de leitura. A Organização Sai não é e não será um culto. Quem é Sai Baba? Ele mesmo disse e eu cito: “Não sou Guru. Sua própria consciência é seu Guru e seu Mestre. Sigam sua consciência”. A Organização Sai não é uma religião. Sathya Sai Baba nos disse que há uma só religião, a Religião do Amor e que o denominador comum a todas as religiões é esse princípio do amor. É especialmente bonito ver que Baba fala em seu Ashram a ocidentais e orientais, a muçulmanos, cristãos, hinduístas, budistas e agnósticos.

Que pessoas de todos os países freqüentam Seu Ashram, sentando-se lado a lado, sem que as diferenças de língua, origem religiosa e cultural tenham qualquer importância. Pessoas de todas as crenças percebem que o programa da Organização Sai é compatível com suas convicções religiosas, culturais, sociais e ambientais. De fato, Baba diz que a compreensão do que Ele fala deve tornar os cristãos melhores cristãos, os budistas, melhores budistas, hinduístas, melhores hinduístas e assim por diante. Ele veio apenas confirmar aquilo que os criadores de cada religião ensinaram: que há um único Deus, Onipresente, cuja natureza é feita exclusivamente de Amor, que criou e permeia toda Sua criação.

Considerem com leveza a natureza desse ser além do homem, que realizou todas as coisas que acabo de descrever. Considerem, por favor, a Natureza de Sri Sathya Sai Baba. Considerem sua própria natureza interior. Permitam-me, peço-lhes amorosamente: elevemo-nos acima da duplicidade da mente e das diferenças. Caminhemos ao encontro da Pureza de nossos corações. Permitamos usufruir uma vida feliz, porque permeada de Amor. Deixemos essa Fonte de Amor nos transformar e permear nossos pensamentos, palavras e ações. Não há meios de o escuro reter a luz. Não há meios de evitar o amor, quando ele se expressa. Deixem essa fonte de amor, sua própria natureza, fluir espontaneamente a cada instante de suas vidas, tornando-as cheias do significado maior que pode haver. É encantado dessa maneira que quero trilhar o meu fazer como educador ambiental.

1.2 O Fóssil de Amonite: A Comunidade da Vida

Em seu romance ‘A história de B: uma aventura da mente e do espírito’, Daniel Quinn (2000) nos oferece a oportunidade de pensarmos sobre as crenças e suposições incontestes da nossa cultura durante os últimos dez mil anos e que, se continuarem incontestes, vão nos manter em uma direção cada vez mais insustentável. Uma das coisas que me chamou a atenção na sua trama e que passei a utilizar em minhas vivências diárias foi a prática da ‘bricolage’, que é a arte de construir com o que se tem à mão. Essa palavra vem do francês *bricoler*, ‘fazer o que é possível, mesmo que o resultado não seja perfeito’. Um trabalho de *bricolage* pode produzir *scientia*, conhecimento, mas como não é passível de comprovação, nunca será ciência no sentido moderno, mas mesmo assim pode surpreender, pode fazer sentido, pode estimular o raciocínio. Pode impressionar por sua veracidade, validade, força e capacidade de transformação. Na busca por conhecimento, o protagonista do romance faz um trabalho de *bricolage*, que se assemelha a uma mandala, onde a peça central é o ‘fóssil de

amonite’ – uma concha pré-histórica fossilizada, à qual todas as outras peças vão se encaixar. Ali, o amonite representa a comunidade da Vida deste planeta e, com o desfecho da trama, podemos ver que a comunidade da Vida se mantém e se transforma pela força do amor. Qual é o fóssil de amonite da Educação Ambiental? Qual é a força que transforma e mantém a Educação Ambiental?

Nenhum projeto Ambiental idealizado e que tenha sido colocado em prática, começou a ter eficiência antes de dez anos de contínuo trabalho. Em setembro faz nove anos da morte de meu irmão. Em setembro nasce nossa segunda filha. Neste ano comemoramos 10 anos de realizações educacionais da *Organização Sathya Sai Baba do Brasil*, em nosso país. Está na hora de colhermos esses frutos. Esses nove anos, em que propus vivenciar a transformação de mim mesmo e estabelecer uma nova proposta de vida, foram árduos, sofridos e fiz coisas que não queria, mas agora vejo que não foram em vão. Viver pelos, para e em Valores Humanos e, mais recentemente, para a Educação Ambiental valeu a pena. Viver conforme seus princípios dignifica o viver. E é sobre o agir e os princípios que quero falar. Falar a respeito de um panorama da Educação Ambiental no Brasil. Segundo Philippe Pomier Layargues (2002), a reflexão acerca da relação estabelecida entre *Educação Ambiental* e *mudança social*, pode trazer aportes significativos para a pesquisa em Educação Ambiental, uma vez que permite focar a análise na *dimensão educativa da crise ambiental*, e não apenas na *dimensão ambiental da educação*. Observem as ações que são propostas: ‘reflexão’, ‘pode trazer’ e ‘permite focar’. Observem o jogo epistemológico das palavras como solução para os problemas ambientais. Quem é que vai definitivamente colocar a ‘mão na massa’? Em uma estratégia metodológica de prática educacional, é necessário um tempo mínimo de imersão em qualquer relação social, seja ela formal ou informal, para podermos estabelecer a intimidade necessária de se iniciar propostas que vislumbrem transformações individuais, sociais, políticas, ambientais e culturais.

A simples inversão destes pólos constitui-se em uma possibilidade de se resgatar o significado de “educação”, que parece ter ficado historicamente diluído no componente “ambiental”, pelo menos nas concepções puramente teóricas das ações ambientais, pois quem coloca a cara a tapa sua educação, respira educação, alimenta-se de educação, queima com a educação, enfim, vive educação. Ao menos esse resgate permite novos olhares para o mesmo objeto. A Educação não é mero conhecimento, é ação. Significa a prática em valores humanos na vida diária, e não é apenas as palavras: Verdade, Retidão, Paz, Amor e Não-Violência. É preciso existir perfeita harmonia entre pensamento, palavra e ação. Deve haver unidade entre coração, cabeça e mãos: estes são os verdadeiros Valores Humanos. Os Valores Humanos não

são passíveis de serem obtidos de um texto e nem fornecidos por osmose por qualquer companhia, não podem ser presenteados por amigos e nem comprados no mercado. São uma atitude natural que provém do coração. Estão presentes naturalmente em nós (MIGLIORI et.al., 1998).

A Educação é para a vida e não para um mero meio de vida", assim é como Sathya (1996) sintetiza a essência da educação. Certamente, nem só de pão vive o homem. A vida é muito grande e vasta para ser reduzida a um punhado de migalhas e moedas. O ser humano busca a satisfação de algumas aspirações humanas básicas. Ele procura alegria, paz e felicidade. Ele busca reconhecimento. Gosta de realizar e exceder. Se examinarmos isso mais detidamente, chegaremos à conclusão primordial: "o homem busca e aspira por excelência". Cada ser humano tem embutida essa busca pela excelência. Ela pode assumir diferentes formas e expressões em diversas ocasiões, mas aparece como o denominador comum em todas as esferas das atividades humanas. Apesar de todos buscarem tal meta à sua própria maneira, raramente uma pessoa se detém para pensar e definir o que é excelência. Excelência significa fazer bem as pequenas coisas; fazer mil coisas um por cento melhores em vez de fazer uma coisa só, mil por cento melhor. Todo educador, desde tempos imemoriais, tem enfatizado que a verdadeira educação deve conduzir à construção do caráter do estudante. Em verdade, Sathya (1996, , p. 36) declara que "[...] o fim da educação é o caráter". A palavra "caráter" tem sido definida de várias formas, por vários especialistas, filósofos, educadores. Entretanto, Sri Sathya Sai Baba (op. cit., , p. 38) define caráter como sendo "[...] unidade entre pensamento, palavra e ação". Não pode haver dúvida, então, de que o fim do processo educativo deve ser a "integração do homem". Esse fato, infelizmente, vem sendo ignorado pelos planejadores educacionais. O resultado é um mundo totalmente desintegrado.

Não entendo quando autores como Layargues (2002), falam sobre a 'eclosão da crise ambiental' como se fosse uma surpresa, algo inesperado, algo que surpreendeu os variados sistemas sociais – ciência, tecnologia, economia, política, direito, educação –, e que esses sistemas foram desafiados a reagir e a apresentar propostas de conversão de rumo, pressupondo ações unificadas dos variados sistemas sociais. Não a fim de que encontrassem, dentro de suas especificidades, os meios para enfrentar o cenário da insustentabilidade dos estilos de desenvolvimento da civilização moderna mas sim para agirem em harmonia, mesmo que tenham suas singularidades. Esta crise já vinha sendo tecida há muito tempo e muitos já a anunciavam. Estamos tão surdos que esse 'inesperado' obstáculo não interrompeu a trajetória do rumo civilizatório moderno. Pelo contrário, foi absorvido, foi digerido e agora faz parte do próprio sistema.

Em variados tempos e espaços, foi possível assistir ao nascimento de uma economia ‘ecológica’, de uma política ‘verde’, de um direito ‘ambiental’, de uma tecnologia ‘limpa’, de uma ciência ‘complexa’, todas traduções da incorporação da dimensão ambiental em suas lógicas. E como bons espectadores assistimos de uma distância segura onde o conflito esquizofrênico e paranóico entre a liberdade e a segurança é mera questão de oportunidade. Pior é que as distintas racionalidades em disputa por legitimação ideológica, presente no interior de cada um desses sistemas sociais, como por exemplo, uma economia ‘ambiental’ versus uma economia ‘ecológica’, que abrigam sentidos identitários diferenciados, têm um valor de existência igual ao de uma nota de rodapé.

E a Educação não fugiu ao modismo, foi ao encontro dele fazendo emergir de suas entranhas, uma educação agora ‘ambiental’. Pronto, não olhem a gente como se fôssemos um estranho. Iludimo-nos quando pensamos que a Educação Ambiental corresponde à reação do sistema educativo e veio mostrar dignidade frente aos desafios impostos pela crise ambiental. Assim desmoralizamos qualquer educação dita convencional que julgamos ‘não ambiental’, temos argumentos necessários para efetuar uma reforma no sistema educativo e impomos a dimensão ambiental no âmbito da educação. Se essa reformulação ocorresse assentada no sentido do ensino da estrutura e funcionamento dos sistemas naturais, de modo mais orgânico ao currículo escolar, a aquisição desse conhecimento relativo ao limite e à fragilidade da dinâmica ecossistêmica diante da ação antrópica, seria muito mais eficiente à aplicação desses conhecimentos no futuro processo interativo entre a natureza humana e a comunidade da vida.

O que parece despontar como a contribuição à tendência da educação face à crise ambiental é a criação de *novas habilidades*, não para uma intervenção humana simplista e ecologicamente prudente na natureza, evitando ou minimizando a geração de riscos e danos ambientais. Essa é uma perspectiva educativa biologicista que pode estar em forte sintonia com os demais sistemas sociais, na medida em que promove ações sinérgicas, mas a criação de novas habilidades humanas ainda não se configura exatamente como a especificidade singular da educação. Do ponto de vista sinérgico entre os sistemas sociais, a contribuição da educação ‘ambiental’ para o enfrentamento da crise ambiental não pode se situar na criação de cidadãos que, em última instância, possuam habilidades necessárias para uma intervenção prudente no ambiente. Isso quer dizer que o sistema educativo não deve se encontrar subordinado aos demais sistemas sociais, que por demandarem um novo perfil profissional no mercado ‘verde’, baseado em tecnologias ‘limpas’; não exijam reformulações profundas nem no processo de produção do conhecimento, nem nas perversas condições sociais.

Na perspectiva da educação como um sistema social que possui uma contribuição ampla a oferecer ao enfrentamento da crise ambiental, uma indagação se faz necessária: qual é o ‘efeito societário’ capaz de ser efetuado por intermédio da Educação Ambiental? Imaginemos que a Educação Ambiental pode contribuir para a mudança individual de valores, atitudes, comportamentos e habilidades, mas por outro lado precisamos saber ainda mais acerca do rebatimento dessa prática educativa em termos societários, para além da esfera do indivíduo. E pensando em termos do ‘efeito societário’ (LAYARGUES, 2002) da Educação Ambiental face à mudança ambiental, auxilia não apenas o ajuste do foco no que diz respeito à avaliação de sua eficácia, mas auxilia, sobretudo, a objetivação de suas metas, quer dizer, auxilia a reflexão a respeito da contribuição mais ampla que o sistema educativo tem a oferecer para o enfrentamento da crise ambiental. O ser humano não pode viver individualmente como uma gota de azeite que deseja cair sobre a superfície da água. Deveria dar-se conta de que o indivíduo e a sociedade são o que compõe o mundo (MARTINELLI, 1999). A felicidade do indivíduo está intimamente ligada à felicidade da sociedade. A prosperidade da sociedade está estritamente conectada com a felicidade do mundo. Se desejarmos desfrutar uma felicidade individual, deveremos aceitar que tanto indivíduo quanto sociedade terão que ser felizes.

Existem pensadores, como Layargues (2002), que acreditam não ser a educação o sistema social mais importante para ser alçado como primeiro plano na ordem de prioridades do enfrentamento da crise ambiental, mas que possui uma característica própria, que lhe confere um grau de importância maior do que aquele atualmente depositado em políticas públicas. Os demais sistemas sociais carregam um elevado grau de pragmatismo, por estarem naturalmente comprometidos com a resolução direta dos problemas concretos que lhes desafiam cotidianamente, qualificando-os como componentes sociais *corretivos*. Sem querer parecer pragmático, as ações *corretivas* têm se mostrado cada vez menos eficientes no que diz respeito não só à crise ambiental, mas à crise generalizada em que o mundo se encontra. A visão é o rio e nós que nos transformamos somos a corrente de água. A crise do mundo não será solucionada por cabeças antigas com programas novos. Se a crise for solucionada, vai ser por cabeças novas – sem programas (QUINN, 2000). O sistema educativo possui as condições potenciais ideais para sair desse pragmatismo imediatista, o que lhe qualifica como um componente social *libertário*: envolve-se com as pessoas, não necessariamente aborda diretamente os problemas ambientais, e dialoga efetivamente com as novas gerações.

Por envolver tais características distintas, o sistema educacional permite a realização da discussão aprofundada a respeito das raízes e das causas da crise ambiental, para além do mero enfrentamento corretivo dos sintomas da problemática ambiental, na perspectiva de

criação de novas identidades na interação humana com a natureza. Em especial, permite repensar a própria complexidade da crise civilizacional e da crise do conhecimento. Assim, por sua eminência libertária, podemos considerar a educação como o sistema social que comporta a maior *radicalidade na crítica ecologista*.

Nesse sentido, um aspecto fundamental se sobressai junto a esse fazer educativo, que revela a condição maior de autonomia e responsabilidade da educação face aos demais sistemas sociais: o reconhecimento da relevância daquilo que Layargues (2002) chama de Educação Ambiental ‘fundamentalista’, ou seja, aquele modelo que enfatiza a dimensão da mudança cultural, visando à descoberta dos valores humanos, à possibilidade de novos paradigmas e visões de mundo, na perspectiva da realizarmos uma ética ‘ecológica’ ou um saber ambiental no sentido da pedagogia da complexidade ambiental, já que é esse o espaço propício de união dos sistemas sociais para se efetuar a discussão aprofundada a respeito das raízes e causas da crise ambiental.

Contudo, considerando-se que as especificidades sociais e culturais não são tão homogêneas entre os países centrais e periféricos do sistema capitalista, a relação entre Educação Ambiental e mudança social adquire especial relevância frente à necessidade de se promover equidade e justiça social, no que se refere não só à distribuição dos benefícios e prejuízos do acesso e uso dos recursos naturais, mas também dos recursos intelectuais, tecnológicos, artísticos notadamente nos países da América Latina, onde se insere a realidade brasileira. Nesse sentido, ganha igualmente importância o modelo de Educação Ambiental adjetivado de ‘transformador’, ‘popular’ ou ‘educação no processo de gestão ambiental’. Assim, para que a Educação Ambiental possa fornecer a sua ampla contribuição para a solução da crise, desponta um cenário que envolve uma dupla via de acesso à mudança ambiental: a mudança cultural e a mudança social.

A Educação Ambiental, enquanto Educação, em tese, é uma modalidade de ensino que necessariamente se vincula, ao menos, à dupla função da Educação: [...] a função moral de socialização humana e a função ideológica de reprodução das condições sociais” (LAYARGUES, 2002). Mas como ela surge em decorrência de uma crise ambiental, aquela clássica função moral de socialização que antes se restringia ao ser humano, se atualiza e aparece agora ampliada à Natureza, seu foco de atenção privilegiado. Entende-se que as raízes da crise estão assentadas no paulatino processo histórico de afastamento do ser humano em relação à Natureza, iniciado há dez mil anos com o advento da civilização (QUINN, 1998; 1999; 2000; 2001), resultando no atual paradigma antropocêntrico utilitarista. Portanto, a perspectiva de análise da Educação Ambiental que enfatiza a função moral de socialização

humana ampliada à Natureza, recoloca o ser humano como mais um integrante da Natureza, sendo que a Cultura representaria a Natureza consciente de si, justificando, assim, que o sistema educativo, pressionado pela crise ambiental, buscase a re-ligação do ser humano com a Natureza, através da possibilidade de novas escolhas do rumo civilizatório baseado na extensão do processo de socialização ampliado à Natureza. Nesse sentido, as questões do debate no campo da Educação Ambiental, giram em torno da ampliação e da não demagogia de ações da esfera da ética, agora também ecológica, através de uma mudança cultural.

Por causa disso, a tradição nos faz entender a Educação tecendo relações simultaneamente com a mudança cultural na dinâmica dos valores e com a mudança social na dinâmica político-ideológica. Não podemos nos iludir que Educação Ambiental, desde seus primórdios, foi concebida tecendo relações predominantemente com a mudança cultural como o vetor privilegiado para se atingir a mudança ambiental. Também não podemos deixar cristalizar, sobretudo nos espaços centrais do sistema capitalista, uma idéia de que a concepção hegemônica de Educação Ambiental tem como tarefa prioritária apenas uma mudança cultural como a contribuição da Educação para a reversão da crise ambiental. Assim, pensamos que a Educação em tempos de crise, e a bola da vez é a ambiental, reveste sobre si o papel da moralização e socialização humana ampliado à natureza, tendo como alibi a construção da ética ecológica no terreno da cultura. Essa responsabilidade tem que ser repartida, tem que haver a participação de todos os sistemas sociais. A Educação tem sim sua responsabilidade na catalisação desse processo, mas a construção das diretrizes éticas ‘ecológicas’ é muito mais ampla para ser traçada somente por um sistema social.

Na abordagem filosófica da crise ambiental, a *cultura*, ou seja, os diversos regramentos que possibilitam uma sociedade viver em harmonia com ela mesma e com as outras, aparece como elemento mediador da relação humana com a Natureza e, portanto, são os valores culturais, ou seja, o quanto o indivíduo em suas respectivas coletividades dá valor e age conforme os diversos regramentos existentes, que assumem a centralidade na dinâmica pedagógica da Educação Ambiental. Na abordagem sociológica da crise ambiental visualiza-se outro elemento mediador de tal relação, aparentemente muito menos evidente nesse fazer educativo: é o *trabalho*, ou seja, a relação do esforço e da recompensa que os indivíduos têm em uma sociedade para estar o mais próximo possível da independência e da liberdade, que juntamente com a *cultura*, compõem o diálogo entre o plano material e o plano simbólico quanto aos determinantes da crise ambiental, rompendo assim a perspectiva reducionista do pós-materialismo que desqualifica a importância da base material da crise ambiental. Não poderia avaliar o quanto de verdade existe em considerar a categoria “trabalho” como o outro

elemento constitutivo e mediador da relação entre os seres humanos e a Natureza, a não ser que entendamos que essa categoria possibilite o fazer educativo integrar a base material da crise ambiental. É nela que se assenta a produção de riquezas e sua respectiva distribuição no tecido social, ou pelo contrário, sua concentração nas mãos de poucos.

A distinção analítica entre as duas categorias, que pretendem ter o *status* de mediadoras da relação humana com a Natureza, à primeira vista pode passar despercebida em sua relevância para a Educação Ambiental, se não se considerar a decorrência dessa distinção para a concepção predominante do agente causador da crise ambiental. Em se tratando da cultura no singular, como aquele elemento que rege a mediação da relação que o ser humano estabelece com a Natureza, cuja ilusão de poder da dominação humana sobre a Natureza desemboca na crise ambiental, forja-se na linha de produção da Educação Ambiental a imagem virtual do ‘homem genérico e abstrato’ como o responsável pela entropia na biosfera, na litosfera e na tecnosfera. Sob o manto da generalização manifestada por expressões como ‘impacto antrópico’, ‘agressão humana’, ‘sociedade contra a natureza’, diluem-se os agentes sociais que, com suas responsabilidades, ficam em segundo plano. Por outro lado, a possibilidade de se perceber na categoria trabalho outra instância mediadora da relação do ser humano com a Natureza – pois não é só através dela que de fato se intervém na Natureza –, fornece novos caminhos para que no processo educativo de ensino-vivência-aprendizado, o exame das relações produtivas e mercantis revele singularidades dos atores sociais, permitindo distinguir quais são as ações dos agentes causadores da crise ambiental, sob uma ótica mais transparente do que a difusa ‘humanidade’.

Valores Humanos por um lado, *interesses* materiais e *oportunismos* políticos por outro. E assim começa a desenhar-se uma dialética para a integração não só da dupla função da Educação Ambiental face à crise ambiental, mas da totalidade de suas atribuições que, embora não excludentes entre si, adquirem significados diferenciados segundo as pretéritas, presentes e futuras concepções de Educação, Sociedade e Natureza que encontramos ou que poderemos encontrar no campo da Educação Ambiental, onde grandes esforços são dirigidos para a dimensão ética no relacionamento humano com a Natureza, com a pretensão de torná-la um Bem em si, com seu valor intrínseco, humanizando sua grandiosidade e exterminando de vez sua sacralização. Assim perpetuamos sua existência como Mercadoria (seja na forma de produtos ou serviços ecológicos), com um valor de troca, repartindo os benefícios (a geração de riqueza) e os prejuízos (a geração de danos ambientais) do acesso, apropriação, uso e abuso da Natureza, através do trabalho na sociedade capitalista. E nesse sistema a partilha de qualquer coisa é sempre mediada por relações produtivas e mercantis, e como tal, está sujeita

à assimetria de poder nas relações sociais, expondo ao risco ambiental os grupos sociais vulneráveis mais diretamente às condições ambientais em processo de degradação (como as populações marginalizadas em qualquer centro urbano), ou totalmente dependentes de recursos naturais em processo de exaustão (como as populações indígenas e extrativistas artesanais), agravando a já delicada situação de opressão social e exploração econômica que é imposta a tais grupos sociais pelos sistemas sociais dirigentes. É nessa perspectiva que emerge a concepção da questão ambiental como uma questão de religar e realizar não somente uma justiça distributiva, mas uma cooperação calcada na fraternidade humana em Valores Humanos, tornando a gestão dos conflitos socioambientais menos assimétrica e muito mais participativa na luta por um mundo com qualidade de Vida e tornando a Educação um catalisador do processo de gestão das ações ambientais, coadunada com a Educação Ambiental ‘popular’, a via de acesso à mudança ambiental por intermédio das mudanças sociais, culturais, tecnológicas e artísticas.

É possível mudar a superestrutura sem mudar a infra-estrutura, ou seja, pode-se alterar a base ideal, mas não a base material da crise ambiental? É possível mudar uma relação Homem – Natureza, mas manter inalteradas as relações sociais? Definindo a vertente da Educação Ambiental relacionada à mudança cultural, como diz Layargues (2002), [...] uma Educação Ambiental fundamentalista, que supõe um modelo que seja tendencialmente hegemônico, no qual a relação entre Educação Ambiental e mudança social estaria em segundo plano, em função da alienação a que os educadores ambientais estão submetidos em relação às condições de reprodução do modo de produção capitalista, a questão teórica que sobressai nesse contexto é se é possível efetuar uma mudança cultural sem que ao mesmo tempo se promova uma mudança social.

Com certeza, o que sobressai nas questões práticas que os educadores ambientais vivenciam em seu cotidiano, supostamente alienados e meros reprodutores autômatos das perversas relações impostas pelo sistema capitalista – e este não é um capitalismo virtual qualquer, ele tem nome e sobrenome e podemos apontar em sua direção quando olhamos em seus olhos – é que a transposição das dificuldades, as transformações microambientais, a renovação da força nos Valores Humanos, a coragem de sonhar estão vinculados a uma incessante sucessão de dias e noites, e só levantamos diariamente para sairmos com dignidade na luz do dia porque acreditamos no amor incondicional à Vida e porque podemos aproximar cada vez mais de uma sociedade mundial fraterna que promova felicidade e paz a todos os seres.

A manutenção das relações sociais não deve e não pode permanecer baseada em valores competitivos, individualistas e conflituosos, que possivelmente continuarão sendo um entrave a dificultar e atrasar a transformação social, porque no interior desse movimento de valores e interesses antagônicos, está embutida uma tensão entre um vetor que caminha rumo à transcendência da ética ecológica e o outro que prossegue com a racionalidade econômica na lógica de reprodução do modo de produção capitalista. A Educação Ambiental não se move no vazio; ao contrário, ela se move subversivamente como contra-hegemonia, na contracorrente, o que significa que ela estará sempre submetida a perdas e ganhos diários. Nesse sentido, tais considerações revelam a utilidade de se integrar na produção de conhecimento acerca da Educação Ambiental o pensamento do educador indiano Sathya Sai Baba, em especial a filosofia do Sadhana (SATHYA, 1996).

Loka Samasta Sukhino Bhavanthu – Shanti, Shanti, Shantii.

Que todos os seres, de todos os mundos sejam pacíficos e felizes. Paz à mente, paz ao corpo, paz ao espírito.

2 PESCANDO COM OS SUJEITOS

Lembro-me do dia em que tudo começou. Trabalhar em uma organização não governamental preconiza um perfil de autônomo muito singular. A dinâmica estável da instabilidade é a diretriz que faz com que essas instituições, de alma instituinte, estejam longe da inércia. Os profissionais que querem envolver-se nesse fluxo precisam entender que se existirem somente relações profissionais de trabalho não conseguiriam viver, para não dizer sobreviver, em tal dinâmica. Precisamos sim de profissionalismo, mas não basta. Vamos mais longe, nos relacionamos como uma família e temos de conviver com todas as alegrias e tristezas que a mesma está sujeita. No início do ano de 2004, tive a oportunidade ímpar que qualquer trabalhador em ascensão profissional deseja: trabalhar em um projeto grande e é claro, engordar a conta bancária. E estatisticamente não era pouco, era um engorde de 100%. De duzentos reais, passaria para quatrocentos reais. Estava saindo do projeto “Ondas” e sendo encaminhado para o projeto do Taim. Outra área de atuação, outra equipe técnica, outras oportunidades. Como a dinâmica no NEMA é o carro-chefe, peguei o trem andando e, juro, “nem pensei em sentar na janela”. O projeto do Taim já tinha sua caminhada de dois anos e eu precisava ficar inteirado da sua trajetória. Ler tudo a respeito do projeto, aproximar-me mais da equipe técnica e acima de tudo ir a campo. Por mais que você leia ou converse com as pessoas, nunca pode vivenciar de fato a realidade de ir a campo. E foi na primeira saída para acompanhamento e reconhecimento dos grupos que conheci os protagonistas, os sujeitos que escolhi acompanhar mais de perto. Digo escolhi porque o projeto Taim trabalhava com cinco grupos distintos e representativos da comunidade do entorno da Estação Ecológica do Taim, e tinha a liberdade de escolher em qual grupo me inseriria para darmos continuidade às ações. Parece que aconteceu uma empatia silenciosa quando conheci os pescadores da Vila Anselmi. Identifiquei-me de estalo. Era ali que trabalharia. Igualzinho quando vi o mar pela primeira vez. Eu disse “é aqui que vou morar”, e estou no Cassino desde 1992.

Após uma reunião com o coordenador do projeto Taim, quando falamos do meu interesse em trabalhar com os pescadores e a respeito das diretrizes e dos objetivos para com o grupo da Vila Anselmi, recebo a notícia que na semana seguinte passaria alguns dias no local de pesca da comunidade. Para estreitar os laços, para o pessoal me conhecer, enfim, para ambientar-me. Estava acontecendo tudo muito rápido. Estava ansioso e com medo. Era a primeira vez que trabalharia e compartilharia minhas idéias com pescadores. E quem eram essas pessoas? Como viviam? Quais suas relações com o mundo? Antes, no projeto “Ondas”,

trabalhávamos com Educação Ambiental em instituições educacionais de ensino formal, e tinha uma certa noção de como as coisas funcionavam. Também são 28 anos em que estou, de uma maneira ou outra, nessas instituições. Sentia-me mais seguro. Seguíamos a metodologia das Ondas do livro *Ondas que te quero mar: Educação Ambiental para as comunidades costeiras – Mentalidade marítima: relato de uma experiência* (CRIVELLARO; NETO; RACHE, 2001), que foi idealizado e produzido pelo NEMA. O livro descreve a busca de um ideal e indica caminhos viáveis, vividos, percorridos, fartamente experimentados, pensados e repensados ao longo de 13 anos de projeto “Mentalidade Marítima” (atual projeto “Ondas”). Sorte a minha que a metodologia e a equipe técnica do projeto “Ondas” não são engessadas. Deram-me liberdade para possibilitar propostas de união da metodologia das Ondas com as minhas idéias, fundadas na metodologia de Educação em Valores Humanos. Até hoje estou aprimorando as ações inspiradas na união das duas metodologias. Tem sido muito gratificante.

Mas e com os pescadores? Não sabia nada deles a não ser aqueles comentários pejorativos que somente plantam a semente da discórdia, tipo: “Pescadores são todos iguais – mentirosos, cachaceiros, preguiçosos e ladrões. Tome muito cuidado com eles.” Isso não ajudava em nada, ficava mais ansioso e com mais medo do que já estava. E se não conseguisse estabelecer relações com o grupo? E se fracassasse por causa dos pescadores serem pessoas abomináveis? Temos um rótulo, um pré-conceito, uma simbologia, uma explicação para todos os seres do mundo, e com os pescadores não é diferente. Recebemos informações prontas do senso comum acerca de assuntos dos quais, ainda, não vivenciamos. Em meio a tais delírios mentais, a essas premonições do futuro – e a mente não é nossa melhor conselheira –, encontro o meu eixo harmônico nos ensinamentos de Sathya Sai Baba. Sempre é um porto seguro. Estava tentando controlar os acontecimentos ao invés de deixá-los simplesmente acontecerem. Sou um guerreiro da luz e não há escuridão que resista ao encantamento do amor. Entoei silenciosamente o meu mantra – ‘eu entrego, eu confio, eu aceito, eu agradeço’ –, respirei profundamente e fechei as portas do pré-conceito a fim de abrir as janelas do espaço para o novo, para a supressa, para o desconhecido. Para encontrar-me e perder-me. Para compartilhar e fazer concessões. Sem programas ou teorias, apenas com muita vontade de viver o que fosse para ser vivido. Minha fé nos valores humanos me tranquiliza e traz esperanças na transformação. Tenho certeza de que podemos dar somente aquilo que somos e, realmente, daria aos pescadores da Vila Anselmi o que sei de melhor: viver os valores humanos. Viver a verdade. Pensar, falar e agir a e na verdade. Sendo verdadeiro no pensar, no falar e no agir; estou empreendendo a ação correta. Sou verdadeiro e

ajo de maneira correta, passo a ter amor incondicional. Sou verdadeiro, ajo de maneira correta e tenho amor incondicional: estou em paz. Paz com o plano material, paz no plano mental, paz de espírito. Sou verdadeiro, ajo de maneira correta, tenho amor incondicional e estou em paz comigo mesmo e já não posso praticar violência. Não-violência em pensamento, não-violência em palavras e não-violência em ações. O medo paralisante do novo se transformou em uma oportunidade de vivência com o novo. Fiquei feliz em preparar toda a logística para a saída de campo. Não sabia o que me esperava e estava feliz. Como a gente perde oportunidades de ser feliz no aqui e agora, por medo de ser feliz. O que os outros iriam achar? “Como é que esse cara está feliz se eu não estou? Será que ele não está vendo a merda em que o mundo está?” Será que pensariam assim? Acho que não.

Lembro-me de chegar à Vila Anselmi para ficar acampado no banhado Del’Rey, local de pesca na Lagoa Mirim. Minha primeira saída de campo e primeiro contato com os pescadores. Deu tudo certo. Tanta novidade. Talvez mais para mim do que para eles. O convívio na comunidade de pescadores artesanais da Vila Anselmi foi um período de adaptação, de construção de intimidades e do estabelecimento de nossa intenção. Existem muitos pré-conceitos em relação à vida do pescador e quase todos pejorativos, conforme já apontei anteriormente. São pessoas, são seres humanos. São muitas as dificuldades e foram muitos os prazeres. Com certeza muitas sementes foram plantadas e invariavelmente precisamos ter uma continuidade de nossa atenção para que essas sementes vingam e se tornem árvores robustas e gentis como as típicas figueiras da região. É com orgulho e com muito carinho que apresento essa pequena vila do interior do Rio Grande do Sul.

2.1 Onde estamos?

O ser humano vive no território que hoje compõe o Rio Grande do Sul há cerca de 11.000 anos. Os primeiros habitantes que aqui viveram eram tribos coletoras e ocuparam os campos (10.000 anos – Tradição Umbu), as florestas e o planalto (6.000 anos – Tradição Humaitá) e o litoral (4.000 anos – Sambaquis). A região de estudo foi povoada, há cerca de 2.500 anos por índios de várias tribos – Charruas, Minuanos, Arachanes e Carijós que, ao descobrirem seus encantos e sua fartura, resolveram fixar-se e construir suas aldeias. Essas populações indígenas, porém, foram praticamente exterminadas pelo colonizador europeu quando ele começou a dominar o território gaúcho e a explorá-lo em busca do gado selvagem, também chamado Minuano, do qual se extraíam produtos valiosos como o couro, a carne, a

língua e o sebo que abasteciam na época os dois maiores pólos econômicos do sul – Laguna e Sacramento.

A região de abrangência do Taim, outrora denominada de Campos Neutrais, foi local de disputas territoriais entre Portugal e Espanha. Foi inicialmente ocupada por portugueses das Ilhas da Madeira e Açores e posteriormente declarada campo neutro pelo Tratado de Santo Idelfonso – 1777, segundo o qual nem portugueses, nem espanhóis poderiam estabelecer tropas ou acampamentos, nem sequer criar povoados. A partir de 1821, foram anexados ao Brasil e ocupados por brasileiros de várias origens, com forte influência dos espanhóis e de imigrantes italianos, formando uma comunidade com muitas peculiaridades (AZAMBUJA, 2001).

2.1.2 O município de Santa Vitória do Palmar (RS)

O município de Santa Vitória do Palmar, 33°51'S, 53°36'W, caracteriza-se pelos palmares agrupados de longe em longe em meio à planície rasa e limpa. O município está limitado ao norte com o município do Rio Grande, no banhado da Estação Ecológica do Taim, ao sul pela República Oriental do Uruguai, com quem compartilham soberania sobre as águas da Lagoa Mirim, a leste pelo Oceano Atlântico e a oeste pela Lagoa Mirim. Apresenta características rurais, com sua economia baseada na pecuária, agricultura, nas atividades pesqueiras e em um turismo de pequena escala. O florestamento de *Pinus* e *Eucalyptus* nessa região assinala também investimentos nesse mesmo setor. Perfil demográfico e estrutura comunitária:

Resultados do Universo do Censo 2000- IBGE	Santa Vitória do Palmar
Área territorial	5.240 km ²
População residente	33.304
Densidade demográfica	6,35 hab/ km ²
Homens	16.833
Mulheres	16.471
População urbana	27.952
População rural	5.352
Pop. residente + de 10 anos	27.301

Alfabetizada	25.100 - taxa 91,9%
Ensino Pré-escolar	15 estabelecimentos
Ensino Fundamental	32 estabelecimentos
Ensino Médio	3 estabelecimentos
Universidades	2 campus avançados
Hospitais	1
Agências bancárias	5

O 2º distrito do município de Santa Vitória do Palmar, Curral Alto, possui a maior concentração da população na Vila Anselmi, uma comunidade formada principalmente por pescadores, situada à margem da rodovia BR 471, entre as Lagoas Mangueira e Mirim.

A atividade econômica básica é a agricultura, associada à criação de bovinos, eqüinos e ovinos, destacando-se a orizicultura que atrai mão-de-obra local e dos municípios vizinhos, para atividades permanentes, ou temporárias em época de safra. As pequenas e médias propriedades dedicam-se à pecuária de corte e leiteira, além da ocasional produção de arroz direta ou indireta, através de arrendamento de terras. O pequeno proprietário serve ainda de mão-de-obra para a orizicultura. O florestamento com espécies exóticas e as serrarias são atividades econômicas que vêm crescendo muito na região, também atraindo mão-de-obra dos municípios vizinhos. Além da agricultura, da pecuária, e do florestamento, a pesca é outra atividade da região. Os pequenos agricultores e pescadores que residem na região, na sua maioria, possuem conhecimento dos ambientes da região, e noções sobre a importância e a função da Unidade de Conservação ESEC – Taim.

Os trabalhadores temporários oriundos de outras áreas do RS, que estão em fluxo permanente de entrada e saída da região, desconhecem tais ambientes, suas peculiaridades, bem como a importância e a função da Unidade de Conservação ESEC – Taim. A renda familiar média gira em torno de um a dois salários mínimos. Cabe ressaltar que o valor do salário mínimo para o estado do Rio Grande do Sul é de aproximadamente R\$ 380. A escolaridade da população que vive no entorno da Unidade alcança basicamente a quarta série. A região possui seis escolas, sendo cinco de 1ª à 4ª série e apenas uma com o primeiro grau completo: E.M. de 1º Grau Incompleto Alba Olinto; E.M. de 1º Grau Incompleto Cel. Domingo Ramos Correa; E.M. de 1º Grau Incompleto Miguel Castro Moreira; E.M. de 1º Grau Incompleto Hélio Benjamim Vieira; E. Rural Taim e a E. M. de Ensino Fundamental Maria Angélica Vilanova Campello.

2.1.3 Vila Anselmi

A Vila Anselmi pertence ao distrito de Curral Alto, 2º distrito de Santa Vitória do Palmar. A comunidade está localizada às margens da BR 471, a cerca de 80 km ao norte de Santa Vitória do Palmar e 35 km ao sul da sede da ESEC Taim. Está localizada entre as Lagoas Mirim e Mangueira, no limite sul da Estação Ecológica do Taim, em um espaço onde aproximadamente 300 pessoas vivem com o mínimo de infra-estrutura. A vida e o tempo parecem parar. São pessoas muito simples, de hábitos igualmente muito simples e de corações abertos. Sentia uma carência material e afetiva enorme. Desde o primeiro encontro ficou bem claro que a valorização e a atenção que o NEMA estava dispendo a eles, refletiam em um processo de revitalização da auto-estima de ser pescador e uma confiança no trabalho que o NEMA realizava. Sentimento muito presente. O interesse do NEMA em trabalhar com os pescadores da Vila Anselmi era o de catalisar o processo de organização da comunidade, para que os pescadores pudessem se incluir no processo de gestão da pesca nas lagoas Mirim e Mangueira. Para tanto seria fundamental fazer um levantamento de dados ‘científicos’ acerca da pesca, os mais confiáveis possíveis. Em minha vivência e ingenuidade, acreditava que o mais importante para o gerir ambiental era a transformação das condições humanas baseadas na Educação Ambiental e nos valores humanos. E foi assim que fiz, não fui só observador das condições físicas, químicas, biológicas, ambientais e humanas, mas também passei a viver com eles, compartilhando as vivências de um educador ambiental em valores humanos. Entrei em atrito muitas vezes, tanto com o NEMA quanto com os pescadores, mas não deixei de fazer nem para um, nem para o outro. O dilema entre o quantitativo e o qualitativo. O difícil caminho do meio.

O nome “Anselmi” provém da Casa Anselmi, segunda firma que apareceu em Santa Vitória do Palmar no final do século XIX. Foi criada por Raphael Anselmi, um italiano imigrante, que acabaria se radicando definitivamente na cidade marítima do Rio Grande. A Anselmi & Cia. tinha sua matriz na cidade do Rio Grande e uma filial em Santa Vitória do Palmar que, posteriormente, foi ampliada para Curral Alto, onde manteve um grande estabelecimento comercial e pastoril. Além de trabalhar com Secos & Molhados e produtos da pecuária e derivados, mantinham também o ramo de importação e exportação desses produtos locais. Foram os maiores compradores de lã do município e mantinham uma frota de transporte lacustre eficiente. A Anselmi & Cia. teve muita influência nas atividades comerciais da região por mais de meio século, até encerrar suas atividades na década de 70.

Em Curral Alto ficou a Casa Anselmi, um prédio colonial construído na beira da estrada, abrigado por imensas figueiras. Na sua volta as famílias dos funcionários já formavam um pequeno povoado que mais tarde foi recebendo novos moradores, principalmente em função da pesca, fazendo surgir a Vila Anselmi. Atualmente, na Casa Anselmi funciona um mini-mercado e é também sede para os bailes de final de semana.

A comunidade possui uma ligação muito forte com a pesca, não só em função da localização geográfica privilegiada entre as duas lagoas. No entanto, com muitos problemas: o declínio dos recursos – sobrepesca pela falta de regulamentação da pesca na lagoa Mangueira, cuja porção norte faz parte da ESEC, a destruição dos banhados adjacentes para as plantações de arroz tem diminuído as áreas pesqueiras e de criação e o sistema perverso de comercialização do pescado. O Banhado Del'Rey, local de pesca dos pescadores da Vila Anselmi, por sua magnitude e complexidade é o mais afetado, e constitui-se em um berçário para peixes e um grande ninhal de aves como o cisne-do-pescoço-preto.

Por falta de apoio e recursos, os pescadores não obtêm liberação para a instalação de peixarias, pois não conseguem se adequar às condições sanitárias necessárias para o beneficiamento do peixe, ficando assim à mercê dos atravessadores. A problemática da pesca local está bastante associada à desarticulação dos pescadores, que não possuem representatividade nos fóruns, associações, sindicatos e colônias. Isso tem sido uma preocupação constante por parte dos pescadores. Vivem em casas simples, na maioria de madeira. A Vila possui uma única rua principal, onde estão os poucos equipamentos comunitários e também onde está concentrada a maior parte das pessoas da comunidade. Possuem serviço de abastecimento de água tratada que não é cobrado. O sistema de esgotos se faz através de fossas, onde a água servida é depositada em valetas e canais que deságuam na Lagoa Mirim. A maioria das pessoas tem acesso à energia elétrica, com exceção de alguns pescadores que não têm condições econômicas para pagar uma fatura todos os meses.

A Vila Anselmi possui uma escola municipal – Escola Bernardo Arriada, que atende crianças e adolescentes de 1ª à 8ª série. O ensino de segundo grau só é oferecido na Escola Estadual do município de Santa Vitória do Palmar. O transporte é oferecido seis vezes ao dia por ônibus locais e intermunicipais. O atendimento médico é semanal, feito por um clínico geral, com distribuição limitada de fichas para consulta. Diariamente, uma enfermeira faz plantão para atender casos menos complicados. O atendimento pelo dentista e pediatra é esporádico. Não há linha de telefone convencional residencial, somente uma antena para telefonia celular e um posto de telefone público, quase sempre estragado. O comércio local é constituído de três mercados de pequeno porte (mercearias) que vendem principalmente

produtos não perecíveis e frutas. As pessoas não costumam cultivar frutas e hortaliças para consumo próprio.

Com relação à segurança pública, não há nenhum posto policial na comunidade e, caso seja necessário, é chamada uma viatura de Santa Vitória do Palmar ou do Taim. A comunidade escuta a rádio local – Cultura AM de Santa Vitória, por onde são dados avisos e notícias para os moradores da Vila Anselmi. A televisão reforça o contato com o mundo afora. A coleta do lixo é convencional – não existe coleta seletiva de resíduos –, e realizada três vezes por semana. As mulheres adultas e crianças são a maioria na comunidade. Destas, mais da metade não concluiu o 1º grau e não possui qualquer atividade econômica; são donas de casa ou aposentadas. O restante das mulheres realiza serviços gerais, trabalha no comércio local e um número insignificante são pescadoras. Dos homens, mais da metade são adultos e também não possuem o 1º grau completo. As principais atividades econômicas dos homens são o trabalho nas granjas e na pesca.

Sobre o tempo em que moram na Vila Anselmi, mais da metade da comunidade vive há mais de 10 anos, sendo poucos os nativos. A maioria tem como município de origem a própria cidade de Santa Vitória do Palmar e os outros moradores são oriundos dos municípios próximos como Piratini, Rio Grande, Canguçu, Santana da Boa Vista, São Lourenço do Sul, Capão do Leão e Camaquã. Quase todas as pessoas pretendem continuar morando na Vila Anselmi porque gostam do lugar onde vivem e porque trabalham na Vila ou próximo a ela. A maioria delas gostaria de realizar outra atividade econômica para complementar o orçamento doméstico. Quanto à atividade de lazer, não possuem uma atividade específica, ficam em casa, jogam futebol, vão à praia da Lagoa Mirim e à do Balneário do Hermenegildo, no oceano.

Para a comunidade, a Estação Ecológica do Taim é um local de proteção e conservação ambiental, influenciando diretamente as suas vidas por preservar a região. Porém muitas pessoas não sabem o que é a Estação e não percebem qualquer influência na sua vida. A contribuição da ESEC Taim para a melhoria de suas vidas está na garantia da pesca na região do entorno, no desenvolvimento do turismo e na conservação ambiental.

2.2 O Paradigma da pesca: um paradigma em substituição?

O que vem a ser paradigma? Em grego – *parádeigma* significa modelo, padrão ou exemplos que são compartilhados, definindo um esquema modelar para a descrição,

explicação e compreensão da realidade. É muito mais que uma teoria, pois implica uma estrutura que gera teorias, produzindo pensamentos e explicações e representando um sistema de *aprender a aprender* que determina todo o processo futuro de aprendizagem (BRANDÃO, 1991; CREMA, 1989).

A noção de paradigma é profundamente importante: trata-se do referencial primário, da estrutura básica de pensamentos que irá determinar a nossa postura perante a realidade. É algo que antecede a criação das nossas idéias, pois atua como um determinante em nossa maneira de pensar. Mais do que isso, o referencial paradigmático estabelece os parâmetros não só de nosso saber, mas também de nossos valores, de nossas crenças, de nossos relacionamentos, de nossa vida, enfim.

Paradigma pode ser definido como o “[...] conjunto implícito de pressupostos que servem de base a teorias e sistemas de pensamento” (BRANDÃO, op. cit. , p. 54). Tudo isso compõe um corpo de saberes que caracteriza a visão de mundo de uma cultura num dado momento histórico. Um paradigma é algo que os membros de uma sociedade, de uma comunidade, de um grupo compartilham. Indica toda a constelação de crenças, valores, procedimentos e técnicas partilhadas no consenso de uma determinada comunidade. É uma espécie de código, seguido com rigor. Sua influência na vida das pessoas é tão grande que passa a ser subliminar, inconsciente. Em outras palavras, não nos damos conta de que nossa compreensão do mundo está sendo regida pelos cânones paradigmáticos. Esse referencial é o responsável por todas aquelas coisas que estão, para nós, acima de qualquer suspeita. Uma vez estabelecidos, os paradigmas acabam se tornando indispensáveis para o desenvolvimento dos esforços que produzem conhecimento. Precisamos, pois, de uma nova visão da realidade, uma mudança fundamental em nossos pensamentos, percepções e valores.

As visões de mundo e o sistema de valores que estão na base de nossa cultura, e que estão sendo reexaminados, foram formulados em suas linhas gerais nos séculos XVI e XVII. Entre 1500 e 1700 houve uma mudança drástica na maneira como as pessoas descreviam o mundo e em todo o seu modo de pensar. A nova mentalidade e a nova percepção do cosmo propiciaram à nossa civilização ocidental aqueles aspectos que são característicos da era moderna. Eles se tornaram a base do paradigma que dominou a nossa cultura nos últimos trezentos anos e está agora prestes a mudar (CREMA, 1989).

Nas últimas duas décadas do século passado vimos o quanto se acelera o estado da profunda crise mundial, que é complexa, multidimensional e cujas facetas afetam todos os aspectos de nossas vidas – da saúde e dos modelos de vida, a qualidade do meio ambiente e relações pessoais e sociais. É uma crise de dimensões intelectuais, morais, materiais e

espirituais; uma crise de escala e premência sem precedentes em toda a história da humanidade.

Estima-se que existam, no mundo, em torno de 39 milhões de pescadores e que outros 156 milhões de pessoas vivam indiretamente da pesca – processamento, transporte e comercialização do pescado. Globalmente, 90% dos pescadores estão envolvidos com a pesca de pequena escala – ou pesca artesanal tradicional – mas, nos países em desenvolvimento a proporção é maior. Considerando que mais de uma pessoa da família pode trabalhar no setor, estima-se que mais de 250 milhões de pessoas no mundo dependem, de alguma forma, da pesca artesanal. Nos países em desenvolvimento, os pescadores artesanais vivem próximos ou abaixo do nível de subsistência e estão entre os grupos socioeconômicos mais pobres que se conhece.

A pesca de pequena escala é responsável por 50% da captura total mundial usando apenas 20% do investimento e 20 e 25% do combustível por tonelada de peixe capturado e geram centenas de vezes mais empregos por dólar investido do que qualquer outra atividade não extrativista. É, portanto, uma atividade de alta economia ecológica, de baixo investimento público e alto retorno social.

Na zona costeira brasileira, a pesca é responsável por cerca de 800 mil empregos diretos e quatro milhões de empregos indiretos. Para o Rio Grande do Sul, a Federação dos Sindicatos de Pescadores do Estado estima que existam 45.000 mil pescadores profissionais (artesanais e industriais) e amadores. A Secretaria Especial de Aqüicultura e Pesca, SEAP, contém mais de 21.000 mil pescadores artesanais cadastrados, mas esse número não inclui pescadores industriais, nem as mulheres e filhos de pescadores artesanais. O número total de empregos diretos na pesca deve estar entre 30 e 50 mil e o número de empregos indiretos entre 150 e 250 mil. Pode-se afirmar que a pesca é importante para a subsistência de um enorme número de famílias. Como o nível socioeconômico dessas famílias já é bastante baixo, qualquer diminuição na renda comprometeria sua sobrevivência.

A pesca, como atividade humana, proporciona e mantém dentro das comunidades tradicionais um patrimônio cultural importante na forma de tecnologias patrimoniais, lendas, festas, culinária, conhecimento ecológico tradicional, além de valores e acordos socioculturais. A redução ou extinção dos recursos naturais nativos determina a ruptura desse sistema socioecológico, causando a extinção gradual da cultura local. A pesca, além de ser uma atividade essencial para a preservação e bem-estar social das comunidades pesqueiras, tem um papel fundamental na manutenção da diversidade cultural e conseqüentemente, na manutenção da biodiversidade regional.

Nessa perspectiva e tendo-se a sustentabilidade cultural, social e ambiental como objetivo permanente e continuado, o trabalho realizado pelo NEMA, junto e com a comunidade pesqueira da Vila Anselmi, pode ser entendido como um plano em direção a esta, segundo o qual as ações escolhidas como prioritárias são eixos geradores para possíveis mudanças culturais, sociais e práticas requeridas no “caminho para a sustentabilidade”. As diretrizes elaboradas e realizadas foram alcançadas através de uma metodologia participativa, em que foram consultadas as comunidades locais e as diferentes instituições públicas e privadas relacionadas direta ou indiretamente com tais comunidades, visando à construção e à aplicação de ações voltadas ao estabelecimento do desenvolvimento local sustentável sob uma perspectiva de gestão ambiental que contenha realmente a participação comunitária na conservação da biodiversidade e possibilite a melhoria da qualidade de Vida como base do trabalho.

2.2.1 Os pescadores artesanais

Os pescadores artesanais, além da pesca, praticam o pluralismo econômico, isto é, desenvolvem uma série de atividades produtivas. Eles acreditam que mantendo o poder decisório sobre sua produção permanecem independentes. Mas a constante presença do intermediário no processo de produção e comercialização revela que tal independência é discutível.

Além dessa característica, o pescador é considerado um sujeito que se imagina independente, porém conservador, refratário a inovações, temeroso e desconfiado em relação a elementos da modernização, reage ao assalariamento, bem como em sua individualidade ressentem-se do espírito cooperativo, guarda segredos e oculta informações relativas à pesca.

A atividade de pesca artesanal é normalmente praticada de modo solitário ou em parcerias com amigos e/ou familiares. A necessidade de busca incessante da melhor pescaria faz com que o pescador tenha o costume de acampar à beira dos ambientes aquáticos por tempo condicionado às expectativas da pescaria. Existe então uma individualidade da atividade, que pode ser a responsável pela detenção dos conhecimentos intrínsecos adquiridos pela prática da profissão e refletidos na maior capacidade em identificar pesqueiros. Entretanto, pode esse fato também se relacionar à dificuldade da capacidade organizativa da classe de pescadores, que culmina por dificultar o alcance de objetivos comuns. A diferença em relação ao nosso congresso nacional é uma questão de escala. Um outro fator a ser

repensado é considerar que o alto índice, entre os pescadores, de analfabetismo e/ou deficiência educacional, com base no conhecimento estabelecido por nossas instituições educacionais, os coíbem de acreditar em suas reivindicações. Além disso, foi identificada a falta de documentação, tanto da carteira de pescador profissional quanto de documentos básicos, como Registro Geral de Identidade (RG) e Cadastro de Pessoa Física (CPF).

Um aspecto que merece atenção e maiores estudos é o provável aumento de esforço sobre os recursos pesqueiros gerado pela crescente inclusão de jovens na atividade, impulsionados, principalmente, pela dificuldade financeira da família, pela falta de opção empregatícia e de continuidade dos estudos.

2.2.2 Associação de Pescadores da Vila Anselmi – APEVA

Os ambientes da ESEC e seu entorno foram considerados como áreas de extrema importância biológica e como áreas prioritárias à conservação da biodiversidade nos *workshops* “Avaliação e ações prioritárias para conservação da biodiversidade da Mata Atlântica e Campos Sulinos” e “Avaliação e ações prioritárias para conservação da biodiversidade das Zonas Costeira e Marinha”. A ESEC Taim também é considerada zona núcleo da Reserva da Biosfera, o que torna sua área de entorno objeto prioritário a ações que visem à conservação da biodiversidade, ao desenvolvimento de pesquisas científicas, ao monitoramento e à Educação Ambiental, e ainda à melhoria da qualidade de vida das populações, a fim de promover a sustentabilidade da região.

Devido à complexidade e extensão do sistema hidrológico da região, o IBAMA tem estendido a área de entorno da estação além dos 10km estabelecidos pela resolução CONAMA n.º 13, de 06/12/1990. Nesse sentido, começa a atuar em toda a Lagoa Mangueira e demais corpos d'água que se comunicam diretamente com a Unidade. Tal expansão vai ao encontro do conceito de zona de amortecimento, utilizado para áreas de proteção integral e definida no SNUC (Sistema Nacional de Unidades de Conservação – lei n.º 9.985, de 18/07/2000) como: o entorno da unidade de conservação, onde as atividades humanas estão sujeitas a normas e restrições específicas, com o propósito de minimizar os impactos negativos sobre a Unidade. Preocupados com a sustentabilidade da biodiversidade da região e em resposta a um edital do Probio – Programa de Conservação da Biodiversidade –, o NEMA elaborou um projeto para a implementação de um Plano de Desenvolvimento Sustentável para

as comunidades do entorno da Estação Ecológica do Taim. O projeto foi aceito e a implementação foi iniciada em 2002.

Os perfis das comunidades sob influência direta da ESEC – Taim foram obtidos a partir de consultas bibliográficas, entrevistas e conversas informais, reuniões, oficinas, saídas de campo e contatos institucionais. Além do levantamento de informações para traçar o perfil das comunidades, essa prática possibilitou a interação do grupo de trabalho com as mesmas. Uma das comunidades geradoras deste Plano de Desenvolvimento Sustentável pertence ao município de Santa Vitória do Palmar – a Vila Anselmi.

As oficinas de diretrizes realizadas com as comunidades envolvidas no Plano de Desenvolvimento Sustentável aconteceram em três momentos: no primeiro, foram identificadas as potencialidades e conflitos da região e o modo como valorizar e solucionar esses conflitos; no segundo momento, foi utilizada a metodologia das árvores descrita em Crivellaro et al. (2001), a qual consiste em um exercício que ajuda a organizar as idéias colhidas e definir prioridades. Para tanto, são feitas as seguintes perguntas: Onde estamos?, Onde queremos chegar?, O que precisamos mudar? e Como mudar? Para sistematizar as repostas, são apresentadas as árvores conflito e solução. No tronco da árvore conflito, é colocada a situação-conflito identificada pelo grupo. Na raiz, são listadas as causas que levaram a essa situação e nos galhos, as conseqüências que a mesma tem gerado para a comunidade. A seguir, no tronco da árvore-solução, é colocada a situação-conflito já resolvida. Nas raízes, são definidos os meios para alcançarmos a situação desejada e nos galhos, os fins, ou seja, os benefícios que serão gerados para todos.

Num terceiro momento, os temas definidos nas árvores foram discutidos e avaliados pelas comunidades. A partir das prioridades apontadas, foram convidadas pessoas que atuam na área para realizarem uma pequena palestra acerca dos temas levantados: turismo, associativismo, pesca e agroecologia. A participação da comunidade da Vila Anselmi foi significativa. Os resultados foram agrupados e sistematizados da mesma forma que aconteceu com as outras comunidades.

Foi a partir da realidade apresentada, que teve início, no ano de 2003, o processo de organização dos pescadores da Vila Anselmi. A Associação de Pescadores da Vila Anselmi (APEVA) foi constituída de fato e não de direito, com quatorze famílias. Incentivadas e apoiadas pelo NEMA na senda da organização, o ano de 2003 foi estrategicamente dirigido à legalização da Associação e à capacitação dos associados em uma proposta de Economia Popular e Solidária – EPS (ROLDÃO, 2004). Essa capacitação foi feita por Luciana Barros Roldão, que mais tarde foi ser minha companheira de caminhada na continuidade do trabalho

com os pescadores da Vila Anselmi. Contamos assim com a FURG na parceira desse processo, através do projeto Apoio e Assessoria a Grupos de Economia Popular e Solidária, pelo qual foram ministrados cursos e oficinas para a formação dos associados.

O período do ano de 2004 inicia-se com a constituição de direito da APEVA: recebimento do Registro de Pessoa Jurídica – RPJ. Em um imaginário grupo de pescadores, marginalizados do processo democrático, acontece algo que até então parecia utópico: conseguir gerir seu próprio surgimento. É nesse clima que começo a fazer parte da equipe do projeto Taim. Como técnico do NEMA, tenho a responsabilidade de dar continuidade às ações efetivadas até o devido momento. O caminho traçado para o ano de 2004 foi, principalmente, direcionado à realização dos objetivos do projeto para a pesca: ter um grupo de pescadores atuante fora e dentro de sua comunidade, fortalecendo cada vez mais ações de solidariedade, união e reivindicação, e de ser um grupo capaz de estar representado nas discussões e fóruns sobre pesca e conservação.

Com tais objetivos sempre vinculados à idéia de sustentabilidade (ROLDÃO, 2004), utilizamos uma metodologia de ação calcada, principalmente, em três princípios: da Economia Popular e Solidária, da Educação Ambiental e da Educação em Valores Humanos. Basicamente, essa metodologia encara os comportamentos humanos como escolhas e decisões baseadas em informações recebidas do meio ambiente e do componente emocional interior, que são ‘processadas’ pela pessoa para escolher e decidir. Dessa maneira, o controle dos comportamentos conscientes pertence sempre à própria pessoa e é intrinsecamente motivado. O enfoque aqui são as ações das pessoas segundo suas próprias escolhas, sobretudo com a intenção de que elas se voltem para si próprias e desse modo compreendam os outros, tornando-se cidadãos e cidadãs autodeterminadas e livres, que possam construir laços amistosos em bases mais sólidas, devido ao caráter desapegado de suas ações. A metodologia em questão idealiza a organização e formação de seres humanos com inclusividade (estar abertos e atentos a tudo o que há fora e dentro deles), inocência (visão desarmada e sem preconceitos), espaço interior (abertos a possibilidades de novos conhecimentos), flexibilidade, plena atenção, humor, vocação, paciência (respeitar o ritmo da vida), humildade, compreensão, cooperação e a sabedoria de quem distingue o que pode ser mudado do que não pode, para evitar a onipotência ou a impotência. O processo mais elementar de aprendizagem, de obtenção de informações, é a dinâmica de tentativa e erro. Se o erro não for fatal, temos a chance de aprender algo. Portanto, não devemos ter medo de errar. Mas, não erremos por condicionamentos, erremos por dúvidas, sem nunca esquecer qual o objetivo consciente que queremos alcançar.

No branco e no preto, alcançar o ser utópico é muito fácil, mas na prática é muito diferente. Idealizar o outro através do nosso olhar para o mundo e dizer que esse é o ideal, pode ser simples e corriqueiro. Vivenciar esse ser utópico e compartilhar –sem imposições –, com as outras pessoas essa vivência, exige força, fé, determinação, persistência, desapego, paciência e muito diálogo. E isso não é garantia de nada. Parecia tudo perfeito, tínhamos o diagnóstico da comunidade, a motivação da associação para fazer as ações e as bases ideais de como fazer as ações. Nosso foco irradiador para implementar essas ações sempre foi os associados da APEVA, porque depois de uma infinidade de encontros, de palestras e de reuniões, eles acreditaram na transformação, quando muitos desistiram de sonhar. Viram as possibilidades de mudança e queriam ir além. E nesses processos sempre tem alguém que se destaca como liderança. No caso da APEVA, essa pessoa é uma mulher de fibra que se chama Gilka Rodrigues, mas todo mundo a conhece como Branca. Quando a conheci, ela era a presidente da associação e logo entendi porque. Lembram da minha primeira saída de campo? Pois foi na casa dela que fiquei hospedado. E ali foi o meu porto seguro por todo o tempo em que convivi com os pescadores da Vila Anselmi. A recepção por parte da comunidade de pescadores foi muito boa. Quanto a isso, acredito que alguns pontos me ajudaram. Estava representando uma entidade pela qual todos tinham o maior carinho e tinha como cicerone a presidente da APEVA. Mas com o passar do tempo me esforcei para conseguir me descolar desses ‘rótulos’ e ser conhecido para além deles.

Construímos em 2004 uma rigorosa agenda. Com datas e metas pré-definidas, com cronogramas de ações e tudo mais. Aquelas agendas rigorosas que traçam o agir da gente por algum tempo. Às vezes pode dar certo, às vezes têm que haver mudanças. Ainda mais quando falamos de seres humanos, e de seres humanos que vivem da pesca. Pode ser que não tenha pegado o *time* da equipe do projeto Taim, mas com certeza a integração com os pescadores da Vila Anselmi teve a ‘pontualidade britânica’. A empatia e a intensidade foram tão grandes, queria tanto compreender o que se passava com aquela comunidade, que parei para dar atenção. Geralmente a gente está correndo, falando do certo e do errado, do que é bom ou do que é ruim, e por isso não paramos para dar atenção a mais nada. Com o pessoal da Vila foi assim: parei para dar atenção. Nossa, e quanta coisa maravilhosa a gente recebe quando estamos dando atenção. Parece um mundo saído dos melhores livros de literatura. Uma cultura folclórica com um pé no passado e o outro na modernidade. Acontecimentos históricos contados em uma versão, digamos, não oficial pelo patriarca da família. Os saberes envolvendo a arte da pesca sendo transmitidos de maneira oral. Saberes que transitam sempre na corda bamba do esquecimento. Fiquei encantado com tanta contradição. Detentores de uma

riqueza singular e, ao mesmo tempo, massacrados em sua auto-estima pelo monstro *Siste*. Mas as coisas mudam. Basta conhecer a ti mesmo e verás a força que és.

Enquanto cumpria as metas da nossa rigorosa agenda, encontrava um jeito de dar atenção, de ficar disponível para poder dar atenção. Além de escutar incríveis histórias, principalmente das pescarias, foi uma maneira de conhecer e ser conhecido pelas pessoas. Também tinha um outro recurso que me ajudou muito: a câmera fotográfica. Como gostam de serem fotografados! Tirei muitas fotos. Mas não pensem que foi tudo às mil maravilhas, porque não foi. Esses momentos adversos só servem para mostrar o quanto somos fortes. Não merecem ser remoídos, apenas superados. São momentos de transformação, celebremos. E nós, acompanhando o crescimento da Associação. Diria que convivíamos o difícil e, infelizmente, doloroso processo de transformação. Torço muito para que a APEVA tenha longa vida. E convivíamos com os pescadores sem aquele paternalismo hipócrita da dependência. Queríamos que andassem com suas próprias pernas. Não ficaríamos ali para sempre e isso ficou muito claro. É legal quando fazemos uma retrospectiva da caminhada e vemos o quanto a APEVA se mostrou qualificada a receber a atenção que doamos. E a qualidade e a quantidade de ações que a APEVA realizou em um ano e meio, no período em que participamos desse convívio. A Luciana B. Roldão (2004) sempre estava nos lembrando que, para um empreendimento ser sustentável e solidário, ele tem que estar sustentado em, pelo menos, seis pilares fundamentais: social, político, organizativo, ambiental, econômico e cultural. E as ações da APEVA contemplam todos os âmbitos.

Assim as apresentamos:

1. Legalização de direito da Associação: recebimento do CNPJ da APEVA.
2. Decretação da Instrução Normativa 02, que estabelece as diretrizes legais da pesca nas lagoas Mirim, Mangueira e seus afluentes. Uma vitória, pois os pescadores sempre lutaram pelo aumento da malha para pesca nessas localidades.
3. Mobilização dos pescadores para a capacitação do preenchimento de dados no Caderninho de Pesca, subsídio que ajudou a elaborar uma estratégia de manejo da pesca na região.
4. Aquisição, por comodato, de um terreno na Vila Anselmi para implementar a sede da Associação.
5. Realização do II Seminário da Pesca na Vila Anselmi, que teve participação de todos os representantes das entidades municipais e estaduais envolvidas com o tema e pessoas da comunidade.

6. Conquista de uma cadeira no Conselho Consultivo do Comagro (Santa Vitória do Palmar).
7. Convite à participação no Conselho Consultivo da ESEC – Taim/IBAMA.
8. Encontro com o presidente do Comirim – Conselho Consultivo da Lagoa Mirim (Arroio Grande), para debaterem temas da pesca na região.
9. Recepção da visita da Capitania dos Portos (Rio Grande) para regulamentação das embarcações.
10. Organização e recepção dos representantes do IBAMA (Rio Grande) para o recadastramento dos pescadores.
11. Organização e recepção dos representantes do IBAMA (Rio Grande) para o cadastro da licença ambiental.
12. Reunião de todas as cinco Associações do Município de Santa Vitória do Palmar para formarem chapa única e concorrerem à presidência da Colônia de Pesca de Santa Vitória do Palmar - Z16, ganha por esses pescadores.
13. Colaboração com a infra-estrutura, a logística e a mão-de-obra para realização de um experimento, feito pelo NEMA, de captura e marcação de peixes da região.
14. Apresentação da APEVA aos representantes do Probio – Programa da Biodiversidade do Ministério do Meio Ambiente, em uma visita de avaliação, os quais foram também recepcionados pelos associados.
15. Colaboração com a infra-estrutura para a realização das entrevistas com os pescadores. Suporte para as elaborações do Conhecimento Ecológico Tradicional (CET) da comunidade de pescadores da Vila Anselmi.
16. Participação no Encontro das Mulheres (Movimento Popular das Mulheres de Pescadores Artesanais).
17. Organização de uma Festa de Natal para as crianças da comunidade da Vila Anselmi.
18. Estabelecimento da parceria com o CAPA (Pelotas) em projeto de venda do pescado *in natura*.

19. Elaboração de um Projeto para conseguirem verba junto à Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca – SEAP, RS.
20. Organização dos pescadores para participarem de um curso de natação requerido pela Capitania dos Portos de Rio Grande.
21. Participação em Seminário de Extensão Empresarial.
22. Participação em Curso de Economia Solidária, com duração de 40 horas.
23. Participação na Feira Popular em Santa Vitória do Palmar, para comercialização do pescado *in natura*.
24. Realização do III Seminário da Pesca, com participação expressiva da comunidade e das entidades públicas ligadas ao tema.

Embora a APEVA tenha vencido grandes obstáculos e saído para o *mundo*, ainda faltam condições para poder diminuir a ação perversa do processo de comercialização do pescado como, por exemplo, a desvinculação do atravessador através da aquisição de equipamentos e insumos que viabilizem o beneficiamento, a armazenagem e o transporte do pescado. Outra condição importante é dar continuidade à proposta de união e solidariedade do grupo, visto que não é de um momento para o outro que a comunidade muda sua conduta, de oprimidos a pessoas livres pensantes em uma proposta totalmente nova de relacionamentos e vivências sociais, ambientais e econômicas. Vemos a necessidade da continuidade do apoio de instituições e segmentos vinculados, direta e indiretamente, com a área da pesca. Enfim, essa trajetória está apenas começando, visto que as ações visam à sustentabilidade social, econômica e ambiental de uma parcela da comunidade, e quiçá, servirá de modelo e apoio às demais comunidades pesqueiras da região, rompendo a descrença no poder da organização do setor.

3 EM BUSCA DO CONHECIMENTO ECOLÓGICO – CE

A manutenção da diversidade biológica tornou-se, nos anos recentes, um dos objetivos mais importantes da conservação. A biodiversidade é definida pela Convenção sobre Diversidade Biológica – CDB (DIEGUES et al., 2001, p. 18) como

[...] a variabilidade de organismos vivos de todas as origens, compreendendo, dentre outros, os ecossistemas terrestres, marinhos e outros ecossistemas aquáticos ecológicos de que fazem parte; compreendendo ainda a diversidade dentro de espécies, entre espécies e de ecossistemas. (Art. 2º).

A diversidade da vida, no entanto, não se restringe a um conceito pertencente a um mundo natural, mas é também uma construção cultural e social. Os seres são sujeitos de conhecimento que podemos *adestrar e usar*, ou que podem ser fonte de inspiração para mitos e rituais das sociedades tradicionais, ou, mercadoria nas sociedades modernas. O *respeito* e a *manutenção* dos saberes e práticas tradicionais são objetivos da Convenção. Recomendam responsabilidade no uso desses conhecimentos. Acreditam que qualquer benefício derivado dos mesmos também seja compartilhado entre as comunidades que os detêm. O que, efetivamente, as comunidades têm a ver com isso? Vão cobrar *royaltes* pelos seus saberes? Por aquele conhecimento que detêm? Vão alimentar o monstro *siste* que as devora paulatinamente? Parece até poético, ‘alimentar o que te consome’. O amor é a exceção. Não vem rebatido pelo espelho da dualidade. Quanto mais amor você doa, mais recebe. Sem dúvida é fundamental realizar o inventário dos conhecimentos, usos e práticas dos saberes dessas comunidades tradicionais, pois são depositárias de parte considerável do saber sobre a diversidade de vida hoje reconhecida. Mas temos que ir além de apenas inventariar seus saberes em prol de objetivos os quais, na medida em que são desvelados, deixam desaparecer os sujeitos detentores dos saberes. O mundo da pesquisa tem que estar envolto, em última instância, no mundo da possibilidade, quando reconhecemos a importância da consciência no processo de conhecer o mundo dos saberes e de nele intervir. Devemos sim produzir nos seres a consciência de que a história é tarefa humana, desafio permanente. Não podemos nos contentar com a compreensão banalizada da participação, no descaso do ato de dizer a palavra e sermos sempre seduzidos pelos referenciais ocidentalizados. Não precisamos viver a filosofia fatalista que nos faz crer que nada podemos, ou que superestima a vontade do sujeito histórico, individual ou coletivo. Não neguemos o papel dos sentimentos, o valor dos Valores Humanos.

Segundo a descrição proposta por Diegues et al. (2001) para os grupos de populações tradicionais, uma de suas categorias é a de pescadores artesanais. Estes estão espalhados pelo litoral em rios e lagos, e têm seu modo de vida assentado principalmente na pesca. Embora sob alguns aspectos possa ser considerada uma categoria ocupacional, os pescadores, em particular aqueles chamados artesanais, têm modo de vida peculiar. Os pescadores artesanais praticam a pesca em escala pequena, cuja produção é em parte consumida pela família e em parte comercializada. A unidade da produção costuma ser a familiar, incluindo na tripulação conhecidos e parentes próximos ou longínquos. Vivem em comunidades litorâneas não-urbanas, onde alguns moram em bairros urbanos ou periurbanos. Constituem uma forma de solidariedade baseada na atividade pesqueira. Algo muito parecido com o estilo de vida tribal (MORRIS, 1990). As regras de sobrevivência não são meramente mercadológicas ou neoliberais. São muito mais, são regras para a vida. Claro que o mercado e as políticas têm repercussões em suas vidas, mas não é isso que os movem. Se navegar é preciso e viver não, eles vivem para navegar. Lançam-se ao mar da vida por amor. Amor à liberdade, amor ao trabalho que fazem, amor à esperança de um mundo melhor. Meu pai esteve me visitando nos últimos cinco meses para construir a casa em que moro hoje. Em meio às alegrias e tristezas que passamos juntos, sempre que conversávamos sobre qualquer coisa, ele arranjava um jeito de dizer uma coisa: “[...] os problemas simplesmente existem com uma finalidade: de nos mostrar que tudo tem solução, basta encontrá-la. Não existe problema sem que exista a solução”. E não sou *eu* que mostrarei a solução. E não é o *outro* que mostrará a solução. Será o *eutro*, nas infinitas possibilidades potenciais de relações que o eu e o outro podem viver que mostrará caminhos passíveis de serem vividos.

Vi, na potencialidade da possibilidade de levantar e sintetizar o Conhecimento Ecológico (CE) dos pescadores artesanais da Vila Anselmi, mais que um esforço de agregar o maior número de informações que possam contribuir para uma proposta de modelo de gestão participativa e adaptativa, visando à manutenção da pesca artesanal. Foi a oportunidade de fazer da minha dissertação um relato do meu privilegiado tempo de convivência com essas pessoas, e não somente um questionamento sobre suas inquietações pessoais a respeito do trabalho realizado pelo NEMA.

3.1 Pisando em ovos: o caminho metodológico

Segundo Moura (2004), existe uma infinidade de possibilidades metodológicas, pois para além das metodologias já definidas e reconhecidas ainda há o fazer metodológico de cada

pesquisador. Cada projeto é responsável por traçar formas metodológicas diferenciadas em suas composições, mas compostas de pontos e traços já presentes em outras pesquisas. Afora qualquer roteiro metodológico ou qualquer composição possível de se fazer baseada em metodologias existentes, minha composição também ganhou forma através de inspiração, encantamento, possibilidade e sensibilização. A abordagem é essencialmente qualitativa, e se construiu a partir do desconhecimento e da vivência de uma experiência que propõe a busca de contribuições sociais, individuais, culturais, marginais e ambientais. Nessa busca pela não-generalização, este projeto revela interpretações, descrições, observações e diálogos de acordo com o que diz Minayo et al:

[..ela],a abordagem qualitativa] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (1994, p. 63)

Nesse sentido, elegi a pesquisa qualitativa como uma possibilidade de aprendizado, entendendo que seu objetivo não é o de quantificar o conhecimento. Pelo mesmo motivo, a coleta de dados não se baseia em variáveis, mas sim em dizeres que relatam e enunciam esse universo. Para compor os saberes do que chamo de Conhecimento Ecológico – CE, foram realizadas entrevistas com pescadores artesanais que residem na Vila Anselmi. Optei pela realização de entrevistas gravadas. O objetivo que tínhamos com o trabalho foi o de iniciar o levantamento dos ‘conhecimentos’ que esses pescadores têm e utilizam no seu meio ambiente mais próximo, na sua região de pesca. As entrevistas são adequadas para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, crêem, sentem, agem e desejam em relação a determinado assunto, em determinado momento histórico (GIL, 1994), mas não passam de informação. É como a fotografia. Um instantâneo da vida. E é neste instantâneo que recordamos, rimos, coramos, choramos e fazemos novas histórias, ou relembremos as velhas. O conhecimento é um tipo especial de informação. O acúmulo de informação pode produzir, juntamente com outras variáveis, um salto de qualidade e se transformar em conhecimento. E conhecimento por si só é apenas um tipo especial de informação. Não basta ter conhecimento, temos que ser sábios. Precisamos agir com sabedoria. E sabedoria não é um tipo especial de conhecimento. O simples acúmulo de conhecimento não torna alguém sábio. A entrevista gravada foi, na verdade, a maneira, a ferramenta que eu tinha de mais prática e barata. Dá um trabalho enorme escutar e transcrever as entrevistas. Se o projeto tivesse recursos para escolher em qual tipo de ‘mídia’ as entrevistas seriam feitas, escolheríamos a linguagem de

‘filme documentário’. Gravado em câmera digital, som de primeira qualidade e tudo mais. Mas foi de “gravadorzinho” mesmo. Além disso, a metodologia da entrevista gravada permite uma certa integração social. Tais entrevistas, podem ser descritas como *entrevistas focalizadas*, nas quais, apesar de existir um tema definido, é permitido que falem livremente a respeito dos assuntos. Não houve qualquer tipo de censura, tempo ou justificativa para não ser assim. As entrevistas tiveram a pretensão de gravar em áudio as experiências e vivências dos pescadores acerca de assuntos pré-determinados. As questões propostas também tinham a pretensão de conseguir que cada entrevistado pudesse discorrer livremente acerca do tema, sem fragmentar suas percepções e vivências, deixando que o próprio fizesse emergir as relevâncias do seu conhecimento. E ainda, a partir de um discurso mais livre, sem rigidez e limites, foi permitido que outras questões acerca dos temas pudessem surgir, ampliando o foco para além das questões inspiradoras. Isso possibilitou a construção dos “[...] relatos compositores” (MOURA, 2004, p. 72).

As questões da entrevista percorreram um caminho proposto pela equipe do Projeto Taim com a intenção de fazer os pescadores compartilharem seu conhecimento acerca de como entendem e agem no seu meio ambiente mais próximo. Da primeira pergunta à oitava, formulamos as questões, como poderia dizer..., relacionadas diretamente às metas do projeto. Outras seis perguntas acabei acrescentando depois por conta própria. Fui inspirado pela orientanda do Victor, que estava fazendo entrevistas com presidiários da Penitenciária do Rio Grande. Não sabia ao certo como as usaria. Apenas fiz. Aparentemente, essas ‘novas’ questões não tinham o foco desejado para o projeto do Taim.

Foram estas as perguntas, meu ponto de partida para ir a campo. 1- ‘Nome completo e idade’, 2- ‘Há quanto tempo que pesca e em que local?’, e na seqüência com 3- ‘Qual sua área de pesca?’; 4- ‘Quais as espécies que conhece nesta área de pesca?’; 5- ‘Quais as épocas de desova e o tamanho das espécies (ditas comerciais) nestas épocas?’; 6- ‘Estabeleça uma relação da captura de peixes com as condições climáticas como, por exemplo, o vento, as estações do ano e a temperatura da água.’; 7- ‘Estabeleça uma relação trófica entre as espécies de peixes que você captura.’; 8- ‘Quais as principais alterações de captura nos últimos 20, 10 anos? Está aumentando ou diminuindo a captura? Como está?’; 9- ‘Para você o que é o meio ambiente?’; 10- ‘Quais seus sonhos em relação à pesca?’; 11- ‘O que você pode fazer para realizar seus sonhos?’; 12- ‘Para você o que são Valores Humanos?’; 13- ‘Você gosta de ser pescador? 14- O que faria se não fosse pescador?’, e por fim 15- ‘O que você acha do trabalho do NEMA?’.

Foi com as perguntas transcritas acima que indaguei os pescadores da Vila Anselmi. E saibam que achar os pescadores na Vila Anselmi não é fácil. Na maior parte do ano estão no Arroio Del'Rey acampados e pescando. Para estarem na Vila somente em casos especiais ou em época do defeso, quando não podem pescar. Existem regimentos que determinam a época da pesca. Passam nove meses pescando e os outros três recebem o seguro desemprego do governo, um subsídio de um salário mínimo por pescador. Vacas magras. Foi na época do defeso que fiz as entrevistas. Próximo ao Natal de 2004. A Vila estava cheia de pescadores. No período do defeso estão arrumando os equipamentos de pesca, fazendo consertos na embarcação, coisas assim. Telefonei para a Branca e disse que precisava ficar na Vila por alguns dias, para fazer as entrevistas. Prontamente ela se dispôs a me receber e a ajudar no fosse preciso. Gosto muito da Branca e parece ser recíproco esse sentimento. Sempre monopolizando minha atenção, me cuidando, como uma mãe faria. A escolha dos pescadores que fariam a entrevista teve alguns critérios. O primeiro é óbvio, ser pescador. Morar na Vila e procurei pelos pescadores mais antigos. Nisso a Branca me ajudou. Não precisava ser necessariamente os pescadores associados da APEVA. Entrevistei oito pescadores. Nunca tomei tanto café. Em cada casa que parava para fazer a entrevista ficava umas duas horas e meia conversando. Conseguia fazer apenas duas entrevistas por turno. Por mais inexperiência que tivesse como entrevistador, diria que consegui conduzir bem o trabalho. E quando acabei as entrevistas fiquei encantado e ansioso. Achava que estava com um tesouro nas mãos. Pensava nas potencialidades que aquela comunidade tem. Pensava naqueles documentários que passam na televisão que falam de cultura, tradicionalismo, meio ambiente, histórias de vida. Conheci um senhor, patriarca de uma família antiga na região que trabalhou na balsa que existia no Arroio Del' Rey nas décadas de 30 e 40. Histórias que não estão nos livros. O que é mais importante: o livro ou a sabedoria? Achava que aquelas entrevistas eram um tesouro da mais alta valia. Agora percebo que o tesouro maior é poder conviver com os protagonistas daquelas histórias. O estar junto, o estar em convívio, a ação participativa enriquece o processo cognitivo na dialética do eu e do outro. Saber que o senhor Delamar Molina Oliveira zela pelo meio ambiente por querer deixar um lugar melhor para as futuras gerações, nos remete a valores que a Educação Ambiental quer resgatar. Ótimo. Mas ter a intimidade de almoçar ou tomar um chimarrão com o Seu Delamar no acampamento de pesca traz outra dimensão do processo cognitivo do viver. Acho que o compartilhar é mais orgânico, mais impregnado de vida, de vivência. Mais difícil de se esquecer. Não sei, mas o fato é que debrucei sobre as entrevistas e foi lá que impregnaram minhas vivências.

3.2 Com que método?

As pesquisas qualitativas têm cada vez mais se utilizado de análises textuais. Seja partindo de textos já existentes, seja produzindo o material de análise a partir de entrevistas e observações, a pesquisa qualitativa pretende aprofundar a compreensão dos fenômenos que investiga a partir de uma análise rigorosa e criteriosa desse tipo de informação, isto é, não pretende testar hipóteses para comprová-las ou refutá-las ao final da pesquisa; a intenção é a *compreensão*.

Moraes (2000 a) defende o argumento de que a análise textual qualitativa pode ser compreendida como um processo auto-organizado de construção e de compreensão em que novos entendimentos emergem a partir de uma seqüência recursiva de três componentes: desconstrução dos textos do *corpus*, a *unitarização*: estabelecimento de relações entre os elementos unitários, a *categorização*: o captar do novo emergente em que a nova compreensão é comunicada e validada. Esse processo em seu todo pode ser comparado com *uma tempestade de luz*¹⁰. O processo analítico consiste em criar as condições de formação dessa tempestade em que, emergindo do meio caótico e desordenado, formam-se "flashes" fugazes de raios de luz iluminando os fenômenos investigados, que possibilitam, por meio de um esforço de comunicação intenso, expressar novas compreensões atingidas ao longo da análise.

Moraes (2000 a) examina essa abordagem de análise organizando os argumentos em torno de quatro focos. Os três primeiros compõem um ciclo, no qual se constituem como elementos principais:

1-*Desmontagem dos textos*: também denominado de processo de unitarização, implica examinar os materiais em seus detalhes, fragmentando-os no sentido de atingir unidades constituintes, geralmente enunciados referentes aos fenômenos estudados.

2-*Estabelecimento de relações*: processo denominado de categorização implica construir relações entre as unidades de base, combinando-as e classificando-as no sentido de compreender como os elementos unitários podem ser reunidos na formação de conjuntos mais complexos: as categorias.

3-*Captando o novo emergente*: a intensa impregnação nos materiais da análise desencadeada pelos dois estágios anteriores possibilita a emergência de uma compreensão renovada do todo. O investimento na comunicação dessa nova compreensão, assim como de

¹⁰ Denominação retirada de Roque Moraes (2001 b), do seu artigo *UMA TEMPESTADE DE LUZ*: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva.

sua crítica e validação, constitui o último elemento do ciclo de análise proposto. O metatexto resultante desse processo representa um esforço em explicitar a compreensão que se apresenta como produto de uma nova combinação dos elementos construídos ao longo dos passos anteriores.

O texto segue focalizando o ciclo como um todo, aproximando-o de sistemas complexos e auto-organizados:

4-*Um processo auto-organizado*: o ciclo de análise descrito, ainda que composto de elementos racionalizados e em certa medida planejados, em seu todo constitui um processo auto-organizado do qual emergem novas compreensões. Os resultados finais, criativos e originais, não podem ser previstos. Mesmo assim é essencial o esforço de preparação e impregnação para que a emergência do novo possa concretizar-se.

Dentro do processo cíclico de uma pesquisa, a análise de dados e informações é um movimento essencial. Essa análise pode ser concebida a partir de dois movimentos opostos e ao mesmo tempo complementares: o primeiro de desconstrução, de análise propriamente dita; o segundo reconstrutivo, em essência um movimento de síntese.

A unitarização do *corpus* é um processo de recorte e fragmentação de textos reunidos a partir de uma diversidade de metodologias de coleta, pode dar-se de diversas formas e a partir de diferentes focos lingüísticos, resultando daí uma diversidade de elementos básicos ou unidades de análise. Estas podem ter amplitudes variadas, de acordo com os objetivos da pesquisa e a natureza dos materiais analisados. Entretanto, o processo necessita garantir uma validade dos produtos desconstrutivos, pertinência construída a partir de uma constante focalização nos objetivos e fenômenos da pesquisa.

O processo da unitarização não pode ser visto como um movimento isolado do processo de análise e da pesquisa como um todo. Requer ser concebido como parte do ciclo da pesquisa, exigindo-se por isso um permanente exercício de projetar-se para frente e ao mesmo tempo reconsiderar o caminho já percorrido, sempre no sentido da construção do objeto. A compreensão dos fenômenos investigados é um processo integrado. Ainda que possam ser apontados movimentos específicos, requer-se um esforço permanente de focalização no todo. A unitarização constitui um movimento que parte da análise de dados e informações, capaz de propiciar as condições para uma reconstrução criativa da compreensão dos fenômenos focalizados.

A categorização é uma das etapas do processo analítico de pesquisas qualitativas. Inserindo-se em uma metodologia aberta e em permanente construção, esse movimento de síntese que segue uma desconstrução e unitarização de informações submetidas à análise, a

categorização se desenvolve a partir de pressupostos derivados da linguagem com suas características polissêmicas e polifônicas, especialmente, quando a pesquisa tem um foco temático e semântico.

As categorias, resultantes do processo, podem produzir-se a partir de dois outros processos localizados em extremos opostos. Um deles, de natureza mais objetiva e dedutiva, conduz às categorias denominadas *a priori*. O outro, indutivo e mais subjetivo, produz as denominadas categorias emergentes. Em qualquer de suas formas, a categorização corresponde à construção de uma estrutura de categorias e subcategorias, conduzindo à produção de metatextos (NAVARRO; DIAZ, 1994), constituídos de descrições e interpretações dos materiais analisados. Especialmente a abordagem indutiva implica uma construção gradativa do objeto da pesquisa, constituindo a categorização elemento essencial nesse processo. A categorização está presente em nossos processos cognitivos, especialmente dos seres humanos. É modo de estabelecer relações das vivências no meio com nossos sistemas de conhecimento. Conforme Capra (2002, p. 54), “[...] o processo de categorização das experiências é um aspecto fundamental da cognição em todos os níveis de vida”.

São as categorias que estabelecem a ponte entre as vivências concretas dos seres humanos e as abstrações elaboradas por meio dos conceitos.

No mesmo sentido, Varella, Thompson e Rosch (2000, p. 72) afirmam que

[.. um das atividades cognitivas mais fundamentais que todos os organismos desempenham é a categorização. Por esse meio, as experiências individuais são transformadas em conjuntos mais limitados de categorias significativas e aprendidas, às quais os seres humanos e outros organismos respondem.

Categorizar é reunir o que é comum (OLABUENAGA; ESPIZUA, 1989). A categorização é parte integrante da análise de dados, de modo especial na análise qualitativa. Corresponde a simplificações, reduções e sínteses de informações da pesquisa, concretizadas por comparação e diferenciação de elementos unitários, resultando em formação de conjuntos de elementos que possuem algo em comum. A categorização constitui um processo de classificação em que elementos de base, as unidades de significado, são organizados e ordenados em conjuntos lógicos abstratos, possibilitando o início de um processo de teorização em relação aos fenômenos investigados.

A categorização, como parte do processo de análise textual, constitui momento de síntese e organização de um conjunto de informações relativas aos fenômenos investigados. Essas sínteses representam teorizações produzidas a partir de perspectivas teóricas implícitas

dos sujeitos da pesquisa e do próprio pesquisador. Requerem contínuo aperfeiçoamento, adequação e refinamento ao longo do processo da análise e produção escrita. A categorização é também parte integrante do movimento de teorização que toda pesquisa pretende. Dados e informações reunidas ao longo de pesquisas sempre já pressupõem teorias, expressas pelos conhecimentos tácitos dos sujeitos da pesquisa. As categorias, especialmente as emergentes, constituem forma de explicitação de teorias implícitas dos sujeitos, concretizada a partir da perspectiva do pesquisador. Essa explicitação, concretizada pelas categorias, descrições e interpretações, constitui, por sua vez, um processo interativo e recorrente, possibilitando maior clareza e precisão teórica na medida em que o processo se aproxima de seu fechamento. Moraes (2001 a) afirma que a categorização é parte do movimento de síntese e reconstrução da pesquisa, em que o pesquisador constrói e estrutura novas formas de compreensão dos fenômenos que investiga, sistematizando estruturas discursivas emergentes a partir de sua impregnação dos fenômenos investigados. Esse processo de ordenamento e tomada de consciência exige desfazer-se de grande parte da informação anteriormente reunida e analisada (DEMO, 2000). Categorizar é, ao mesmo tempo, parte do processo de aprendizado dos fenômenos investigados, e, da comunicação das aprendizagens feitas. Aprender e comunicar complementam-se no processo de categorização. Categorizar é uma construção de quebra-cabeças, uma criação de mosaicos. Seus produtos são as teorias que ajudam a explicitar compreensões atingidas ao longo da pesquisa.

O produto final de uma análise textual qualitativa é um metatexto (NAVARRO; DIAZ, 1994), expressão lingüística das principais idéias emergentes das análises e apresentação dos argumentos construídos pelo pesquisador em sua investigação, capaz comunicar a outros as novas compreensões atingidas. Essa produção escrita, concretizada a partir das análises e interpretações de uma investigação, não constitui expressão objetiva dos conteúdos de um *corpus* de análise, mas representa construções e interpretações pessoais do pesquisador, tendo sempre como referência uma fidelidade e respeito às informações obtidas junto aos sujeitos da pesquisa. As produções textuais, elaboradas pelo pesquisador a partir de suas análises, incluem inferências dos textos analisados em seus contextos. Seja a partir de processos indutivos ou intuitivos, o pesquisador, por meio da inferência, ousa ir além do que é evidenciado diretamente, movimento de abstração que garante relevância teórica ao trabalho realizado. Nesse projeto de produção de novos significados, é importante levar em conta os contextos históricos e as situações concretas em que os dados analisados foram produzidos. É importante destacar que, em se tratando de análises essencialmente qualitativas, não se está aqui referindo a inferências estatísticas do tipo que pretende generalizar a partir de hipóteses,

fazendo inferências de uma amostra à respectiva população, mas de avanços de explicação e compreensão atingidos nas análises que, contudo, extrapolam as informações coletadas diretamente na pesquisa.

Entendendo-se a realidade como complexa em sua natureza, e tendo-se em vista seu caráter dinâmico e de permanente movimento, sua descrição, interpretação e compreensão não podem esgotar-se. Moraes (2001 b) afirma que as análises sempre podem atingir novas camadas de significado dos fenômenos que investigam. As compreensões mais profundas exigem retornos às produções iniciais para seu refinamento e clarificação. Ainda que intuições criativas sejam imediatas, sua explicitação e comunicação com clareza exigem muito esforço e investimento. No mesmo movimento se aprende e se comunica. As análises textuais são modos de aprofundamento e mergulho em processos discursivos, visando a atingir aprendizagens em forma de compreensões reconstruídas dos discursos, conduzindo a uma comunicação do aprendido e dessa forma assumindo-se o pesquisador como sujeito histórico, capaz de participar na constituição de novos discursos. Assim, uma análise textual rigorosa pode garantir a qualidade formal dos resultados da pesquisa. Entretanto a qualidade política depende dos pressupostos assumidos pelo pesquisador em seu trabalho, destacando o assumir-se como sujeito histórico, capaz de intervir no discurso, no sentido de sua reconstrução.

Moraes (2001 b) entende que o processo da análise textual não está inteiramente sob o controle do pesquisador. É auto-organizado. Entretanto, mesmo sem conhecer o ponto de chegada, é um modo de intervir na realidade, assumindo-se o pesquisador como sujeito histórico, capaz de participar na reconstrução de discursos existentes.

Na metáfora do *mergulho discursivo*, Roque Moraes (2000b, p. 09) pretende mostrar que a análise textual qualitativa pode ser entendida como

[...] um processo simultâneo de aprendizagem e comunicação, processo que implica um mergulho profundo e impregnação intensa em elementos lingüísticos relativos aos fenômenos investigados, implicando ao mesmo tempo uma reconstrução dos discursos implicados nos textos analisados.

3.3 O fazer metodológico: caos auto-organizado

A partir dos textos redigidos através das entrevistas – os *relatos compositores* –, o processo analítico conduz à construção de um novo texto – *Pesca além da crise* –, o qual pretende compreender os elementos e dimensões que podem ser analisados nos *relatos*

compositores. Ainda seguindo os dizeres de Moraes (2001 b), os textos revelam as marcas da subjetividade, interpretação e compreensão de todos os envolvidos em sua produção. Essas análises qualitativas, vindas da escolha metodológica que fiz, possibilitam construir um texto que, segundo o autor, é bastante fidedigno, já que se utiliza a fala dos entrevistados. A fidedignidade é especialmente importante, uma vez que seus resultados dependem diretamente das compreensões, percepções e olhares dos entrevistados.

Partimos do pressuposto de que todo texto propicia diversas leituras, as quais variam de acordo com cada sujeito, dependendo de suas teorias e conhecimentos, diversificando-se, então, conforme o contexto em que é lido. Koch (1999) diz ainda que o ser humano utiliza-se da linguagem para avaliar, criticar e julgar, formando juízos de valor. A mesma autora coloca que nenhum discurso, mesmo aquele que se pretende neutro, é capaz de se construir e trazer à tona os entendimentos e os significados sem subjazer uma ideologia.

Assim, essa análise se constitui a partir de produções textuais, no caso, os *relatos compositores*. São a matéria-prima para iniciar minhas análises. Segundo Moraes (2001 b), a análise em questão ocorre em três diferentes fases: desconstrução do texto e unitarização; categorização; e construção de um metatexto.

A primeira fase implica a realização de uma fragmentação da entrevista para identificar seus elementos constitutivos, desconstruir o mesmo para obter fragmentos que revelam a emergência de um mesmo tema. Embora pareça estranho que, querendo compor uma visão mais ampla, desconstrua-se as entrevistas, Moraes (2001a p. 10) explica que “[...] qualquer análise divide um todo em partes para, a partir disso, construir uma melhor compreensão do todo”. Nessa primeira fase surgem as ‘unidades de análise’, fragmentos de mesmo significado dentro do texto. Em outras palavras, é feita uma unitarização. Dessa maneira, a desconstrução do texto é realizada sem que se perca o significado das partes e do todo e ainda, sem deixar para trás qualquer fragmento.

É exatamente esse processo que caracteriza tal metodologia como uma proposta de analisar textos por meio da categorização dos sentidos implícitos e/ou explícitos no mesmo. As categorias são utilizadas como modo de focalizar-seo todo por meio das partes. Elas, por sua vez, constituem-se de diferentes perspectivas, sem que se perca a visão do todo. A categorização é a responsável por unir as unidades de significado e, segundo Moraes (op. cit. p. 12), “[...] além de reunir elementos semelhantes, também implica nomeare definir as categorias [...]”. Esta é a segunda fase.

Segundo Moraes (op. cit.), existem quatro métodos para a elaboração de categorias: o dedutivo, o indutivo, o misto e o intuitivo. O dedutivo ocorre quando o pesquisador já possui

as categorias previamente estabelecidas; no indutivo as categorias vão sendo construídas a partir da análise do material. O misto envolve os dois métodos anteriores, ou seja, existem as categorias preestabelecidas, mas o segundo método é usado para especificá-las e aprimorá-las. O método intuitivo tem sua fundamentação na fenomenologia e as categorias são formadas pela intuição do pesquisador, por seus *insights*.

Assumindo como categorias, *a priori*, as questões da entrevista, estou ciente de que é necessário considerar a possibilidade do aparecimento de novas categorias. Lembrando sempre de não ‘fechar’ ou restringir a pesquisa apenas ao que considerava importante em seu início, parti então para as categorias já formadas em busca de elementos semelhantes nos relatos compositores. Moraes (2001 a, b) propõe que se construa um pequeno texto para cada categoria, os quais poderão vir a compor o metatexto, ou texto final, que tem sua construção realizada quase que simultaneamente a de todas as fases anteriores. Um dos passos que marcam seu início é a escrita dos pequenos textos durante a categorização. Seguindo a proposta do autor, para cada categoria foi elaborado texto que descreve o tema a que se refere cada categoria. Essa forma de estruturação derivada do sistema de categorias construído na análise é um dos meios de garantir a validade dos resultados do processo analítico (MORAES, 2001 a). Nesse momento, os elementos semelhantes foram agrupados para composição dos textos para cada categoria. Os relatos compositores foram fragmentados e reestruturados em forma de texto, onde a multiplicidade singular de vozes se tornou uma só: a do pescador da Vila Anselmi. O agrupamento dos *dizeres*, para a formação dos textos das categorias, foi um processo bastante dinâmico, interventivo e subjetivo. Dependendo da variabilidade de respostas dentro de um mesmo tema, podem ser criadas subcategorias, a fim de estreitar suas características agrupadoras (MORAES, 2001 a; b). Essas subcategorias se conectam ou não com subcategorias de um outro tema.

Depois de realizada a categorização, Moraes (op. cit.) propõe como terceira fase, a construção do que ele chama de metatexto, o qual se caracteriza como um texto que mescla descrição e interpretação. Descrição, porque esse texto apresenta diferentes elementos do objeto de pesquisa, enumerando suas qualidades, características e propriedades, ou seja, permanecendo em um nível concreto do tema estudado. A interpretação é uma necessidade vista como forma de complementar a análise, de mostrar novas compreensões atingidas dentro da pesquisa. Esse texto não é um retorno aos originais, mas sim um outro, que expressa os sentidos e significados, implícitos e/ou explícitos, contidos nos textos originais. Moraes (2001 b) afirma que, sendo o metatexto um produto de construção e reconstrução, ele permite, além de uma maior compreensão do tema pesquisado, a apresentação interpretativa dos resultados.

É também o responsável por reconhecer os significados emergentes em uma pesquisa. Desse modo “[...] toda análise textual qualitativa corresponde a um processo reiterativo de escrita em que, gradativamente, atingem-se produções mais qualificadas” (MORAES, 2001, p. 18).

O metatexto construído é intitulado *Pesca além da crise* e tem a pretensão de ser composto pela citação direta dos relatos somada às intervenções, realizando o que Moraes (2001 a) chama de interlocuções empíricas. A construção do metatexto foi feita de forma a associar os diferentes olhares e saberes, fazendo com que eles componham o relato dos diferentes pescadores em uma única voz. Opção feita para não expor esse ou aquele pescador. A análise qualitativa textual é um elemento que guiará minha análise, colaborando para a compreensão dos *relatos compositores*, auxiliando nos cuidados e na validade deste trabalho.

3.4 Pesca além da crise

Sei que aqui é o espaço em que minha busca se encontra com os saberes, com o conhecimento ecológico dos pescadores da Vila Anselmi. Quero fazer esse encontro, quero mostrar o quanto o pescador tem a oferecer, a compartilhar. Era exatamente isso a minha proposta quando idealizei algumas questões das entrevistas e o metatexto ‘Pesca além da crise’. Fiz este estudo com tal proposta. Mas algo está diferente. Depois de ficar tanto tempo em imersão, escrevendo e reescrevendo este trabalho, apareceram os "flashes" fugazes de raios de luz iluminando os fenômenos investigados. Os tais "flashes" apareceram quando analisava os relatos compositores e os textos das categorias. Mas apareceram como dúvidas que dificultaram estabelecer o encontro, exatamente no momento em que tinha de encarar a minha busca. Que medo! Um medo terrível que paralisa. Que dá um branco na cabeça da gente. Medo de não ter a capacidade, de não estar à altura de ser o responsável por propiciar esse encontro. Medo de falhar, medo de ser criticado ou pior, de não ser entendido. A dúvida de não ser competente o bastante para mostrar que os pescadores são pessoas justas, e que estão à procura da justiça de maneira pacífica. De subestimar ou superestimar suas ações. Imaginava escrever aqui que o mundo está em crise. Crise de valores, crise de identidade, crise ambiental, crise econômica, crise educacional, crise política e também crise na pesca. E que os pescadores sabem disso, vivem essas crises e sabem disso. “[...] não é muito bom não. Se não mudar, e pra mudar tem que ser através de leis, porque só eu não consigo. Eu faço minha parte, e já é o bastante né? Mais muita coisa tem que mudar, se não do jeito que vai, eu acho que a pesca não vai muito longe não. Dependem dela para sobreviver até os últimos

dias vai ta difícil. Eu mesmo to pensando que dentro de dois, três anos mais, vou tenta fazer alguma coisa pra produzir no seco. Tira da água e bota no seco. Se depender da água por mais tempo, quanto mais eu tiver na água mais a minha situação vai ficar precária”.

E não foi na escola, na universidade, no mestrado ou no doutorado que aprenderam isso. Foi vivendo. Sentido e marcado paulatinamente em sua pele, em seus olhos, em suas ações. Sentem-se frágeis, marginais, oprimidos, rejeitados, abandonados pelo mundo que se alimenta às custas de suas idas e vindas ao ‘mar’. “[...] é, o que eu posso fazer? Eu posso seguir tentando. Só que pensando assim: eu não posso deixar os anos passar, sempre na esperança que amanhã, cada ano vai mudar nós como pescador. E a gente tem que analisar ano a ano, se vê que não der mesmo, pára. Porque que da água não vai conseguir tirar mais nada não”.

O mundo lhes tolhe o ato de sonhar. “[...] meus sonhos em relação à pesca é [...] sinceramente, não tenho sonho nenhum, não tenho [...] a gente tem idéias, que a pescaria melhora cada vez mais que é pra, como disse a pouco, não só pra mim, mas pra esses novos que tão se criando agora, mas sonho sobre a pesca não, porque geralmente hoje em dia ta tão difícil a pesca que a gente nem tem mais idéia de sonhar e pescar, de aumentar a parelha, de aumentar a embarcação. Não tem mais capital, o peixe não tá dando mais [...] não vai satisfazer esses futuros pescadores pra mais tarde”.

Vêem um mundo de riquezas e beleza fulgente que contrasta com a realidade cotidiana fosca de suas vidas, e que parece cada vez mais distante do alcance. E eles também sabem disso. Também querem um lugar ao sol, também querem desfrutar das coisas do mundo. “[...] Em primeiro lugar falta dinheiro. (risadas) Trabalhando não tem, porque não tem mais peixe. Não é que não tenha mais peixe, tem peixe, mas é aquilo que eu ti disse, ta mais difícil. Eu acho que se nos pudéssemos vender o nosso produto melhor, o peixe, aí já seria como realizar nosso sonho. Aí nos iríamos ter um melhoramento de vida melhor, aí poderia tudo acontecer. Aumentar a parelha, arrumar um motor maior, uma embarcação maior, entendeu? Vender o peixe a um preço bem melhor do que a gente vende, isso poderia até ser um sonho, [...] mas trabalha um tempão pra conseguir uma coisa, e de repente tu vê que trabalhou um monte de tempo e não consegue aquilo ali. Então tu diz, pô dei tanto valor pra aquela coisa, mas na real, na hora de tu vender o peixe é tão pouquinho. Aí tu vê que teu valor humano não era nada”.

Tentam ser o que não são, porque o mundo em que vivem não dá o mínimo valor para eles. Gostam de ser o que são, amam ser o que são, “[...] eu não gosto, eu amo. É a profissão que eu mais amo. Eu faço aquilo que mais gosto, que é pescar”, mas o mundo em que vivem

não quer nem saber. É um mundo imperativo. Ou se transformam no que o mundo quer ou não vão mais existir. “Não interessa se o quilô de traíra é um real, precisamos é ter traíra para vender e se possível para sempre”. As indústrias de pescado e os atravessadores ganham uma fortuna com esse peixe. E o pescador? Não interessa se os pescadores não têm o que comer, o mundo precisa expandir suas fronteiras aterrando os banhados. A lavoura de monocultura e a pecuária extensiva conquistam seu espaço para acabar com a fome no mundo. O imperativo é aumentar a produtividade no mundo, não interessa de quê. É um mundo imperativo. E “[...] os banhados têm sumido, cada vez mais seco. Eu até acredito que com essa seca [...] é, quando nós pescamos[...] a gente saía do arroio Del’Rei ia até o marmeleiro com embarcação a motor, com embarcação a remo, nós ia até lá. Hoje é campo, é gado, é pecuária, sumiu o banhado. Aí eu acredito o porquê isso aí: o porquê eu acho que é a comporta de Pelotas, que aquela comporta de Pelotas mantivesse mais tempo fechada. Por mais alta que a água subisse mais, a água trancaria mais na lagoa Mirim pra nós. O peixe se cria nos banhados, porque senão o peixe fica só na lagoa. Só com a lagoa. Aí nesta época os levantes começam a puxar água das lagoas pras lavouras e as comportas botando água pra fora, pro oceano. Aí nós aqui ficamos sem água. Aí nós dependemos de quê? De ficar olhando pro céu e dizer assim: ‘ô Deus manda chuva, manda chuva’”.

Pobre dos pescadores... não, pobre de nós. Estamos perdendo essas pessoas. Estamos perdendo a nós mesmos. E isto não resolve nenhuma crise, apenas construímos outras. Aparentemente cansados de ficar à margem, ou melhor, à deriva no mundo, são obrigados a se submeter às regras dos valores perversos do mundo. Sua individualidade na arte de pescar, seu conhecimento singular em saber onde pescar se tornam um problema na hora em queremos que sejam organizados conforme as regras do sistema. Não é o sistema que tem que mudar para entender os pescadores, são os pescadores que têm de mudar para serem aceitos no sistema. Que lamentável! Seus valores, estabelecidos em consenso há tanto tempo quanto o ser humano começou a pescar, não passam de puro egoísmo para o mundo. Suas hierarquizações do trabalho os transformam em machistas, contraventores da igualdade de gênero. E mais, que as mulheres são umas fracas oprimidas que não sabem de sua força. Que são uns analfabetos e não sabem decifrar o mundo por não saberem ler e escrever. Como podem ser pescadores? Transmitem sua sabedoria a gerações sem estar escrito em nenhum livro. Sem nenhum livro. Sem nenhum quadro negro. Como podem não ter livros explicando como pescar, como ser pescador? E seus valores? Mas que valores, são extrativistas artesanais.

“[...] e já sou filho de pescador né Rodrigo, meus avós eram pescador. Eu sou pescador, praticamente, desde criança. Porque eu fui exercer mesmo a profissão com treze anos, mas desde os oito anos que vivo em cima d’água. Então o cara já vem do fruto do pescador e daí deu continuação e pra mim é a melhor coisa é pescar. Não tem profissão melhor. A gente é livre né? É livre de tudo, não cumpre os horários também, é dono de ti, enfim, eu acho que pra mim a melhor coisa é a pescaria. Ainda. Com toda dificuldade que ta né. Existe muita dificuldade na pesca aí, é uma profissão que todo mundo fala aí: que é terrível entrar no mar e sair. Não é não. Se conscientizar e ver que ainda é uma das profissões muito boa”. E não param por aí, “[...] os valores humanos pra mim é quando você é bem visto, não só eu como os outros, né? Quando você analisa uma pessoa e nota que tem bom caráter, que é uma pessoa de bem, uma pessoa que tenta ajudar os outros ou mesmo que não ajude, mas ele é uma pessoa que faz as coisas com clareza, que seja transparente, isso aí são valores humanos. Até na verdade não precisa ser tão reconhecido, mas desde que ele tenha o caráter dele livre, seja um cidadão de bem, pra mim é valores humanos”.

São extrativistas, mas têm alguma tecnologia que lhes é repassada porque a pesca é nicho mercadológico. O mundo tem que vender também, não interessa para quem ou o quê. Empoderamento através da tecnologia de ponta e da cultura de massa. Mais tecnologia, mais poder. Mais cultura, mais poder. O mundo não quer que nos preocupemos com o ambiente no qual vivemos. Podem deixar, farão leis para isso e se não der certo, descobrirão novas técnicas de produção de peixe. Alias, produção de tudo. O mundo tem guardado *dnas* de todos os seres que lhe interessam, que lhe convêm e quando for propício, farão clone de tudo. Precisamos, sim, é nos preocupar em comprar. Como o mundo quer vender. Comprem e se não tiverem poder para isso, pesquem mais. Peixe = \$\$\$\$. Mas para quem? Chamamos sua liberdade de preguiça. Para justificarmos a ‘preguiça’ do pescador, e de muitos outros, dizemos que ‘o trabalho dignifica o homem’. E o mundo não vai deixar que se esqueçam disso. Martelará em nossas cabeças, com a força do ferreiro que molda o vil metal, que esta é a única forma de sermos dignos.

E chamam os pescadores de porcos. Como é que podem jogar o lixo que o mundo produz no lugar onde vivem? Não podem fazer isso com o local onde vivem. Não pensam no futuro da humanidade? Que injustiça com os pescadores. “O meio ambiente [...] é tudo, é ter que conscientizar e tentar passar uns aos outros em matéria de limpeza, enfim, ajudar pra que não fique muita sujeira no local, principalmente, do trabalho da gente. Como a gente fez muita limpeza lá no Del’Rey, naquele arroio, mas muitas pessoas não querem saber, chegam ali e vão largando plástico e sujeira e vai ficando. Então o que eu posso fazer é passar uns aos

outros, vamos limpar e cuidar e ajudar, se ajudar uns aos outros para que não venha *mais* tarde causar um lixão, que nem diz o outro, porque aí não é lixão, é mar... Meio ambiente é a natureza, onde eu vivo, eu vivo mais no meio ambiente. Pescador vive no meio ambiente, direto no meio ambiente. Acho que meio ambiente sou eu pescar lá no banhado, no caso de preservar. Apesar de não ter conhecimento do meio ambiente assim, no caso, saber expressar, entendesse?, mas eu vivo no meio ambiente, trabalho naquele lugar ali, o meio ambiente”. O mundo transforma matéria-prima em ‘lixo’ e a responsabilidade de cuidar desse lixo recai sobre nós, os consumidores. O mundo não quer lixo? Então não produza lixo. O mundo não precisa de cursos e programas que eduquem as pessoas. Precisa de compromisso e responsabilidade por suas ações. Precisa de caráter.

O mundo interroga o pescador sobre seu trabalho: sabem que pescando assim o peixe vai sumir? Quantas gerações explorando os recursos naturais? Em verdade, quem explora quem? Quem explora o quê? Em suas mazelas, o mundo transforma recursos do bem comum em poder de poucos. Transforma o discurso em regras sacramentadas. Transforma os pescadores em vítimas e algozes das mazelas do mundo. Se esse recurso acabar, saibam que a culpa é do mundo, não dos pescadores. Levantem a bunda da cadeira e parem de ser chorões, diria algum presidente. Se organizem e quem sabe, um dia, poderão ser no mundo. E não adianta beber para esquecer o mundo. Amanhã vai ser pior ainda. Gastaremos bilhões de dinheiro em propaganda de bebida, que o lembrará como sua realidade é terrível. Seus filhos e filhas não querem nem saber de se tornarem pescadores?! Não se preocupem. O mundo tem acentos escolares suficientes para eles esquentarem, e se isso não der certo, temos mais ainda acentos em tratores para eles esquentarem. E se isso também não der certo, então que sejam pescadores mesmo. “[...] se não cuidar, amanhã ou depois a bomba estoura é nos nossos. Porque nós mesmo, eu mesmo com 45 anos, já tô mais pra lá do que pra cá, agora e os novo, e os que tão vindo, e a criançada nova aqui filho de pescador? Ele não vai ser doutor, vai ser pescador mesmo. Ah é! E pega um mar sujão, tudo errado e que já não dá mais e aí? Que vão fazer com esses filhos? Colégio, de que jeito? Trabalhar em outra profissão? Meio difícil, filho de pescador pegar outra profissão, né cara? É por aí a coisa”.

O mundo não está aqui para resolver os problemas, o mundo está aqui para mostrar os problemas que os pescadores têm que resolver sozinhos. E não podem resolver de qualquer maneira. Nem usar a criatividade, nem pensar. Existe um protocolo a ser seguido. É só procurar uma Secretaria de Recursos Humanos do município, que encaminharemos suas sugestões aos órgãos competentes. E o pescador vai defender seus interesses e depara-se com situações insólitas e cheias de desesperanças. “[...] trabalha de criador de ovelha, essas coisas

assim, entendeu? Recebendo seguro da pesca, tirando Pronaf no banco. Isso aí é um troço que não podia acontecer, porque que acontece isso aí? Acontece que a gente podia ter um pouquinho a mais, um dinheiro pra comprar uma embarcação, uma rede, uma coisa, e o outro está nos tomando lá. Nós não tomamos deles, não temos condições, mas eles tão nos tomando por causa disso aí. Devagarinho, devagarinho eles tão lá recebendo. Aí eu fui receber meu seguro e fiz a pergunta pro cara: vem cá, o rapaz ali na rua me disse o seguinte – que veio aqui fazer o seguro dele e tem dezoito pessoas trabalhando, atirando, jogando uréia na lavoura. E ele diz que é pescador? Se ele é pescador porque ele tá pegando seguro e tem dezoito homens pagos por ele atirando uréia na lavoura por ele? E o cara me responde: ‘É, mas nós não podemos fazer nada’. Então tem que ter uma lei pra fazer isso aí. E ter pra ter. Quem é pescador é, quem não é pescador, não é. Tranca o seguro dele, tranca o Pronaf dele e ele sai fora da pesca, ou ele é ou não é pescador. Quer dizer que na hora boa ele tá lá cuidando do gado dele ou do armazém dele. Na hora que ele acha que tá pouco ele vai ali mata o nosso peixe que nós podíamos matá ou os nossos filhos amanhã ou depois pode matá, ou os nossos netos”.

Não consigo ter o distanciamento necessário para assegurar minha salvaguarda. Não consigo ter a frieza da razão e dizer: o mundo é assim, querendo ou não, ele é assim. Tenham paciência que tudo se resolverá. Não consigo. Convivi com os pescadores da Vila Anselmi e participei dos seus dramas.

É disso que estou falando quando digo distanciamento necessário. Estou tão ligado afetivamente, tão ligado emocionalmente que me exponho para defender essa comunidade. Vi suas defesas tão massacradas pelo contínuo bater no mundo, que já atropelo e me atiro na barricada da frente. Para mostrar a mim mesmo que o mundo pode ser diferente. Que podemos fazer diferença no mundo. Que a transformação individual é, em última instância, uma transformação coletiva, social, ambiental, mundial. Que as informações, os conhecimentos, os recursos precisam ser usados para manutenção da vida. Não da vida de uns poucos. Precisam ser usados com o discernimento da sabedoria e a justiça do amor. Vejam, já estou delirando. Tem um sussurro no ar me dizendo: ‘ esqueça esse mundo virtual, esse mundo imaginário, esse mundo utópico. Não pense que você é livre. A liberdade está somente dentro da sua cabeça. O mundo real não é assim, não foi assim e nunca vai ser assim. Levanta daí e vai lá lutar com o mundo. Vai bater no mundo como todo mundo faz. Não seja louco. Você é apenas um nada no mundo. E nunca vai ser muito mais que isso. Ponha a mão na consciência e verá que tenho razão. Vá trabalhar e ganhar seu dinheiro. Compre alguma coisa que está precisando, vai se sentir melhor. Se não tiver poder para isso, é porque tem

trabalhado pouco. Sem preguiça, tenho certeza, que é capaz de fazer mais. O mundo precisa de pessoas assim, corajosas e com garra. O mundo é um lugar bom, e você tão pessimista. O mundo precisa de você, não de questionamentos que faz ao mundo. Queremos coisas para o mundo. Questionamentos não. Não queremos coisas que abalem a força do mundo. Sabedoria e amor? Não seja ridículo. Poupe-se dos constrangimentos’.

Mas tem um outro sussurro no ar, e vem invadindo já dizendo sem som, legal essa filosofia de mesa de bar, mas o seu tempo já acabou. Não é hora para filosofar. Cadê o que você escreveu? Cadê os dizeres dos pescadores? Então, veja as entrevistas e agora se justifique nos dizeres deles. Fale como os pescadores sabem ou não dessa tal de Educação Ambiental em Valores Humanos, enumere os conhecimentos ecológico tradicionais e pronto. Está quase livre. Vai ser uma questão de tempo. Diga o que querem escutar e pronto. Qual a sua dificuldade? É tão simples. Ou não? Não complica, depois, você faz o que quiser. Aí sim você tem a liberdade de ser o que quiser. Agora não dá, já disse. Quer se complicar? Ou pior, quer me complicar? Sintam a chantagem. Quando entrou para o mestrado sabia que era assim. ‘Quem entra na chuva é para se molhar’. Somos responsáveis não só por você, mas pelo mundo também. É responsabilidade nossa o fato de o mundo ser assim. Não tem escrúpulos, não tem pena do mundo? Acha que rompendo com as regras do mundo, ele vai ficar melhor? Que exemplo é este? Uma pessoa privilegiada no mundo, que recebeu a cultura do mundo, não agiria assim. Não tem vergonha de seus atos? Não chore. Não tenha medo. Vai e escreve. Você sabe o que fazer. Você não tem escolha. O mundo é assim, não dá escolha. É assim ou assim. Seja um bom garoto, uma boa menina e faça o que tem de fazer. Já passamos por isso e sabemos como é. Às vezes ficamos confusos, mas tudo vai ficar bem. Não se pré-ocupe. Sabemos o que é melhor para você. Não é o mundo que vai ajudá-lo a resolver seus problemas. Sabe quem vai fazer isso? Você mesmo. Que legal! Você nasce do mundo para o mundo. Depois de um tempão dizem que toda a responsabilidade do mundo ser o que é, é sua culpa. E quando pedimos ajuda para se limpar do mundo, escuta um sonoro ‘se vira... o mundo já tem problemas demais’. Animador, muito animador.

E agora vem o pior. O que fazer? Tenho escolha? Posso escolher entre a razão ou a loucura? Posso fazer o que eu quero fazer? Ou faço o que o mundo quer que eu faça? São coisas diferentes ou podem ser complementares? E minha responsabilidade perante os pescadores, perante o NEMA, perante a minha família, perante você, perante o mestrado, perante o mundo? E a responsabilidade perante mim mesmo? É uma sensação que rasga o peito e dilacera a alma. Ser responsável pela razão ou ser fiel à loucura? Será que escolho a loucura por ser, simplesmente, uma opção? Loucos são os loucos de razão. Não conseguiria

analisar ou até mesmo enumerar os saberes dos pescadores da Vila Anselmi. Entendam, isso não quer dizer que não podemos nos debruçar sobre as entrevistas e desvelar saberes. No máximo, conseguiríamos ficar encantados, boiando na superfície de seus conhecimentos. Estaria sendo injusto. O mergulho é muito mais profundo. Poderia ter “zilhões” de tempestades de luz analisando as entrevistas, que nem chegaríamos perto da riqueza que a convivência com os pescadores possibilita. Digo a mim mesmo: o que você está fazendo, pelo amor de Deus, o que você está fazendo? Isso é loucura. É suicídio acadêmico. Você deveria estar escrevendo sobre quanto os valores humanos são importantes para o mundo, para as pessoas, para os pescadores. A banca avaliadora vai te pegar, e te espremer, e te descascar tanto que sobrar apenas incompreensão, raiva e frustração. Não faz isso, pelo amor de Deus. Seja racional. Pensa comigo: você está sendo apenas arrogante. Arrogância é uma péssima qualidade. Você acha que vão escutar você somente porque é diferente. Porque rompeu com umas regrinhas de nada. Isso é pré-potência demais. Outros já fizeram o que queriam e sabe o que aconteceu? Nada. O mundo continua. As pessoas não se entendem e parecem não querer se entender. Estão cada vez mais violentas. Jogam bombas no mundo para mostrar quem manda nele. Acham que o mundo se preocupa com a saúde da Branca, ou com os sonhos do sr. Luiz, ou com a desilusão do Cláudio diante da pesca? Seja racional. Encontre uma maneira, de preferência corroborada por alguém com mais *experiência* que você, de escrever como foi difícil trabalhar com os pescadores, que foi sofrido, mas que também tiveram momentos mágicos. Escreva que eles têm um conhecimento notável do lugar onde vivem, “[...] isso aí ajuda muito. Melhorou 70% e tá melhorando. E quanto mais essa malha 30 sair cada vez vai ficar melhor. É que nem eu ti falei, a gente tinha previsão se corresse tudo bem, todo mundo conscientizasse e tirasse essa malha miúda, daí uns 3 ou 4 anos a gente ia [...] a malha 45 ia produzir muito mais e depois ficava a malha 50 pra cima e a gente ia indo cada vez mais. Essa lagoa ia ficar com mais folga de peixe e não ia ter essa coisa de que falhou, não tem mais o peixe. O peixe, não dá tempo dele cria. Como o trairão e outros peixes que a gente mata. Um trairão é fora de série o tamanho do peixe que dá, mas só que ele vai se tornando miúdo e não dá tempo nem dele criar e ele já tá morto. A rede miúda detona tudo, principalmente no banhado. No banhado é onde o peixe larga mais a ova, ele procura água morna pra largar a ova ali onde a caicama é pequena. Esses botes aí vão cercando com rede miúda e vão botando na volta das árvores, na volta dos aguapés e vai trancando o peixe ali. Não chega nem a crescer e tá morto. No momento que o peixe sai dali, ele sente fome, ele vai à procura da comida, né e aí já tá morto e nem saiu pra lagoa pra procurar o que comer [...]”, mas precisam da ajuda do mundo para sobreviverem. Que ironia!

Acreditam, crêem na esperança de um mundo melhor agora, “[...] a traíra desova mais em banhado só que antigamente existia muito mais banhado na Mirim, de acordo com a evolução do homem, a ganância né? Evolução ele não evoluiu em nada, ele até diminuiu a idéia dele. Aumentou a devastação do banhado, praticamente a Mirim fica só na caixa, só dentro da lagoa. Dentro da lagoa é pouco banhado, tem pouco abrigo pra traíra desovar. Aumentou o pescador, aumentou a quantidade de rede e a produção só pode ser menos. Onde não cria o futuro, só pode ser menos e não vai ter mais no futuro [...] Antigamente, como eu falei, tinha mais banhado tinha mais produção, se pescava desde a malha miúda e não terminava. Tinha onde o peixe se reproduzir. Hoje não adianta. Hoje nós podemos aumentar a malha, mas nós estamos é matando a matriz, e nós não temos banhado nem pro peixe miúdo produzir. O pescador enxerga [...] eu pelo menos consigo enxergar de longe isso aí. É uma realidade: não proteger o banhado vai chegar o dia em que a Mirim vai ficar só na caixa e vai terminar a produção do que nos mantêm [...]”, e para as gerações futuras, “[...]o problema é da malha mesmo. Eu defendo a malha e condeno a malha, ou seja, defendo a malha 45 pra cima e condeno a 40 pra baixo. Não penso só no meu lado porque eu já tô velho, mas eu penso que daqui alguns anos como esses aí (mostrando seus filhos) e outros pescadores novos que recém tão encarando uma vida pra frente, o que vai ser deles se a gente acabar com a criação desse peixe com a malha miúda agora?”. Acreditam que as leis dos homens resolverão seus problemas, que “[...] a fiscalização precisa bater mais em cima do pescador, tem que ter mais fiscalização. Faço um apelo às autoridades competentes baterem mais firme em cima da malha miúda. Acho que teria isso aí uma reunião muito grande com o IBAMA, né? É o IBAMA que fiscaliza isso aí. Teria que ser com o IBAMA [...]”. Ou que as autoridades do mundo deveriam ser mais equânimes. Escrever que acham o meio ambiente algo tão distante e ao mesmo tempo tão íntimo, tão familiar, que “[...] também ninguém preda ele, só os pescadores quando pescamos e tratamos de eliminar um pouco. No caso do cascudo, que nós chamamos de butinão, aquele no meu caso, não gosto de mata. Eu joga na água de novo, no outro dia tá na rede de novo, safo de novo. O máximo que o cara faz é quebrar as esporas dele. Não gosto de mata porque o mundo pode evoluir e hoje ou amanhã a gente pode precisar dele, pois a carne dele é aproveitável só que não tem comércio pra ele, mas se o pescador quiser se alimentar dele se alimenta [...]”.

Sonham em ser melhores do que são agora, e que a possibilidade de realização está aquém de seu domínio. Está no domínio do mundo. Acreditam que os valores humanos são valores que adquirimos quando estamos no mundo ou quando fazemos algo para o mundo. Desconhecem a imanência dos valores que nos distingue dos animais. Não é justo. E quem

disse que alguma coisa do mundo é justa? Amam a arte de pescar. Amam ser pescadores. Mas para sobreviverem fariam qualquer outra coisa no mundo. Ficariam até em terra firme. Como escrever sobre o que acham dessas pessoas que representam organizações não governamentais e adentram seu cotidiano como um forasteiro? Isso é com eles.“[...]esses tempos aí tava falando com o Mario, falando em teu nome, ‘pô o Rodrigo parece até um de nós e é gente que tem estudo Negrão’. Eu acho assim porque não tem luxo com nada, chega no barraco conversa com um, conversa com outro. Não tem nada de [...] ‘é porque essa panela tá suja não vou almoçar aqui, não vou tomá café porque a xícara tá suja’, não. É gente da gente, é assim que a gente gosta. É assim que a gente gosta da pessoa, porque tem pessoa que não toma um café ali porque a xícara tá suja. Então o pessoal que tem ido no Arroio Del’Rey do NEMA sempre vai ser bem recebido, se vamos comer um peixe e eles tão ali vamos comer um peixe junto, se vamos tomar uma sopa vamos tomar uma sopa. Pra você ver que qualquer coisa serve, não é gente de luxo assim, não é gente que quer colocar dificuldades. É gente igual a nós, sabe o que é o sacrifício da pessoa. Porque tem uns que não estão nem aí, entra só no carro ali, arrumado e passa por ti e nem bom dia nem boa tarde. Vocês são o contrário, tira uma fotografia de um, conversa com o outro, estão sempre na volta da gente. Pra mim é bom, eu gosto. Gosto mesmo”. E a vida, com certeza, não (pode) se resumir a dissertações de mestrado. Acabei fazendo não o que queria. Mais uma vez. Méritos do discurso amoroso e encantador da professora Cleuza Dias. Deixei os pescadores falarem junto comigo. Não sabia que podia até fazê-lo. Obrigado. De coração.

4 'SUCCÈS FOU': LOUCA DESCOBERTA

[...] como o contrário da razão e como aquilo que precede a própria distinção entre razão e loucura. Conhecemos a primeira acepção de loucura: ela nasce do sistema de regras que constitui a razão. Onde há regras há contravenção, e a história da loucura, recontada pela psiquiatria e pela sociologia, é a história dessas contravenções. Mas existe uma loucura que não é transgressão, pelo simples motivo que ela precede as regras e as transgressões; a essa não conhecemos, porque todo saber pertence à ordem da razão que só pode encenar o seu discurso tranqüilo quando a loucura deixa o palco, quando a palavra é dada à solução do conflito, não à sua explosão, à sua ameaça.

Galimberti, H.

“[...] que a arte, a ciência, a mística e a filosofia realizem esse congraçamento interdisciplinar para uma melhor e mais acurada percepção do real” . Gostaria de ter essa percepção acurada do real ao escrever minha vivência. Várias, várias vezes penso que é um pesadelo. Não sei que contrário e distinção escrevo agora. Parece que fiquei sem opção. Não poderia estar aqui agora e fazer algum tipo de avaliação sobre os saberes dessa comunidade de pescadores. Eles são um tesouro incalculável, sei disso. Quero que eles descubram também. Não seria digno dizer a eles o que eles são. Eles simplesmente são, e neste momento, continuam sendo. Estão lá, em algum lugar da lagoa, vivendo. Não quero dizer que os políticos precisam ser políticos. Eles sabem. Não acho que são as leis que irão transformá-los. Não acho que é o dinheiro que irá transformá-los. Eles mesmos se transformam. Precisamos é estar atentos para participar das transformações. Em minha qualificação, deixei meus interlocutores em aguardo. Disseram-me que não existia um “problema de pesquisa”, que não estava explícita a minha pergunta essencial diante do tema gerador. Parece a investigação de um crime. Aconteceu, mas qual foi o motivo, a motivação para tal? Seria passional? Ou seria homicídio culposo triplamente qualificado? Seria porque aconteceu assim, de estar naquele lugar na hora certa? Seria porque o problema sempre tem uma solução? Seria porque tenho que dar a solução para os problemas? A pesquisa tem que dar soluções para os problemas? Será que no palco da vida só há espaço para a encenação da razão? Seria a razão detentora da solução do conflito? Será que consegui tocar seus corações? Não é uma história dos pescadores que conto aqui, é apenas uma experiência vivida com os pescadores. É a minha experiência. Ainda não sei o quanto de tudo isso é ciência, é acadêmico ou produz algum tipo de conhecimento para os outros seres. Para mim faz diferença, toda diferença. É a minha vida. Não quero mudar a vida das pessoas, quero que elas mesmas mudem as suas próprias vidas. E

quero estar lá para ver, participar e orgulhar-me de fazer parte de tudo isso. Na mitologia hindu, existe uma trindade de deuses com poderes inigualáveis. São eles: Bhamam, o criador; Vishinu, o mantenedor e Shiva, o destruidor. Seriam definitivamente inigualáveis se não fosse por aquele que É. Ele É a própria trindade e todo o mais. Para nós, meros receptáculos de carbono da centelha divina, o desenlace desse ciclo de criação-manutenção-destruição é a nossa própria missão de bem-aventurança, de auto-realização.

Talvez as pessoas fiquem tristes, decepcionadas, mas não estou aqui para dizer o quanto certas ou erradas as coisas são. Não estou aqui para dizer o que tem que ser feito ou parar de fazer. Acho que estou aqui para mostrar que a vida pode ser digna ao viver. Podemos ser dignos ao viver, e podemos contar essas histórias. Porque sempre ao vencedor as batatas? Se alguém vence, alguém está perdendo. Isto é soma zero. Um menos um é zero, um mais um é sempre mais que dois. É como em qualquer jogo, mesmo os ditos cooperativos, o que importa não é o que se ganha, é a atitude, o ser, o viver frente ao que se ganha. Até cheguei a pensar que a louca descoberta fosse a coisa mais incrível do mundo. Aquela coisa que ninguém sabe o que é, e somente você descobriu. E, finalmente, não é nada disso. É a coisa mais simples. Não escuto fogos de artifício estourando, o hoje está tão diferente quanto o ontem. Será que a loucura ainda encena sua peça? Será que a loucura algum dia deixara o palco da vida? Será que não podemos todos compartilhar esse palco? Quanta arrogância e prepotência da razão por querer monopolizar o palco. Talvez a loucura tenha percebido que é mais forte, pois aceita contracenar com qualquer ator ou atriz, até mesmo com a razão. A loucura não tem medo de perder as 'rédeas', pois nem sabe o que são.

São muitas as interrogações que faço. Em razão disso, entendo que a proposta traz significativa contribuição ao campo da Educação Ambiental e na educação em geral, pois leva à reflexão, à indagação; à problematização da vida, das formas de viver, de pensar, de agir... Isso é pesquisa? É produção de conhecimento? É acadêmico sem deixar de ter *alma*? Não desistirei jamais de meus projetos de vida, ainda que a academia os torne quase impossíveis. Como diz Galeano, “[...] para que a gente escreve, se não é para juntar nossos pedacinhos? Desde que entramos na escola [...], a educação nos esquarteja: nos ensina a divorciar a alma do corpo e a razão do coração”. Gostaria de mostrar que é possível fazer educação de corpo e alma; com razão, coração e porque não com loucura. Louvo o Criador. Sem Ele nada seríamos e nada ficaríamos. Hoje é um dia especial. Merecedores aqueles que são vitoriosos em ter coragem de viver suas vidas. Às vezes sentimos saudades e perguntamos o porquê, mas também erguemos a cabeça e respondemos: não importa o porquê. Fé e bola para frente. Mostrando, sempre, que o conhecimento é autobiográfico como diz Boaventura Santos, e por

isso é carregado de sabedorias presentes nas histórias das pessoas ao longo desse nosso tempo, que é milenar.

Sabe aqueles momentos em que nos pegamos sentados em um canto, solitários, meio deprimidos e, ao mesmo tempo, ansiosos?. É, isso mesmo, pura esquizofrenia. Sabe esses momentos? Que temos uma meta a cumprir e começamos a pensar e a ficar com medo. Medo do que pensar. Medo do que as pessoas possam pensar ou comentar. Comentar de você, das coisas do mundo. Que são assim por causa disso, que são assadas por causa daquilo... e na infinidade de possibilidades. De repente você pára e diz: nossa, como o ser humano é capaz de fazer, de ser tanta coisa. Como é que pode? E pode. De um simples pensamento o ser humano pode tudo. Pode ser livre. E qual é a sua prisão? O que é a sua prisão? Aquele que usa o capuz e o que estende a mão, não são diferentes do que tu és agora. É a loucura ou a falta de razão, que te prende em fios invisíveis? Amarras enlaçadas pelos palcos da vida.

Às vezes me sinto isolado. Pensando bem, às vezes me isolo. As pré-ocupações e os assuntos parecem tão distantes, tão áridos que me isolo. As informações são comentadas em forma de fofoca. E as fofocas vão e vão. As coisas sérias são tratadas com uma hierarquia da qual não faço parte. Isso não me incomoda de maneira alguma. Na verdade, pouca gente entende minha proposta de trabalho. Geralmente dizem que não entendem esses tais Valores Humanos. Engraçado, pois minha compreensão de entendimento passa pelo processo de conhecê-las, de pelo menos tentar dar atenção. Não faz sentido alguém me dizer simplesmente que não entende ou compreende algo sem ao menos tentar dar alguma atenção. É fácil dizer que não conhece, não quer conhecer e tem ojeriza de quem conhece. Não me adianta em nada, não podemos encontrar harmonia nenhuma em atitudes assim. Sou muito crítico comigo mesmo. Raras são as vezes que mostrei tão íntima intimidade. Medo, medo de coisas que nem sei, medo do mundo, medo das pessoas e medo de mim. Pensei que me conhecia. Que engano. Digo engano, porque aquele que conhecia já faleceu e um novo já nasceu. Redescobrimo tudo. Mais, muito mais atento. Atento ao presente, ao agora que jamais sonhara. Sinto-me bem, confiante como quem não precisa mais da mão fraterna ajudando a caminhar. Posso caminhar sozinho em companhia deles. Posso correr, dar cambalhotas e voar. Pensando bem, essas sensações são tão próximas, tão orgânicas que parecem um sonho lúcido. Mas como podemos estar em sonho lúcido? Não sei, mas para poder descrever esses sentimentos, apenas tais palavras acontecem. Recordando meu pretérito não tão distante, lembro de ter motivação para escrever, para me conhecer melhor, para poder elevar a alma e tentar entender o que estava acontecendo. Lembro-me como se fosse agora, mas algo está diferente. Alguma coisa não está mais como era antes, algo mudou. Ainda não entendo o quê, talvez a tranquilidade

reine neste momento. Acho que é algo mais sutil, mais profundo, mais duradouro; algo que naquele momento de minha busca foi importante e já não me lembro mais. Apesar de não me lembrar, tenho a certeza de que já faz parte de mim. Preciso apenas reencontrá-la. E você, tem algo a reencontrar?

E se os meus olhos fogem do presente para o passado, sempre encontram fragmentos e casos espantosos. Não viveria se não fosse um visionário daquilo que há de vir. Um vidente, um voluntário, um criador, um futuro e uma ponte para o futuro, e também, até certo ponto, um aleijado no meio dessa ponte. Todos os meus pensamentos e esforços tendem a condenar e a unir em uma só coisa o que é fragmento e enigma e espantoso azar. Como haveria de suportar ser homem, se o homem não fosse também poeta adivinho de enigmas e redentor do azar?! Vontade! Assim se chama o libertador e o mensageiro da alegria, mas entendam que a própria vontade é ainda escrava. O querer liberta, mas como se chama o que aprisiona o libertador? Impotente, a vontade é para todo o passado um malévolos espectador. A vontade não pode querer parar o que já foi. Não pode aniquilar o tempo. O desejo do tempo é a sua mais solitária aflição. O querer liberta, mas o que há de imaginar o próprio querer para se livrar da sua aflição e zombar do seu cárcere? Todo preso enlouquece. Também loucamente se liberta a vontade cativa. Realmente vive uma grande loucura na nossa vontade, e a maldição de todo o humano é essa loucura haver aprendido a ter *espírito*. Tudo passa, tudo merece passar. A ordem moral das coisas repousa no direito e no castigo. Como pode haver redenção, se há um direito terno? Nenhum fato pode ser destruído, como poderia ser desfeito pelo castigo? Que a vontade acabe por se libertar a si mesma, e que o querer se mude em não querer. Aquele que não quiser morrer de sede deve aprender a beber em todos os vasos, e o que quiser permanecer puro deve aprender a lavar-se em água suja. Prendo-me com cadeias, enquanto do alto me atrai o *Além do Homem*, porque para lá quer ir minha outra vontade. E a alma está tão longe do que é grande, que o *Além do Homem* espantaria com sua bondade. E os sábios fugiriam ante a ardência solar da sabedoria em que banha o *Além do Homem* em sua nudez. Ontem, à hora mais silenciosa, faltou-me o sono, e principiou o sonho. Avançam os ponteiros, o relógio da minha vida respira... Nunca ouvi tamanho silêncio à minha volta. O coração estremecia assombrado. O sangue fugia-me da face. Habito aos pés da minha altura. Até onde se elevam os meus píncaros? Conheço bem os meus vales. Quem precisa transpor montanhas, transpõe também vales e profundidades. A minha palavra ainda não transpôs montanhas, e o que tenho dito não tem chegado até os ouvidos. É verdade que tenho andado por entre as pessoas, mas ainda as não alcancei. Calei-me. É difícil viver entre as pessoas, porque é tão difícil calar-se. Sobretudo para um falador.

Se conselho valesse alguma coisa no mundo em que vivemos, não seria dado assim, de qualquer jeito. Mas vou ser pretensioso o bastante para dar um: importa sim se a pesca vai melhorar no mundo ou na Vila Anselmi, ou se existem fendas onde a Educação Ambiental penetra com suas cunhas, movendo-se subversivamente na contra-hegemonia. Mas o que mais importa é que consegui chegar até aqui, e que se isto é possível, também pode ser passível para qualquer um. Sonhe e viva o sonho. É possível. Pode crer.

5 ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

Tenho consciência do quanto este trabalho necessita ser compartilhado com outras pessoas, para dar continuidade aos seus saltos qualitativos. Acredito que o momento é o agora. Ainda há muito suor e lágrimas para serem derramados e muitos sorrisos a serem ouvidos. Mas tudo tem o seu tempo, e na confluência de vários deles surge este, como uma dissertação de mestrado, a qual precisa passar por uma última qualificação. A sua. Estou ansioso por este momento. Não consigo nem imaginar o que pode acontecer. Não posso deixar de agradecer, de todo o meu coração, a paciência e a perseverança de todos que fizeram e fazem parte da minha vida. Que não desistam e que acreditem no sucesso da auto-realização. Obrigado. Valeu. E a vida continua, por toda a eternidade.

Faça de sua Vida uma rosa a qual fala silenciosamente na linguagem da fragrância.

A Vida é uma ponte sobre o oceano da mudança. Não edifique sua casa sobre ela.

Toda Vida é uma; todos os homens são da mesma linhagem.

A Vida é um campo de batalha com continuada luta pela sobrevivência e pela existência em qualquer palco.

A Vida é uma ponte a nos ajudar no trânsito entre o nascimento para a não morte e da morte para a Eternidade.

A Vida é uma oportunidade, aproveite-a. A Vida é felicidade, deguste-a.

A Vida é um sonho, torne-a realidade. A Vida é um desafio, enfrente-o.

A Vida é um dever, cumpra-o. A Vida é um jogo, jogue-o.

A Vida é preciosa, cuide dela. A Vida é uma riqueza, conserve-a.

A Vida é amor, goze-o. A Vida é uma promessa, cumpra-a.

A Vida é tristeza, supere-a. A Vida é um hino, cante-o.

A Vida é uma luta, aceite-a. A Vida é uma aventura, arrisque-a.

A Vida é Vida, defenda-a.

Sathya Sai Baba

REFERÊNCIAS

- ABHEDANANDA, S. *Como tornar-se yogue*. São Paulo: Pensamento, 1967.
- ANTUNES, C. *Manual de técnicas de dinâmica de grupo de sensibilização de ludopedagogia*. 15. ed., Petrópolis: Vozes, 1998.
- AZAMBUJA, P. *Tahim – A última divisa*. Geografia e história de uma região. Santa Vitória do Palmar: Polygraph Serigrafia & Stillus Artes Gráficas, 2001.
- AZEVEDO, M. N. *Ecologia Mental*. 9. ed. São Paulo: Pensamento, 1999.
- BECKER, D. F. (org.) *Desenvolvimento sustentável: necessidade e/ou possibilidade?*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1997.
- BESANT, A.; LEADBEATER, C. W. *O homem: donde e como veio, e para onde vai?* Tradução de Joaquim Gervásio de Figueiredo. São Paulo: Pensamento, 1995.
- BESANT, A. *Karma, actividad del pensamiento*. Barcelona: Humanitas, 1990.
- _____. *Introdução ao ioga*. Tradução de Fernando de Castro (Fernando Pessoa). 9. ed. São Paulo: Pensamento, 1995.
- _____. *Do recinto externo ao santuário interno*. Tradução de Nair Lacerda. 10. ed. São Paulo: Pensamento, 1995.
- _____. *A vida do homem em três mundos*. Tradução de Ivan de Campos Guimarães. 12. ed. São Paulo: Pensamento, 1997.
- BETITO, R. *Análise comparativa das estratégias de dinâmica populacional entre dois peixes 'r' estrategistas (*Jenynsia lineata* e *Poecilia vivipara*) (Cyprinodontiformes), no estuário da Lagoa dos Patos (RS)*. São Paulo : IOUSP, 1999.
- BLAVATSKY, H. P. *A voz do silêncio*. Tradução de Fernando Pessoa. 2. ed. São Paulo: Ground, 1990.
- _____. *A chave para a teosofia*. Tradução de Célia de Moraes. Brasília: Teosófica, 1991.
- _____. *Síntese da doutrina secreta*. Tradução de Cordélia Alvarenga de Figueiredo. São Paulo: Pensamento, 1992.
- _____. *A doutrina secreta*. Síntese de ciência, filosofia e religião. Vol. VI: Objeto dos mistérios e prática da filosofia oculta. Tradução de Raymundo Mendes Sobral. São Paulo: Pensamento, 1993.
- BOFF, L. *Ethos Mundial*. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

BRANDÃO, D. M. S. ; CREMA, R. *O novo paradigma holístico: ciência, filosofia, arte e mística*. 2. ed. São Paulo: Summus, 1991.

BROWN, L. R. *Un mundo sustentable* – Un enfoque práctico elaborado por el Instituto Worldwatch. Tradução de Liliana Valiante. Buenos Aires: Planeta, 1994.

CAPRA, F.; STEINDL-RAST D. *Pertencendo ao universo* – Explorações nas fronteiras da ciência e da espiritualidade. Tradução de Maria de Lourdes Eichenberger e Newton Roberval Eichenberger. 11. ed. São Paulo: Cultrix/Amaná, 2004.

CAPRA, F. *O tã da física* – um paralelo entre a física moderna e o misticismo oriental. Tradução de José Fernandes Dias. 16. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

_____. *O ponto de mutação*. Tradução de Álvaro Cabral. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

_____. *A teia da vida* – uma nova compreensão dos sistemas vivos. Tradução de Newton Roberval Eichenberger. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

_____. *As conexões ocultas* – Ciência para uma vida sustentável. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

CHENIQUE, F. *O yoga espiritual de São Francisco de Assis* – Simbolismo do Cântico das Criaturas. Tradução de Nair Lacerda. 9. ed. São Paulo: Pensamento, 1993.

COQUET, M. *O senhor do mundo* – Sathya Sai Baba, encarnação do poder supremo. Tradução de Renata Cordeiro. São Paulo: Madras, 1998.

CRAXI, A.; CRAXI, S. *Os Valores Humanos: uma viagem do “eu” ao “nós”*. Tradução de Ítala Nandi. São Paulo: Meca, 1995.

CREMA, R. *Introdução à visão holística: um breve relato de viagem do velho ao novo paradigma*. São Paulo: Summus, 1989.

CRIVELLARO, C. V. L.; NETO, R. M.; RACHE, R. P., *Ondas que te quero mar: Educação Ambiental para comunidades costeiras – Mentalidade marítima: relato de uma experiência*. Porto Alegre: Gestal/NEMA, 2001.

DAWKINS, R. *O gene egoísta*. Tradução de Geraldo H. M. Florsheim. Belo Horizonte: Itatiaia, 1979.

DEMO, P. *Compreender e aprender: sabedoria dos limites e desafios*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

DIAS, G. F. *Educação Ambiental: princípios e práticas*. 5. ed. São Paulo: Global, 1998.

DIEGUES, A. C. *Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001.

DROUOT, P. *Nós somos todos imortais*. Tradução de José Augusto de Carvalho. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.

DROUOT, P. *Cura espiritual e imortalidade*. Tradução de José Augusto de Carvalho. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

_____. *Reencarnação e imortalidade: das vidas passadas às vidas futuras*. Tradução de Yeda Assumpção. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FUNDAÇÃO BHAGAVAN SRI SATHYA SAI BABA DO BRASIL *Mensagens sobre serviço*. 2. ed. Rio de Janeiro: Coordenação Nacional de Serviço, 1997.

GADOTTI, M. *Pedagogia da terra*. 2. ed. São Paulo: Peirópolis, 2000.

GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GREEN, M. *Magia para a era de aquário: um manual moderno de técnicas práticas de magia*. Tradução de Atílio Cancian. 9. ed. São Paulo: Pensamento, 1993.

GUATTARI, F. *As três ecologias*. Tradução de Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 1990.

GUEVARA, A. J. H.; HÖEFFEL, J. L.; VIANA, R. M.; D'AMBROSIO, U. *Conhecimento, cidadania e meio ambiente..* São Paulo: Peirópolis, 1998. (Temas transfereisais, v. 2)

HERMÓGENS, J. *Mergulho na paz*. 23. ed. Rio de Janeiro: Record/Nova Era, 1996a.

_____. *Saúde plena: yogaterapia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record/Nova Era, 1996b.

_____. *Autoperfeição com Hatha Yoga*. 37. ed. Rio de Janeiro: Record/Nova Era, 1997.

HERRIGEL, E. *A arte cavalheiresca do arqueiro zen*. Tradução de J. C. Ismael. 14. ed. São Paulo: Pensamento, 1995.

HESSE, H. *Sidarta*. Tradução de Herbert Caro. 35. ed. Rio de Janeiro: Record, 1994.

HISLOP, J. S. *Conversações com Sathya Sai Baba*. Tradução de Yolanda Ribas. Rio de Janeiro: Fundação Bhagavan Sri Sathya Sai Baba do Brasil, 1996.

HOLLINGS, R. *Meditação transcendental: uma introdução à prática e objetos da MT*. Tradução de Claudete Agua de Melo. São Paulo: Hemus, 1983.

INOUE, A. A.; MIGLIORI, R. F.; D'AMBROSIO, U. *Temas transfereisais e educação em Valores Humanos*. São Paulo: Peirópolis, 1999.

KHAN, H. I. *Mensagem sufi de liberdade espiritual*. Tradução de Helena Passos Rist e Dulce Maria Florence Gosende. Porto Alegre: Hércules, 1994.

KOCH, I. G. V. Discurso e Argumentação. In: _____. *Argumentação e linguagem*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1999.

KRYSTAL, P. *Limite aos desejos*. Tradução da Organização Sri Sathya Sai Baba do Brasil. 3. ed. Rio de Janeiro: Fundação Bhagavan Sri Sathya Sai Baba do Brasil, 1986.

_____. *Sai Baba: a experiência suprema*. Tradução de Alice Xavier de Lima. Rio de Janeiro: Record/Nova Era, 1998.

LANZ, R. *Noções básicas de antroposofia*. 3. ed. São Paulo: Antroposófica, 1990.

LAYRARGUES, Philippe P. *Educação no processo da gestão ambiental: criando vontades políticas promovendo A mudança*. In: SIMPÓSIO SUL BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL, 1., 2002, Erechim. **Anais...** Erechim, 2002.

LEADBEATER, C. W.; BESANT, A. *Vegetarianismo e ocultismo*. Tradução de Marly Winckler. Brasília: Teosófica, 1992.

LEADBEATER, C. W. *O credo cristão*. Tradução de Cordélia Marcondes de Campos. 9. ed. São Paulo: Pensamento, 1993.

_____. *A clarividência*. Tradução de Fernando Pessoa. São Paulo: Pensamento, 1995.

_____. *A mônada: estudos sobre a consciência cósmica*. Tradução de Ingrid Lena Klein. São Paulo: Pensamento, 1995.

_____. *Os Chakras ou os centros magnéticos vitais do ser humano*. Tradução de J. Gervásio de Figueiredo. São Paulo: Pensamento, 1995.

_____. *Os mestres e a senda*. Tradução de Joaquim Gervásio de Figueiredo. São Paulo: Pensamento, 1995.

_____. *Os sonhos: o que são e quais as suas causas*. Tradução de Raymundo Mendes Sobral. São Paulo: Pensamento, 1995.

_____. *O homem visível e invisível: um estudo das variações da aura dos diferentes tipos de indivíduos*. Tradução de Joaquim Gervásio de Figueiredo. São Paulo: Pensamento, 1995.

_____. *Auxiliares invisíveis*. São Paulo: Pensamento, 1997.

_____. *O lado oculto das coisas*. Tradução de Raymundo Mendes Sobral. São Paulo: Pensamento, 1998.

LOVELOCK, J. *Gaia - A prática científica da medicina planetar*. Tradução de Jorge Domingues Nogueira. Lisboa: Instituto Piaget, 1991a.

_____. *As eras de gaia: a biografia da nossa Terra viva*. Tradução de Beatriz Sidou. Rio de Janeiro: Campus, 1991b.

MACHADO, J. C. F. *Amor e mudança*. Belo Horizonte: Fênix, 1996.

MARTINELLI, M. *Conversando sobre Educação em Valores Humanos*. São Paulo: Peirópolis, 1999.

- MASON, P.; LAING R. *Sai Baba, a reencarnação do amor*. Tradução de Beatriz Penna. Rio de Janeiro: Record / Nova Era, 1999.
- MAY, R. *O homem à procura de si mesmo*. Tradução de Áurea Brito Weissenberg. 22. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.
- MIGLIORI, R. *Paradigmas e educação*. São Paulo: Aquariana, 1993.
- MIGLIORI, R. F; et al. *Ética, Valores Humanos e transformação*. São Paulo: Peirópolis, 1998. (Temas transversais, v. 1)
- MINAYO, M. C. de S. (org.). *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MONROE, R. A. *A última jornada*. Tradução de Consuelo Pamplona. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- MORAES, R. *Pesquisa no curso de mestrado: encaminhamento de uma dissertação*, 2000 a.
- _____. *Pesquisa no curso de mestrado: encaminhamento de uma dissertação*, 2000b. No prelo.
- _____. *Mergulhos discursivos: análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos*, 2001a. No prelo.
- _____. *Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual qualitativa*, 2001b. No prelo.
- MORIN, E. *Ciência com consciência*. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.
- _____. *Educação da complexidade: os sete saberes e outros ensaios*. In: ALMEIDA, Maria da Conceição de; CARVALHO, Edgard de Assis (orgs.). São Paulo: Cortez, 2002a.
- _____. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002b.
- MORIN, E.; MOIGNE J. L. *A inteligência da complexidade*. Tradução de Nurimar Maria Falci. 2. ed. São Paulo: Peirópolis, 2000.
- MORRIS, D. *O contrato animal*. Tradução de Lucia Simonini. Rio de Janeiro: Record, 1990.
- _____. *O macaco nu*. Tradução de Hermano Neves. 14. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- MOURA, A. C. O. S. *Sensibilização: diferentes olhares na busca dos significados*. 2004. 102 f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) - Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2004.
- MURPHET, H. *Sai Baba, o homem dos milagres*. Tradução de José Hermógenes. 7. ed. Rio de Janeiro: Record/Nova Era, 1995.

MURPHET, H. *Trilhando o caminho com Sai Baba*. Tradução de Roberta Valle. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

NAVARRO, P.; DIAZ, C. Analisis de contenido. In: DELGADO, J.M.; GUTIERREZ, J. *Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales*. Madrid: Síntesis, 1994.

NIETZSCHE, F. *Assim falou Zarathustra*. Tradução de Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2004.

NOAL, F. O.; BARCELOS, V. H. L. (orgs.) *Educação Ambiental e cidadania: cenários brasileiros*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

NOAL, F. O.; REIGOTA, M.; BARCELOS, V. H. L. (orgs.) *Tendências da Educação Ambiental brasileira*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998.

NÓBREGA, C. *O glorioso acidente – a ciência e o acaso da mente. Einstein x Frankenstein. O eterno combate – razão x instinto*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1998.

O'CONNOR, J.; SEYMOUR J. *Introdução à programação neurolinguística: como entender e influenciar as pessoas*. Tradução de Heloísa Martins Costa. São Paulo: Summus, 1995.

OLABUENAGA, J. I. R.; Espizua, M. A. *La descodificación de la vida cotidiana-métodos de investigación cualitativa*. Bilbao: Universidad de Deusto, 1989.

OUSPENSKY, P. D. *Um novo modelo do universo: princípios do método psicológico aplicado aos problemas da ciência, da religião e da arte*. Tradução de Daniel Camarinha. 10. ed. São Paulo: Pensamento, 1995.

PATEL, K.; AMIN, V. C. *Yoga da ação – a importância do serviço desinteressado*. Tradução da Organização Sri Sathya Sai Baba do Brasil. Rio de Janeiro: CC&P, 2001.

PECOTCHE, C. B. G. *Curso de iniciação logosófica: estudo e prática dos conhecimentos que o informam*. 12. ed. São Paulo: Logosófica, 1995.

PERCHERON, M. *Buda e o budismo – Mestres espirituais*. Tradução de Ruy Flores Lopes. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Agir, 1968.

PETRAGLIA, I. C. *Olhar sobre o olhar que olha: complexidade, holística e educação*. Petrópolis: Vozes, 2001.

POWELL, A. E. *O corpo mental*. Tradução de Nair Lacerda. 9. ed. São Paulo: Pensamento, 1995.

PREMANANDA, S. *Os sete feriados místicos*. Tradução de Celso Vinícius de Araújo Pinto (Achariya). São Paulo: Ícone, 1994.

PROPHET, M. L.; PROPHET, E. C. *A alquimia de Saint Germain*. Tradução de Terezinha Batista dos Santos. 6. ed. Rio de Janeiro: Record/Nova Era, 1997.

PUEBLA, E. *Educar com o coração: uma educação que desenvolve a intuição*. Tradução de Patrícia Caffarena Celani Chnee. São Paulo: Peirópolis, 1997.

QUINN, D. *Ismael: um romance da condição humana*. Tradução de Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Peirópolis, 1998.

_____. *Meu Ismael: o fenômeno continua*. Tradução de Celso Nogueira. São Paulo: Peirópolis, 1999.

_____. *A história de B: uma aventura da mente e do espírito*. Tradução de Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Peirópolis, 2000.

_____. *Além da civilização: a próxima grande aventura da humanidade*. Tradução de Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Peirópolis, 2001.

RAO, M. N. *God and his gospel*. Índia: Sai Towers, 1995.

RIBEIRO, M. A. *Ecologizar: pensando o ambiente humano*. Belo Horizonte: Rona, 2000.

ROHDE, G. M. *Epistemologia ambiental: uma abordagem filosófico-científica sobre a efetuação humana alopoiética*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

ROHDEN, H. *O sermão da montanha*. 6. ed. São Paulo: Alvorada, 1980.

ROLDÃO, L. B. *Cooperativismo e a Economia Popular Solidária*. 2004. 96 f..Monografia (Conclusão do Curso de Direito) - Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2004.

RUSSELL, P. *O despertar da Terra – O cérebro global*. Tradução de Carlos Afonso Malferrari. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

SANDWEISS, S. H. *Sai Baba – O homem santo... e o psiquiatra*. Tradução da Organização Sri Sathya Sai Baba do Brasil. Rio de Janeiro: Gayathri, 2002.

SATHYA, S. B. *Sadhana, o caminho interior: os ensinamentos luminosos de Sai Baba*. Tradução de José Hermógenes. 4. ed. Rio de Janeiro: Record/Nova Era, 1996.

_____. *O fluir da canção do Senhor: Gita Vahini – a interpretação da Bhagavad-gita por Sai Baba*. Tradução de José Hermógenes. Rio de Janeiro: Record/Nova Era, 1999.

SAUNIER, J. *A Sinarquia: ou o velho sonho de uma sociedade nova*. Tradução de Antônio Sabler. Lisboa: Edições 70, 1979.

SECCA, L. *Sandhya: cantos e mantras do Ashram de Sai Baba*. Tradução de Sérgio M. Cernea. São Paulo: Madras, 2001.

SOUSA, W.; VILLARES, M. R. S. *Para onde caminha o líder – uma nova visão de liderança*. 10. ed. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1998.

STEVENS, B. *Não apresse o rio: ele corre sozinho*. Tradução de George Schlesinger. 14. ed. São Paulo: Summus, 1978.

TELLEGEN, T. A. *Gestalt e grupos: uma perspectiva sistêmica*. 2. ed. São Paulo: Summus, 1984.

THAKAR, V. *Meditação: uma maneira de viver*. Tradução de Nilda Augusto Pinto. 9. ed. São Paulo: Pensamento, 1999.

TRUNGPA, C. *Meditação na ação*. Tradução de Cláudia Gerpe Duarte. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

VARELA, F. J.; THOMPSON, E.; ROSCH, E. *The embodied mind: cognitive science and human experience*. Cambridge: The MIT Press, 2000.

VELASCO, S. L. *Reflexões sobre a filosofia da libertação*. Campo Grande: CEFIL, 1991.

_____. *Ética de la liberacion*. Campo Grande: CEFIL, 1996.

_____. *Ética para o século XXI – rumo ao ecomunitarismo*. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

WEIL, P. *Nova linguagem holística: pontes sobre as fronteiras das ciências físicas, biológicas, humanas e as tradições espirituais*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.

_____. *A morte da morte: uma abordagem transpessoal*. Tradução de Regina Fittipaldi. São Paulo: Gente, 1995.

WHITE, R.; SWAINSON, M. *Sete viagens interiores*. Tradução de Maio Miranda. São Paulo: Pensamento, 1978.

YOGANANDA, P. *Autobiografia de um iogue*. Tradução de Adelaide Petters Lessa. São Paulo: Summus, 1981.